Charles Spurgeon

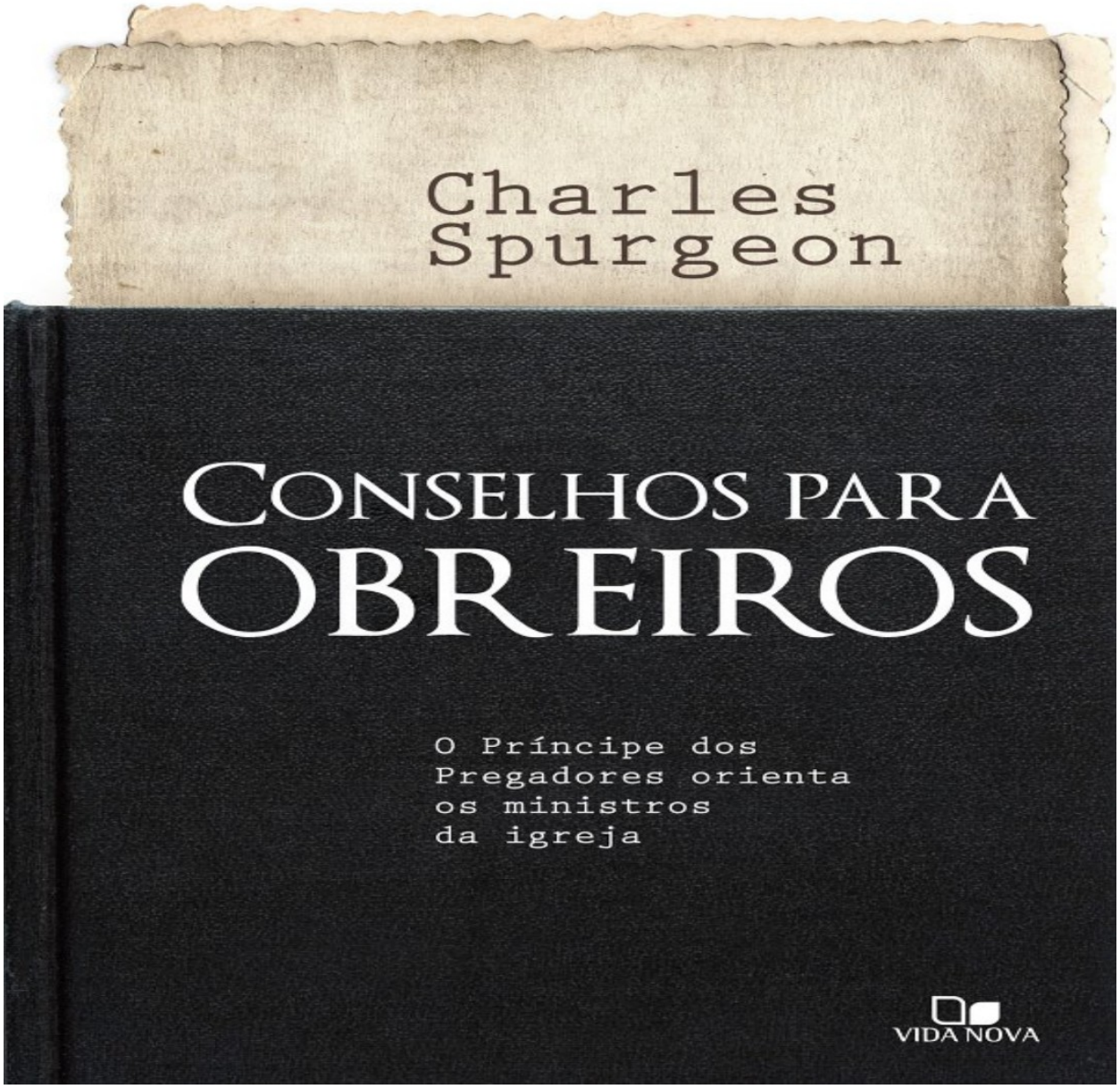
Conselhos para Obreiros

O Príncipe dos Pregadores orienta os ministros da igreja

VIDA NOVA

Table of Contents

Capa
Sumário
1. Um homem zeloso
2. Anjos visitam Sodoma
3. Obreiros bem-sucedidos
4. Gigantes e anões
5. Obediência
6. “Apenas esforça-te e sê corajoso”
7. Conforme a vossa fé
8. O tipo de obreiro que Deus procura
9. Um novo convertido e obreiro bem-sucedido
10. “Servindo de boa vontade como se servissem ao Senhor”
11. Um grande líder e bons soldados
12. Na escola dominical
13. O trabalho árduo e sua recompensa
14. Uma leitura proveitosa
15. “A colheita é grande”
16. Salve as crianças
17. Salve uma alma da morte
18. Restaurando aqueles que erraram
19. Os que semeiam em lágrimas


Charles
Spurgeon
CONSELHOS PARA
OBREIROS
O Príncipe dos
Pregadores orienta
os ministros
da igreja
VIDA NOVA

CONSELHOS PARA OBREIROS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Spurgeon, Charles H.
Conselhos para obreiros: o Príncipe dos Pregadores orienta os ministros da igreja / Charles H. Spurgeon; tradução de

ePub
ISBN ?????? (recurso eletrônico)
Título original: Words of counsel for Christian workers
1. Sacerdócio 2. Conselhos para igreja 3. Sermões 4. Pregação I. Título II. Santos, Daniel III. Marques, Lucília
15-0588

Índices para catálogo sistemático:
1. Sacerdócio

Charles
Spurgeon

Conselhos para Obreiros

O Príncipe dos
Pregadores orienta
os ministros
da igreja

Tradução
Daniel Santos
Lucília Marques (caps. 7, 12, 15 e 19)

VIDA NOVA

©2015, de Edições Vida Nova
Título do original: Words of counsel for Christian workers.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Almeida Século 21* (A21), salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Lucília Marques
Marcia B. Medeiros
Magno Paganelli

REVISÃO DE PROVAS
Josemar de Souza Pinto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO E E-BOOK
Felipe Marques

CAPA
Souto Crescimento de Marca

Sumário

1. Um homem zeloso
2. Anjos visitam Sodoma
3. Obreiros bem-sucedidos
4. Gigantes e anões
5. Obediência
6. “Apenas esforça-te e sê corajoso”
7. Conforme a vossa fé
8. O tipo de obreiro que Deus procura
9. Um novo convertido e obreiro bem-sucedido
10. “Servindo de boa vontade como se servissem ao Senhor”
11. Um grande líder e bons soldados
12. Na escola dominical
13. O trabalho árduo e sua recompensa
14. Uma leitura proveitosa
15. “A colheita é grande”
16. Salve as crianças
17. Salve uma alma da morte
18. Restaurando aqueles que erraram
19. Os que semeiam em lágrimas

1

Um homem zeloso

Meia dúzia de palavras ditas por uma mãe carinhosa a um menino que está prestes a sair de casa para iniciar um aprendizado podem cair como suave orvalho do céu sobre ele. Algumas frases de um pai amável e prudente, ditas à filha ainda não convertida, quando ela inicia sua vida de casada, e a seu marido, gentil e carinhosamente escolhidas, podem fazer daquele lar uma casa de Deus para sempre. Uma palavra gentil de um irmão para sua irmã, uma breve carta escrita por uma irmã para seu irmão, mesmo que seja apenas uma linha ou duas, pode ser a seta da graça de Deus. Já vi até mesmo coisas pequenas como uma lágrima ou um olhar ansioso operarem maravilhas.

Talvez você já tenha ouvido a história de Whitefield — que, sempre que se hospedava na casa de alguém, costumava conversar sobre o futuro da alma de cada membro da família anfitriã — pessoalmente com cada um deles. Entretanto, certa vez pernoitou na casa de um coronel que era tudo o que alguém poderia desejar, menos cristão. Whitefield ficou tão satisfeito com a hospitalidade e tão encantado com as qualidades do bom coronel, de sua esposa e de suas filhas, que achou muito difícil lhes dizer que tinham que tomar uma decisão a respeito de Jesus, algo que não teria sentido se eles tivessem sido menos amistosos. Ali ele ficou por uma semana, e durante sua última noite o Espírito de Deus o visitou, de modo que não conseguiu dormir. "Essas pessoas", disse ele, "têm sido muito amáveis comigo, e eu não tenho sido fiel com elas; tenho de dizer que, apesar de todas as suas boas qualidades, se não crerem em Cristo estarão perdidas". Então, se levantou e orou.

Após orar, ainda havia luta em seu espírito. Sua velha natureza dizia: "Não posso fazer isso". Mas o Espírito Santo parecia dizer: "Não saia daqui sem antes avisá-los do perigo". Finalmente, pensou em um artifício e orou a fim de que Deus aceitasse sua ideia. Ele pegou seu anel e escreveu com ele as seguintes palavras, em um dos losangos de vidro da janela de caixilhos de

chumbo: “Falta-lhes uma coisa”. Ele não conseguiu falar com a família, mas seguiu seu caminho, orando muito pela conversão daquelas pessoas.
Pouco depois de ele ter saído, a boa senhora anfitriã da casa — grande admiradora de Whitefield — disse: “Vou até o quarto de hóspedes, pois quero ver o lugar em que o homem de Deus ficou”. Ao chegar no quarto, viu o que ele tinha escrito na vidraça: “Falta-lhes uma coisa”. Aquelas palavras a tocaram imediatamente com a convicção do arrependimento. “Ah!”, exclamou. “Pensei que ele não havia se preocupado muito conosco, porque sabia que, por onde quer que ele passe, argumenta com seus anfitriões, e não havia feito assim conosco. Cheguei a pensar que havíamos irritado o sr. Whitefield, mas agora percebo como ele foi amável conosco, falando-nos dessa maneira.”
Em seguida chamou suas filhas: “Subam, meninas. Vejam o que o homem de Deus escreveu na vidraça: ‘Falta-lhes uma coisa!’. Chamem seu pai”. O coronel subiu ao aposento de hóspedes e também leu a frase: “Falta-lhes uma coisa!”. Assim, ao redor da cama onde o homem de Deus havia dormido, ajoelharam-se e pediram a Deus que lhes desse a coisa que faltava. E, ali mesmo, antes que deixassem o quarto, encontraram o que lhes faltava; e toda aquela família pôde regozijar-se em Jesus.
Não faz muito tempo, encontrei-me com um amigo em cuja igreja há uma irmã que preserva aquele pedaço de vidro como herança de família. Se você não conseguir aconselhar ou admoestar uma pessoa de uma maneira, faça-o de outra. Cuide para que sua alma não fique manchada com o sangue de seus parentes e amigos; e cuide-se para que nunca macule suas vestes e seja acusado diante do tribunal de Deus. Por esta razão, viva, fale e ensine, de um ou de outro modo, e seja sempre fiel a Deus e à alma dos homens.
O zelo frequentemente conduz à prudência e coloca um homem na posição de domínio do discernimento, senão do talento. André usou a habilidade que possuía. Se tivesse sido como alguns de meus jovens amigos, teria dito: “Eu deveria servir a Deus. Ah, como gostaria de pregar! E eu deveria exigir que me dessem uma grande congregação para pastorear”. Bem, existe um púlpito em cada rua de Londres, e a maior porta para pregação é esta grande cidade sob o divino céu azul. Entretanto, esse jovem zelote preferiria assumir um cargo mais fácil do que pregar ao ar livre; e, como não é convidado para os grandes púlpitos, nada faz.
Como seria melhor se, como André, ele começasse a usar sua habilidade entre aqueles que lhe são acessíveis e então desse um passo em direção a algo maior, e daí para outra coisa, e assim avançasse, ano a ano! Se André

não tivesse usado os meios que tinha para converter seu irmão, provavelmente nunca teria sido um apóstolo. Cristo deve ter tido suas razões para escolher aqueles apóstolos para o seu serviço. Talvez o grande fundamento da escolha de André tenha sido o fato de ele ter sido um homem zeloso. Jesus talvez tenha pensado: “André trouxe-me Simão Pedro; sempre está falando com as pessoas individualmente. Farei dele um apóstolo”.

Leitor, se você for dedicado na distribuição de folhetos e diligente na escola dominical, provavelmente poderá se tornar um ministro; mas, se não quiser fazer nada enquanto não puder fazer tudo, permanecerá inútil para o corpo — um estorvo para a igreja, em vez de um ajudador.

Queridas irmãs em Cristo, nenhuma de vocês deve pensar que não tem condições de fazer nada. Esse é um erro que Deus não comete. Cada uma de vocês deve possuir algum talento que lhe foi confiado e uma tarefa que ninguém mais pode fazer. Descubra qual é a sua esfera de atuação e ocupe-se. Peça a Deus que lhe diga qual é o seu lugar e permaneça ali, ocupando-o até que Jesus Cristo venha e a recompense. Use sua habilidade e use-a já.

André demonstrou sua sabedoria ao valorizar uma única alma. Dedicou todos os seus esforços, inicialmente, a um só homem. Depois, sob o comando do Espírito Santo, foi útil a muitos; mas começou com um. Que tarefa para um aritmético, calcular o valor de uma alma! Uma alma vale todos os sinos celestiais tocando por seu arrependimento. Um pecador que se arrepende faz que os anjos se regozijem. O que aconteceria se passasse toda a vida trabalhando e suplicando pela conversão de uma criança? Se você ganhar esta pérola, sua vida já terá valido a pena. Não seja tolo e não fique desestimulado por causa de números ou por causa da massa que rejeita seu testemunho. Se um homem conseguir ganhar um em um dia, pode dar-se por satisfeito. “Um o quê?”, você poderia perguntar. Não estou falando de um centavo, mas de um milhão de libras. “Ah! Aí, sim, seria uma imensa recompensa!”, diria você. Portanto, se ganhar apenas uma alma, você deve saber quanto vale aquele “um”; é uma unidade no que se refere a números, porém seu valor excede, toda a terra. Que lucro um homem teria se ganhasse o mundo inteiro e perdesse a sua alma? E que perda você teria se perdesse o mundo todo e ganhasse a sua alma, e Deus ainda o capacitasse para ganhar outras almas? Alegre-se e trabalhe *em seu campo*, mesmo que pequeno, e mostre sua sabedoria.

Você pode imitar André não indo muito longe para ganhar almas. Muitos cristãos fazem o seu melhor há dez quilômetros de casa, quando o tempo

que levam para ir até lá e voltar provavelmente deveria ser gasto trabalhando na própria vinha. Não creio que as autoridades estaduais estariam baixando um decreto muito inteligente se pedissem aos cidadãos da cidade A que ajudassem a tirar a neve das calçadas da cidade B, e aos cidadãos da cidade B que mantivessem limpas as calçadas da cidade A. Seria melhor e mais conveniente se cada chefe de família limpasse a própria calçada. É nosso dever cristão fazer todas as obras que pudermos no lugar onde Deus nos colocou, principalmente no nosso lar.

Se todo homem tem direitos sobre mim, muito mais direitos têm meus filhos. Se toda mulher tem alguma exigência sobre mim quanto à salvação de sua alma — até onde sou capaz de ajudar — muito mais direito têm os da minha carne e do meu sangue. A piedade deve começar em casa, bem como a caridade. O convite à conversão deveria começar com aqueles que nos são mais próximos e com quem temos vínculos. Eu o encorajo não a ser um missionário na distante Índia, nem a olhar com misericórdia para a África, nem ocupar-se em demasia com o povo católico e com os pagãos, mas sim com seus filhos, sua carne e seu sangue, seus vizinhos e amigos. Levante seu clamor aos céus por eles e só depois pregue entre as nações. André foi para a Capadócia após a morte de Cristo, mas começou com seu irmão; e você poderá trabalhar onde desejar nos anos vindouros, mas, antes de tudo, trabalhe com sua família — aqueles que estão sob a sua sombra devem receber o seu cuidado primeiramente. Seja sábio. Use a habilidade que tem e use-a com aqueles que estão mais próximos.

Talvez alguém esteja pensando: “Como André persuadiu Simão Pedro a seguir Cristo?”. Ele primeiro contou sua experiência e disse: “Achamos o Messias”. Conte aos outros o que já experimentou de Cristo! André fez isso de uma forma inteligente, explicando a Pedro o que havia encontrado. Ele não disse que havia encontrado alguém que o havia impressionado, mas que ele não sabia quem era; ele disse que havia encontrado o Messias, isto é, Cristo. Tenha o evangelho claro em sua mente, e também sua experiência com ele, e então fale das boas-novas com aqueles cuja alma você quer alcançar. André teve poder sobre Pedro por causa de sua decisão pessoal e convicção. Ele não disse: “Espero ter encontrado o Messias”, mas sim: “Eu o encontrei”. Tinha certeza disso. Tenha total segurança da sua salvação. Não há arma mais poderosa que essa. Seja positivo quanto à sua experiência e certeza, pois isso o ajudará.

André teve poder sobre Pedro porque foi zeloso na apresentação das boas-novas. Ele não falou com Pedro como se estivesse conversando sobre um

fato trivial: “O Messias chegou”. Mas comunicou a Pedro esta mensagem importantíssima com todos os gestos, tons e determinação indubitáveis: “Encontramos o Messias chamado Cristo”. Fale sobre sua fé, suas alegrias e convicções à sua parentela. Diga a todos, afirmando a verdade, e ninguém neste mundo poderá dizer que Deus não abençoará a sua obra.

André ganhou a alma de seu irmão. E que grande tesouro ele ganhou! Aquele homem não era outro senão Simão, o mesmo que, quando a primeira rede do evangelho foi lançada, ganhou três mil almas em uma única pregação, em um único lançar de rede! Pedro, um príncipe na igreja cristã, um dos poderosos servos do Senhor, foi um conforto para André. Fico imaginando o que André diria em seus dias de dúvida e temor: “Bendito seja Deus que transformou Pedro em uma pessoa tão útil. Bendito seja Deus que me levou um dia a falar com Pedro! O que eu não consigo fazer, Pedro ajudará a fazer; e, embora reconheça a minha incapacidade, sinto-me grato porque meu querido irmão Pedro tem a honra de levar muitas almas a Cristo”. Seus dedos estão prontos a provar o êxtase da lira da vida de um coração que até agora não havia louvado a Cristo. Você está pronto para acender a chama que iluminará o sacrifício sagrado de uma vida consagrada a Cristo. Seja ativo para o Senhor Jesus; seja insistente e ore; seja piedoso e sacrifique-se. Não tenho dúvidas de que, quando provarmos nosso Deus por meio da oração, ele derramará sobre nós bênçãos sem medida.

2

Anjos visitam Sodoma

Todo crente deve ser um embaixador do céu. “Assim como o Pai me enviou”, disse o Bem-Amado, “também eu vos envio” (Jo 20.21). Vocês são enviados com a missão de reunir as ovelhas perdidas da casa de Israel e, tal como seu Mestre, buscar e salvar o que estava perdido. Falo solenemente a vocês que têm chorado sobre Jerusalém e que estão provando seu verdadeiro amor às almas com todo o esforço que fazem por elas. Quero lembrá-los de que procurar salvar os homens é um trabalho glorioso e que, por essa causa, vocês devem estar sempre dispostos a suportar os maiores inconvenientes.

Os anjos não hesitaram quando convocados a ir a Sodoma. Obedeceram sem objeção e foram realizar sua tarefa sem demora. Embora o relato a respeito da iniquidade detestável de Sodoma tenha subido aos céus, e o Senhor não suportasse mais aquela cidade imunda, ainda assim os anjos não hesitaram em descer da pureza dos céus para observar a maldade de Sodoma. Deus os enviou, e eles não falharam. “Os dois anjos chegaram a Sodoma no fim da tarde” (Gn 19.1). O quê? *Anjos*? Anjos chegaram a Sodoma? *Sodoma* e anjos? Sim, anjos; e que não se tornaram menos angelicais por terem ido a Sodoma — pelo contrário! Ainda mais angelicais foram, porque, em obediência incondicional ao comando supremo de seu Senhor, buscaram o eleito e sua família para livrá-los da iminente destruição. Por mais perto que esteja de Cristo, por mais que seu caráter se assemelhe ao de seu Senhor, quem é chamado para tal serviço nunca deve dizer: “Não posso falar com essas pessoas; elas são depravadas e corrompidas demais. Não posso entrar naquele antro de pecado para falar-lhes a respeito de Cristo; fico enojado só em pensar no assunto; é muito revoltante”. Como vocês são necessários naquele lugar, homens de Deus; ali devem ser encontrados. A quem o médico deveria atender, senão o doente? E onde o misericordioso encontra um campo de trabalho adequado, senão entre aqueles cuja destituição

espiritual é extrema? Cada um de vocês seja um anjo de misericórdia, e Deus os ajudará a salvar almas.

Visto que já receberam Cristo no coração, imitem-no em sua vida. Que a mulher pecadora receba sua bondade, porque Jesus olhou para ela com misericórdia; que o homem mais perverso seja encontrado, porque Jesus expulsou seus demônios; não considerem nenhum tipo de pecado, por mais terrível que seja, indigno de sua compaixão ou de seus esforços, mas busquem os mais afastados, os que vagueiam pelo mundo e arranque-os das chamas que os destroem.

Quando abordarem as almas perdidas, façam o que fizeram aqueles anjos: digam-lhes francamente qual é sua condição e o perigo que estão correndo. "Levantai-vos, saí deste lugar, porque o SENHOR irá destruir a cidade", disseram eles. Se vocês realmente desejam salvar almas, devem dizer-lhes a grande verdade — que é desagradável. A pregação a respeito da ira divina é vista com escárnio hoje em dia, e até mesmo boas pessoas parecem meio envergonhadas quando tocam nesse assunto. O sentimentalismo barato em relação ao amor e à bondade praticamente silenciou toda e qualquer exposição e admoestação clara e objetiva do evangelho. Mas, se esperamos que as almas sejam salvas, temos de declarar incansavelmente, com fidelidade amorosa, o castigo do Senhor.

"Bem", disse o jovem escocês quando ouviu o ministro dizer à congregação que não havia inferno, ou, se for o caso, somente uma punição temporária. "Bem", disse ele, "não preciso mais ouvir este homem, pois, se for como ele disse, está tudo certo, e a religião não serve para nada. E, se for o contrário do que ele disse, então não devo ouvi-lo também, porque ele me enganará".

Diz o apóstolo: "Portanto, sabendo o que significa temer o Senhor, procuramos convencer os homens" (2Co 5.11). Não permitamos que as sensibilidades modernas nos impeçam de falar claro. Deveríamos, por acaso, ser mais gentis que os apóstolos e mais sábios que os pregadores inspirados da Palavra de Deus? Se as imagens tenebrosas do juízo dos pecadores ainda não assombram nossa mente, então não estamos aptos a pregar aos não convertidos. Nunca devemos persuadir os homens se não tivermos coragem de falar-lhes sobre o julgamento e a condenação dos injustos. Ninguém é tão infinitamente gracioso como nosso Senhor Jesus, porém nenhum pregador jamais proferiu palavras tão aterradoras quanto ele. Foi ele quem falou do lugar "onde o verme não morre e o fogo não se apaga" (Mc 9.44). Foi ele quem disse "estes irão para o castigo eterno". Foi ele quem contou a parábola do homem que estava no inferno e ansiava por uma gota de água

para refrescar a língua (Lc 16.24). Devemos ser francos como Cristo foi — tão honestos e diretos quanto ele, ao falarmos à alma dos homens — ou, no final, podemos ser chamados a prestar contas pela nossa infidelidade. Se animarmos nossos amigos com sonhos tolos que minimizam a punição futura, eles nos detestarão eternamente por lhes termos iludido e, no mundo das angústias, invocarão maldições espirituais sobre nós por lhes termos dito apenas coisas agradáveis de se ouvir, ocultando a dura realidade.

Depois de termos dito carinhosa e claramente ao pecador que o salário do pecado é a morte e que o terror lhe sobrevirá por causa de sua incredulidade, devemos ir mais longe e exortar o culpado, em nome de nosso Senhor Jesus, a escapar da destruição merecida. Os anjos, embora entendessem que Deus elegera Ló para ser salvo, não omitiram uma única exortação nem deixaram que a obra se fizesse sozinha, como se fosse por predestinação sem instrumentalidade. Eles disseram: “Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que aqui estão, para que não morras no castigo da cidade” (Gn 19.15). Como é impressionante cada uma dessas admoestações! Que força e intensidade de amor brilha em cada apelo! “Foge, salva tua vida; não olhes para trás, nem pares em lugar nenhum desta planície; foge lá para o monte, para que não morras” (Gn 19.17). Cada palavra usada é rápida e poderosa, decisiva e objetiva. As almas anseiam por uma argumentação criteriosa e exortação amorosa que as convença a escapar da própria ruína. Fossem elas sábias, a mera informação sobre o perigo que correm seria suficiente, e a perspectiva de uma fuga feliz seria o bastante; mas elas, como são totalmente imprudentes — como vocês e eu bem sabemos, pois já fomos exatamente como elas —, devem ser instadas, persuadidas e convencidas a olhar para o Crucificado para que sejam salvas. Nós nunca teríamos vindo a Cristo se um constrangimento divino não tivesse sido posto sobre nós; e elas também não irão. Esse constrangimento geralmente vem por instrumentalidade; procuremos ser esses instrumentos. Se não fosse pelas vozes fervorosas que pregaram para nós e pelos professores dedicados que nos mostraram o caminho até a cruz, nós nunca teríamos vindo. Vamos, portanto, pagar a dívida que temos para com a igreja de Deus e procurar, no que depender de nós, fazer aos outros como Deus, em sua misericórdia, fez conosco. Empenhem-se em persuadir os homens usando todo o seu poder de raciocínio e argumentação, salgando tudo com lágrimas de afeto. Não deixe que quaisquer noções doutrinárias fiquem no caminho da livre persuasão quando estiver lidando com a mente dos homens, pois a sã doutrina está em perfeita harmonia com isso.

Lembro-me de que houve muitas críticas a um de meus sermões, “Constranja-os a entrar”, em que preguei com muita ternura pelas almas. Disseram que o sermão era arminiano e contrário à sã doutrina. Pouco me importa ser julgado pelos homens, pois meu Mestre pôs seu selo sobre aquela mensagem; nunca preguei um sermão em que tantas almas fossem ganhas para Deus, como nossas reuniões na igreja podem atestar. E em todos os lugares onde o sermão foi divulgado, pecadores foram salvos por meio de sua instrumentalidade. Portanto, se é vil exortar os pecadores, eu me proponho ser mais vil ainda. Creio tão firmemente nas doutrinas da graça quanto qualquer homem vivo e sou um verdadeiro calvinista, segundo a ordem do próprio João Calvino. Mas, se rogar ao pecador que tome posse da vida eterna é errado, errarei ainda mais a esse respeito, seguindo o exemplo de meu Senhor e de seus apóstolos, que, embora ensinassem que a salvação é pela graça, e somente pela graça, não temiam falar aos homens como seres racionais e agentes responsáveis, exortando-os a se esforçarem “por entrar pela porta estreita” e trabalharem “não pela comida que se acaba, mas pela comida que permanece para a vida eterna”.

Apeguem-se à grande verdade da eleição no amor e da soberania divina, mas não permitam que isso se transforme em grilhões quando, no poder do Espírito Santo, vocês se tornarem pescadores de homens.

Quando as palavras não forem suficientes — e muitas vezes não serão —, deve-se adotar outras formas de persuasão: “Então os homens pegaram pela mão a ele, sua mulher e suas filhas” (Gn 19.16). Tenho muita fé nas interações diretas com as pessoas, sob a direção de Deus; a evangelização pessoal, pelo poder do Espírito Santo faz maravilhas. Tomar um homem pela mão enquanto fala com ele, pode ser um gesto sábio e útil, pois se conseguir segurar sua mão e mostrar diante de Deus a sua ansiedade, rogando por ele, Deus abençoará essa obra. É bom lançar suas palavras no fundo da alma, de uma maneira calma, séria e quando o homem estiver só — assim como se jogam pedras em um poço. Muitas vezes, essa estratégia é eficaz e surte efeito onde o pregador com seu sermão não teve sucesso.

Se você não conseguir ganhar os homens com palavras, deve perguntar a si mesmo: “O que posso fazer?”. Depois, vá até a presença do Senhor e faça a mesma pergunta. Pela perseverança do seu zelo, você deve conseguir levá-lo à reflexão. Assim como a mulher, por sua insistência e perseverança, dobrou o juiz injusto, também vocês, por sua contínua perseverança e anseio, façam que eles se cansem de seus pecados e deem atenção às suas palavras, nem que seja apenas para se livrarem de vocês. Se não

conseguirem alcançá-los porque não querem ler a Bíblia, coloque um bom livro em suas mãos, e pode ser que esse livro lhes diga coisas que vocês não conseguem dizer. Também podem escrever-lhes uma carta curta, porém sincera, e dizer-lhes como vocês se sentem. Podem continuar orando por eles; podem sacudir o braço divino e suplicar ao Altíssimo que os resgate.

Há casos em que, quando tudo mais falhou, uma lágrima, uma lágrima de amor desapontado fez a obra. Creio que foi o sr. Knill que, um dia, ao distribuir folhetos aos soldados, encontrou um homem que o amaldiçoou e disse aos seus companheiros de batalhas: “Vamos fazer uma roda em volta dele, e pararemos esta distribuição de uma vez por todas”. Então ele praguejou e amaldiçoou Knill de tal maneira que este, não tendo como escapar, irrompeu em lágrimas. Anos depois, quando pregava nas ruas, um granadeiro veio até ele e disse:
— Sr. Knill, lembra de mim?
— Não, não lembro; acho que nunca o vi.
— Não se lembra de um soldado que o rodeou com seus companheiros e não deixou que distribuísse seus folhetos?
— Não, não me lembro — disse Knill.
— Bem, naquele dia, o senhor chorou muito e, quando cheguei em casa, aquelas lágrimas me comoveram, porque vi que era sincero e senti vergonha de mim mesmo. Hoje, prego o mesmo Jesus que um dia desprezei”. Oh, que vocês possam ter um amor tão grande pelos pecadores perdidos, que consigam suportar suas censuras e repulsas, e lhes digam: “Batam-me se quiserem, mas ouçam-me; ridicularizem-me, mas ainda assim eu rogarei por vocês; pisem em mim como se eu fosse escória, mas de qualquer forma não deixarei que pereçam, se puder avisá-los do perigo que estão correndo”.
Devemos nos lembrar de que somos os mensageiros da misericórdia de Deus para com os filhos dos homens. “Sendo o SENHOR misericordioso com ele.” Não foram os anjos que tiveram a ideia de ir até Ló; eles eram a personificação e exibição exterior da misericórdia de Deus. Os cristãos de todo o mundo deveriam ver-se como manifestações da misericórdia de Deus aos pecadores, instrumentos da graça, servos do Espírito Santo. Ora, a misericórdia é um atributo ágil. A justiça demora; seus sapatos são de chumbo, mas os pés da misericórdia são alados. A misericórdia tem prazer em desempenhar sua função. Assim, deveria ser para nós também um prazer fazer o bem aos homens. Deus pode salvar os seres humanos sem instrumentos, mas ele raramente o faz. Em geral, ele usa algum meio para

realizar a obra. Oh, que a misericórdia de Deus trabalhe poderosamente por nosso intermédio! Lembremo-nos, pois, ao nos integrarmos na sociedade, que Deus nos confiou o ministério da reconciliação. Se os anjos fossem enviados com esse ministério, certamente seriam incansáveis; voariam com todas as suas forças de um lugar para outro, cumprindo a vontade do Senhor. E nós, que fomos honrados com essa missão, seríamos menos ativos do que eles? Quanto depender de nós, vamos remir o tempo, porque os dias são maus; vamos instar a tempo e fora de tempo; vamos semear próximo a todas as águas, e que seja nosso anseio sincero dar plena prova de nosso serviço, seja ele qual for, para que, ao final, possamos ouvir: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel sobre pouco; sobre muito te colocarei; participa da alegria do teu senhor!” (Mt 25.21).

3

Obreiros bem-sucedidos

Há quem pergunte: “Que esperança temos de causar qualquer impacto na era presente? De que meios dispomos, além do simples evangelho de Jesus Cristo?”. Certamente, não estamos entre os ricos, e não há entre nós as figuras ilustres da nação. Nossa gente sempre foi, e ainda é, pobre. Como esperamos impactar uma cidade tão grande como esta ou ter alguma influência em um país tão grande; e, acima de tudo, como deixar uma impressão na população do globo? Somos fracos, mas não mais fracos do que os primeiros discípulos de Cristo. Eles não eram os doutos nem os ricos da terra: pescadores, em sua maioria; não eram, de modo algum, homens de muita cultura — marcharam como uma legião que saiu para conquistar, bem como para lutar. Aonde quer que fossem e empunhassem a espada do Espírito — que é a Palavra de Deus —, seus inimigos ficavam confusos. É verdade que eles morreram no conflito. Alguns foram mortos pela espada; outros, despedaçados por feras selvagens; mas, em todas essas coisas, foram mais do que vencedores por meio daquele que os amou.

A igreja primitiva pregou em sua época e deixou uma semente que a terra inteira não conseguiu destruir; e o mesmo faremos nós, pela graça de Deus, se formos igualmente determinados, igualmente cheios com a vida divina, igualmente decididos a propagar o aroma do nome de Jesus Cristo de toda e qualquer maneira; nossa fraqueza será a nossa força, pois Deus a usará como plataforma sobre a qual a onipotência de sua graça será exaltada. Mantenham-se unidos, mantenham-se perto de Cristo; cerrem fileiras. Prestem atenção ao grito de guerra; fiquem firmes na fé; portem-se como homens de guerra, e as portas do inferno não prevalecerão contra vocês. Basta que o próprio Rei vá à nossa frente na batalha, e nós não temeremos o resultado.

Se almejamos ver a Palavra de Deus se espalhar, multidões unirem-se aos discípulos e um número imenso de pessoas que parecem mais longe da

salvação serem resgatadas, devemos usar instrumentos adequados. Nada poderá ser eficaz sem a operação do Espírito Santo e o consentimento celestial. Jamais devemos começar a nossa classificação de recursos exteriores sem nos referir àquele potentado abençoado e misterioso que habita na igreja, sem o qual nada é bom, nada é eficiente, nada alcança sucesso.

Vem, Espírito Santo, Pomba celeste,
com todo o teu poder que revigora.

Essa deveria ser nossa primeira oração, quando servimos a Deus, pois, se não for, começaremos com orgulho, e há pouca esperança de sucesso se contamos com o nosso valor. Se formos para a batalha confiando em nossa força, não devemos nos surpreender se voltarmos manchados pela derrota. Se não fosse pelo teu poder, ó Espírito de Deus, não poderíamos nem tentar; mas, quando confiamos em ti, seguimos adiante com fé.

Ultimamente tenho sido tocado, ao olhar a história da Reforma e das épocas anteriores ela, pela franqueza do testemunho dos pregadores antigos. Se observarmos a vida de Farel, veremos que ele não pregava *sobre* o evangelho, mas *o evangelho*. João Calvino fazia o mesmo. Hoje, é claro, ele é visto apenas como um teólogo, mas na verdade foi um dos maiores pregadores do evangelho. Quando João Calvino abria o Livro e escolhia um texto, podem ter certeza de que ele pregava: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2.8). O mesmo acontecia com Lutero. A pregação de Lutero era como um grande sino, soando sempre a mesma nota: “Crê no Senhor Jesus Cristo e viverás! Não somos salvos por obras, para que ninguém se glorie, mas pela fé, e somente pela fé”. Eles diziam e repetiam essas palavras; não enfeitavam a doutrina com palavras difíceis e rebuscadas, mas se esforçavam para que tanto o camponês que pegava no arado quanto a mulher do pescador pudessem compreender a verdade. O objetivo deles não era construir frases complicadas nem mostrar seus dotes de eloquência; pela retórica, nutriam verdadeiro desprezo. Eles iam direto ao ponto com a verdade: “Quem crê tem a vida eterna”; “Crê no Senhor Jesus, e tu e tua casa sereis salvos”. Se desejamos que a igreja de Deus seja restaurada à sua glória primitiva, devemos voltar a pregar este evangelho franco e simples. Creio que o fato de a cruz estar escondida por trás do véu de uma linguagem refinada e dissertação douta representa metade do motivo da destituição espiritual do nosso país. Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores.

Não precisamos apenas pregar com simplicidade; precisamos também ensinar com simplicidade. Os professores da escola dominical também

precisam ensinar esse mesmo evangelho. Certa denominação admitiu que, embora tivessem suas classes da escola dominical lotadas de crianças, não sabiam de nenhuma delas que houvesse passado a participar dos cultos na idade adulta. Que confissão deplorável! Que professores desprezíveis foram esses! E será que nós não conhecemos professores que acreditavam nas doutrinas da graça e que teriam lutado tenazmente por elas, mas nas classes da escola dominical conversavam de modo superficial com as crianças, dizendo coisas do tipo: “Sejam bons meninos e meninas; guardem o sábado; não comprem balas no domingo; respeitem o papai e a mamãe; sejam bonzinhos e irão para o céu!” — o que não é verdade e não é o evangelho. O evangelho é o mesmo para crianças e adultos. Não é “Faça isso e viverá”, que é seguir a lei dada por Moisés, mas sim “Creia nisso e viverá”, que é seguir a graça e a verdade que vieram por meio de Jesus Cristo. Os professores precisam inculcar o evangelho em seus alunos, se querem ver a salvação deles; o evangelho, o evangelho todo, e nada mais que o evangelho, pois sem ele nenhuma grande obra será realizada.

E, se quisermos ver o evangelho espalhado em nossa terra, assim como um dia se espalhou em Genebra, como se espalhou na Escócia na época de John Knox, como na época de Lutero se disseminou por toda a Alemanha, devemos voltar a ter uma vida santa, condizente com ele. Depois de ouvir nossos sermões, os ouvintes pensam: “E as pessoas que frequentam esta igreja, elas são corretas? São pessoas confiáveis? E seus lares? Eles são bons maridos? Bons empregados? Bons patrões?”. Certamente as pessoas perguntam isso, e, se o testemunho do nosso caráter for ruim, acabou-se a nossa pregação. O médico pode aconselhar, mas, se os pacientes não forem curados, ele não será visto como um bom profissional. Do mesmo modo, o pregador pode pregar, mas, se seu povo não amar o evangelho, esmagará sob seus pés o que o pregador construiu com as mãos.

Tudo isso, porém, será insuficiente se nós mesmos não vivermos a verdade. Conforme a Lei de Cristo, todo cristão deve ser um ministro em seu campo de atuação; todo membro de igreja deve ser ativo no que diz respeito a difundir a fé que foi dada não somente aos ministros, mas a todos os santos, a cada um deles, a fim de mantê-la e propagá-la de acordo com o dom que Deus deu a cada um.

Será que posso me aventurar em uma parábola? Um grupo de homens, como os antigos cavaleiros, teve muitas vitórias em batalhas. Eram homens de valor, com uma coragem indomável. Haviam cumprido todas as missões e conquistado província após província para o seu rei. Entretanto, de repente,

disseram à câmara do conselho: “Temos na linha de frente um valente guerreiro, com braços capazes de derrotar cinquenta adversários. Não seria melhor se enviássemos para a guerra alguns homens como ele e deixássemos os soldados comuns em casa? Não teríamos tanta preocupação, nossos cavalos não ficariam cobertos de suor nem nossas armaduras seriam arranhadas na batalha; e, sem dúvida alguma, grandes coisas seriam realizadas”. Ora, os guerreiros da linha de frente, com temor e reverência, empreenderam a tarefa e foram à batalha. Lutaram bem, sem sombra de dúvida; deixaram a pé o inimigo e fizeram grandes proezas. Mas, desde o momento em que o plano fora traçado e posto em prática, nenhuma cidade foi tomada, nenhuma província, conquistada. Então, os homens valentes se reuniram e disseram: “O que está acontecendo? Nosso prestígio foi esquecido; nossas fileiras se esvaziaram; nossas flâmulas estão jogadas ao pó. Qual o motivo de tudo isso?”. Então, falou o campeão: “Naturalmente que isso deveria acontecer! Vocês acharam que apenas doze ou quinze de nós poderiam fazer o trabalho de milhares? Quando todos íamos à guerra e cada um fazia sua parte, varríamos o inimigo como uma avalancha e o esmagávamos. Mas agora que vocês ficam em casa e mandam apenas um punhado de nós para o campo de batalha, para realizar toda a obra, como esperam que grandes coisas aconteçam?”.

Então, cada homem decidiu colocar seu capacete e sua armadura novamente e ir à guerra. E as vitórias retornaram. Não devemos poupar ninguém, nem homem nem mulher, nem velho nem moço, nem rico nem pobre, mas cada um de nós deve lutar pelo Senhor Jesus de acordo com sua capacidade. E assim o reino de Deus virá e a vontade dele será feita no céu e na terra.

4

Gigantes e anões

É necessário que qualquer empreendimento santo, quando iniciado, seja regado pelo Espírito divino. Nada começa bem se não for iniciado por Deus; não cria raízes, não brota com confiança, se o Espírito de Deus não descer sobre a obra; se o sereno celestial não cair ali, ela definhará como a grama que sobe pelo telhado. Há necessidade da graça depois de anos de crescimento também; há necessidade urgente da chuva que cai depois, da chuva do avivamento, na qual a velha obra é renovada e os primeiros viços são restaurados, porque, sem essa chuva, o período da colheita, que é o objetivo final, frustrará as esperanças.

O mesmo é verdade na esfera do labor em que cada indivíduo está envolvido. Quero crer que todo crente encontrou alguma coisa que possa fazer para seu Senhor e Mestre. No princípio do trabalho cristão, tudo é novidade e entusiasmo, e é também muito natural que, movido por esse ímpeto novo, o iniciante alcance o sucesso facilmente. A dificuldade para o cristão raramente se dá no início do trabalho; o verdadeiro labor está na perseverança, que é a única que pode alcançar a vitória. Aos cristãos que há anos ocupam-se do serviço que o Espírito Santo lhes designou, eu gostaria de lembrar das chuvas matutinas que caíram sobre aquelas primeiras obras; aquela umidade que permanece em algum canto da memória, embora tenha sido seguida por longos anos de aridez. Não desanimem. A chuva tardia ainda pode cair. Busquem-na. A imensa necessidade dessa chuva é causa de grande tristeza; e se vocês, de fato, sentem que precisam dela, alegrem-se, porque o Senhor opera nesses desejos sagrados. Se não sentissem a necessidade de mais graça, seria alarmante. Entretanto, estar consciente de que todas as coisas que Deus fez por seu intermédio no passado não os qualificam a realizar nenhuma tarefa sem ele agora, sentir que é o poder dele que sustenta suas forças — hoje até mais do que anteriormente —, é estar na condição adequada para que Deus os abençoe abundantemente. Esperem nele e depois aguardem a nova chuva. Se ele lhes concedeu

bênçãos do passado, peçam-lhe que lhes conceda dez vezes mais agora, para que, se vocês semearam com lágrimas, possam voltar exultantes, trazendo seus feixes.

Muito cuidado! O perigo reside no fato de o obreiro cristão cair na rotina e sentir-se autossuficiente. Temos mais facilidade de executar as tarefas que nos habituamos a fazer, e as executamos meio dormindo. Uma das coisas mais difíceis do mundo é manter o cristão acordado na Terra Encantada. As tendências do tempo presente, e de todos os tempos, são soníferas. A vida, o poder dos nossos cultos públicos e da devoção particular evapora rapidamente; oramos como num sonho; louvamos e pregamos como sonâmbulos. Que Deus venha a nos acordar e avivar, enviando a nova chuva matutina para renovar as forças de sua herança cansada.

Temos atualmente poucos gigantes cheios de graça que levantam a cabeça e os ombros acima da estatura comum; homens que nos guiam em atos de heroísmo e demonstrações de fé inabalável. Afinal de contas, a obra da igreja cristã, embora devesse ser feita por todos, é geralmente feita por algumas pessoas que têm uma notável graça. Nesta era degenerada, somos muito parecidos com Israel na época dos Juízes, pois há em nosso meio líderes que julgam Israel e são o terror dos inimigos. Ah! Se a igreja ainda tivesse entre os seus membros uma raça de heróis! Se nossas operações missionárias fossem realizadas com a bravura santa que marcou a igreja dos primórdios; se pudéssemos trazer de volta os apóstolos e os mártires, ou mesmo Carey e Judson, que milagres seriam feitos! Temos produzido uma raça de duendes e, de modo geral, nos contentamos com isso.

Existia um clube de baixinhos em Londres, cuja qualificação para aceitação no rol de membros era não ter mais de um metro e meio de altura. Aqueles anões tinham a convicção — ou fingiam ter — de que estavam mais perto da perfeição de masculinidade do que os outros, argumentando que os homens primitivos tinham sido muito mais gigantescos do que os espécimes atuais, e, consequentemente, o caminho da evolução era crescer cada vez menos. Sendo assim, à medida que a espécie humana fosse se aperfeiçoando, os indivíduos se tornariam tão diminutos quanto eles. É possível criar um clube de cristãos semelhante em Londres. Sem nenhuma dificuldade, pode-se atingir um enorme número de membros, pois é muito comum a ideia de que nosso cristianismo anão é, afinal, o padrão, e muitos até acham que os cristãos mais nobres são espalhafatosos, fanáticos e de sangue quente; enquanto nós somos contidos porque sábios e indiferentes porque inteligentes. Devemos acabar com essa bobagem. O fato é que a maioria de

nós é inferior aos cristãos primitivos, que foram perseguidos por serem totalmente cristãos. Não sofremos perseguição porque dificilmente somos plenamente cristãos. Eles eram tão determinados na propagação do reino do Redentor que se tornaram o estorvo da época em que viveram. Não deixavam erro sem condenação. Não concebiam a ideia de guardar para si a verdade e deixar as outras pessoas permanecerem no erro, sem tentar introduzir a sua opinião. E assim pregavam Cristo Jesus em todo tempo e lugar e testemunhavam contra o pecado.

Eles denunciaram os ídolos e bradaram contra a superstição até que o mundo, temeroso de ser virado de cabeça para baixo, perguntou-lhes: “É isso que vocês querem? Então, os queimaremos, os trancaremos na prisão e finalmente exterminaremos cada um de vocês”. E a igreja replicou: “Aceitamos o desafio, pois não nos apartaremos da nossa decisão de conquistar o mundo para Cristo”. Finalmente, o fogo que atingiu a igreja cristã extinguiu a perseguição de um mundo sem Deus.

Nós, porém, somos gentis e calmos demais. Não fazemos uso de palavras fortes quando temos de ir contra as opiniões de outras pessoas e deixamos que cada uma delas vá para o inferno por falta de misericórdia. Não somos fanáticos e apesar de tudo que fazemos para perturbá-lo, o velho homicida continua numa situação muito confortável. Não ansiamos por salvar a alma do pecador que não deseja muito ser salvo. Ficamos satisfeitos em dizer-lhe uma palavra de maneira suave, mas não falamos com lágrimas escorrendo pelo rosto, gemendo e agonizando diante de Deus por eles. Jamais forçamos a nossa opinião, embora saibamos que estão perdidos porque não conhecem o Cristo crucificado. Que Deus envie a chuva final à sua igreja, a mim, a você, e que comecemos a nos mover e a buscar uma forma mais determinada e séria de anunciar o reino do Rei Jesus. E assim, talvez, nos dias vindouros não teremos de reclamar que semeamos muito e colhemos pouco, mas sim recebemos cem vezes mais por meio da graça do nosso Senhor Jesus Cristo!

De modo ainda débil, mas sincero, procurei aqui estimulá-los a viver segundo um padrão mais elevado. Procure amar mais o seu Mestre; ore para encher-se do Espírito. Não sejam meros comerciantes cristianizados, mas sim cristãos em todo e qualquer lugar. Não sejam como objetos folheados a ouro, mas sim como o metal sólido. Sejam servos do Senhor Jesus Cristo quer bebendo, quer comendo, quer fazendo qualquer outra coisa. Sirvam a ele com suas mãos e de todo o coração. Estendam sua coragem até o limite de sua resistência, como a corda tensionada de um arco, e lancem-na com

toda a força no serviço do seu Redentor. Vivam verdadeiramente enquanto tiverem fôlego de vida. Não desperdicem sua existência em propósitos egoístas, mas considerem a glória de Cristo o único objeto que vale o esforço da humanidade, e a propagação da sua verdade como o único trabalho valioso neste mundo. Gastem-se e deixem-se gastar no serviço do Mestre.

5

Obediência

O caminho da obediência é geralmente o caminho central. “Não te desvies nem para a direita nem para a esquerda” (Pv 4.27).
Com certeza há um caminho à direita e outro à esquerda, e ambos provavelmente são errados. Há extremos nos dois lados. Creio que isso vale para milhares de coisas na vida diária e também na vida espiritual, em vários aspectos.
O caminho da verdade em relação à doutrina geralmente é o caminho intermediário. Há certas verdades tremendas, como a soberania divina, a doutrina da eleição, o pacto da aliança e assim por diante. E alguns homens lançam um olhar apaixonado às verdades que desejam e ficam completamente cegos em relação às outras. Essas grandes e preciosas doutrinas absorvem todo o campo de sua visão, e outras partes valiosas da Palavra de Deus não são lidas ou são transformadas em suposta reconciliação com as primeiras verdades nomeadas.
Há pessoas que valorizam o homem demasiadamente. Elas têm uma profunda simpatia pela raça humana. Veem o pecado e a ruína do homem e ficam fascinadas pela misericórdia divina, pelo convite do evangelho aos pecadores. E ficam tão extasiadas com essas verdades ligadas à responsabilidade do homem, ao livre arbítrio do homem, que não veem mais nada, declarando que todas as doutrinas — exceto essas — são ilusórias. Se tais pessoas admitem que as doutrinas da graça são verdadeiras, consideram-nas sem valor; mas, em geral, o que acontece é mesmo que elas as consideram totalmente erradas.
Parece-me que o caminho da verdade está em ambas posições: crer firmemente na salvação pela graça e igualmente crer que a ruína do homem é total e ele é completamente culpado; sustentar a soberania de Deus e também a responsabilidade do homem; crer na livre intervenção tanto de Deus quanto do homem; não desonrar a Deus, transformando-o em um lacaio de sua criatura, nem eximir o homem de toda a sua responsabilidade,

tratando-o como se fosse um mero pedaço de madeira ou uma máquina. Considere que tudo que está na Bíblia é verdade. Nunca tenha medo de nenhum texto escrito pela pena sagrada. Quando virar as páginas da Bíblia, espero que nunca queira alterar nenhum versículo; creio que você nunca desejará retificar um versículo a fim de ser um pouco mais calvinista ou um pouco mais arminiano. Creia sempre que aquilo em que você crê deve se curvar diante da Bíblia, e não o contrário. E antes ouse ser um pouco mais incoerente consigo mesmo, se necessário for, do que ser incoerente com a verdade revelada de Deus.

Em relação às nossas palavras, o discurso, geralmente, por um lado, fala demais e, por outro, lado fala de menos. Calamo-nos quando o mal está diante de nós ou falamos rispidamente e traímos uma boa causa por meio da impulsividade ao defendê-la. Há tempo para falar e tempo para calar-se, e o prudente marcará suas oportunidades e tomará o caminho do meio. Não se portará como tagarela com conselhos que ninguém pediu, nem será covarde e obtuso quando tiver de testemunhar por seu Mestre. Isso se aplica também ao zelo.

Nem para a esquerda nem para a direita deve o cristão se desviar; isso em relação à esperança da sua alma e à sua salvação. “Nada além de Jesus”, este deve ser o lema constante do nosso espírito. Alguns nos chamarão para uma direção, e outros, para outra. Os faróis destruidores nos guiarão até as rochas e em várias direções, mas deixemo-nos guiar pelo Sol ou pela estrela polar, e não confiemos nos guias ilusórios da imaginação humana. Mantenha-se firme na verdade que diz: “ninguém pode lançar outro alicerce, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1Co 3.11).

Portanto, no que se refere à fé em si, permaneçamos no caminho do meio. Não sejamos como são alguns — presunçosos, que se recusam a fazer o autoexame e se declaram justos. Lembremo-nos de que:

Quem nunca duvidou de sua condição
pode ser que um dia duvide — e pode ser tarde demais.

Não caiamos, porém, no erro oposto, o de viver constantemente em dúvida, imaginando que nunca teremos certeza de nada. Devemos, porém, estar sempre perguntando:

Esta é uma questão que anseio saber
e com frequência me deixa ansioso;
“Amo o Senhor ou não?”;
“Sou dele ou não?”.

Vamos pedir a Deus que nos guie ao caminho do meio, onde podemos dizer: “Porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu tesouro até aquele dia”. Cuide-se; fique alerta; ore como

se a salvação dependesse da sua vigilância. Confie na promessa e no imutável juramento, sabendo que permanecemos em Cristo, e não em nós mesmos, que somos sustentados pelo poderoso Deus de Jacó, e não pelo nosso poder. O caminho do meio, em que não nos desviamos para a direita da presunção nem para a esquerda da descrença, é o caminho que Deus quer que trilhemos.

Essa mesma regra — pois posso continuar a usá-la de várias maneiras — também se aplica na vida diária à questão da nossa alegria. Algumas pessoas nunca sorriem. Pobres almas! Elas fecham as cortinas aos domingos. Ficam tristes diante da beleza das flores e acham que elas deveriam ser caiadas de branco. Quase acreditam que seria mais apropriado que as floreiras não fossem tão coloridas.

Que nenhum homem seja enganado pela ideia de que, se fizer o que é certo, terá como consequência, pela graça divina, a prosperidade. É muito provável que, ao menos por um tempo, sua consciência bloqueie o caminho da prosperidade. Deus não faz que a realização do bem seja invariavelmente o meio de obter ganhos financeiros. Pelo contrário, frequentemente, por um tempo, aqueles que optam por obedecer a Cristo são grandes perdedores. Entretanto, a Bíblia sempre enfatiza o resultado final; ela computa a vida como um todo — e aí sim promete que haverá verdadeira riqueza.

Se você um dia prosperar, mantenha-se perto da Palavra de Deus e de sua consciência, e terá o melhor tipo de prosperidade. Isso não se consegue em uma semana nem em um mês ou em um ano, mas você poderá desfrutá-la em breve. Já vi centenas de pessoas — e estou sendo modesto quando digo esse número — que enfrentavam dilemas e me esperavam na saída de minhas conferências para me pedir conselhos quanto ao que deveriam fazer. E quase sempre eu percebia que as pessoas que contemporizam ou tentam encontrar um meio-termo, e fazem o mínimo possível de coisas erradas, mas ainda assim fazem algumas coisas erradas, estão sempre caindo em um buraco atrás do outro, e toda a sua vida é cheia de concessões, pecados e misérias. Se forem para o céu, entrarão lá todas desgrenhadas, com espinhos furando os pés ao longo de todo o caminho.

Conheci, porém, outros que andaram direito e que se desprenderam das cordas que os amarravam e diziam: “Farei tudo corretamente, mesmo que tenha de morrer por isso”. E, embora tenham sofrido (poderia mencionar alguns casos de pessoas que sofreram por anos a fio), sempre encontravam um alívio, vez por outra, e diziam: “Agradeço a Deus, não obstante a minha cruz e todas as minhas perdas, por ter sido fiel às minhas convicções, pois

sou um homem mais feliz, se não mais rico". Em alguns casos, ficaram na verdade mais ricos, mesmo neste mundo: "a honestidade *é* a melhor política". É uma maneira muito pequena de olhar esse ponto, porém a retidão e a honestidade, no fim das contas, conquistam o respeito e a estima dos homens. O ladrão, embora tome um atalho para enriquecer, envereda por um caminho perigoso que não vale a pena. Mas aquele que anda corretamente pelo caminho estreito verá que esse é o meio mais curto de se encontrar o melhor tipo de prosperidade, tanto neste mundo quanto no que está por vir.

Um bom irmão, cujos sapatos não sou digno de desatar, disse, certa ocasião, que quando subia o rio Reno nunca olhava para as rochas, os velhos castelos ou a correnteza do rio; estava absorvido demais pelas outras coisas". Para mim, a natureza é um espelho em que posso ver a face de Deus. Tenho prazer em olhar em volta:

Pela Natureza o Deus que a rege adora.[1]

Entretanto tudo aquilo, para ele, era profano. Confesso não entender esse tipo de coisa; não tenho simpatia por aqueles que veem neste mundo material apenas como um lugar pecaminoso, como se não houvesse aqui traços da divina mão, nem provas da sua divina sabedoria ou manifestações do cuidado divino. Creio que podemos nos alegrar nas obras de Deus e por meio delas nos aproximar do Pai. Entretanto, o exemplo a que me referi é um dos extremos. Há outros que são frívolos e levianos, que professam ser cristãos, mas não conseguem viver sem as leviandades dos cidadãos mundanos. Precisam estar nesta festa e depois em outra. Nunca estão satisfeitos, a menos que estejam contando anedotas e seguindo as leviandades e frivolidades do mundo. Ah, a primeira fraqueza é perdoável, pois nela há muita coisa louvável, mas esta é detestável; uma fraqueza sobre a qual não tenho nada de bom a dizer. O cristão, creio eu, deve manter-se entre os dois extremos. Deve ser alegre, mas não frívolo; estar contente e feliz em todas as circunstâncias; ter uma palavra amigável e gentil para com todos e ser um homem dentre os homens, como foi o Salvador — disposto a sentar-se à mesa do banquete, festejar e alegrar-se com aqueles que se alegram, porém mantendo a mente fixa no céu, consciente de que uma alegria que ele não pode compartilhar com Cristo não é alegria, e nenhum lugar trará contentamento se não puder levar para lá o seu Senhor. Se o Senhor não estiver lá, tudo não passará de um cenário de miséria. O cristão deve ser sempre alegre, feliz e exultante, mas

demonstrar, ao mesmo tempo, uma profunda seriedade de espírito que o afasta de tudo que é profano e frívolo.

Seguindo o mesmo princípio, *organize seus negócios.* Alguns homens de negócios agem de tal maneira que, desde a manhã até a noite, só pensam nos negócios. Tenho de repreender alguns cristãos, que não conseguem discernir quando já têm o suficiente. Exageram no trabalho e se gastam pelas empresas, mas deveriam gastar a sua saúde pela sua alma, pois não têm mais necessidade de ganho. Mas ainda pensam em iniciar mais alguma coisa que afastará todas as oportunidades de servir à causa de Cristo e lhes tirará o tempo necessário para a reflexão, e isso trará aridez e pobreza à sua alma. Há outros a quem também repreendo: aqueles que fazem seu trabalho relaxadamente. Estão ouvindo um sermão quando deveriam estar trabalhando no balcão, ou estão em uma reunião de oração quando deveriam estar remendando as meias do marido. Pregam em vilas quando seria melhor que ganhassem dinheiro para pagar os credores. Há extremos; mas o verdadeiro cristão é diligente nos negócios e, ao mesmo tempo, fervoroso no espírito, buscando sempre harmonizar as duas partes. O crente deveria ser como os antigos: “um homem justo e piedoso”, que não deixa que um dever suje o outro.

[1]Alexander Pope, *Ensaio sobre o homem*, v. 3, epístola IV.

6

“Apenas esforça-te e sê corajoso”

JOSUÉ 1.7

Josué foi muito favorecido em matéria de promessas. As promessas de Deus para ele foram abrangente e extremamente encorajadoras. Mas isso não autorizava Josué a dizer para si mesmo: “Essas promessas da aliança certamente serão cumpridas. Portanto, posso ficar parado e não fazer nada”. Pelo contrário; como Deus decretou que a terra deveria ser conquistada, Josué tinha que ser diligente para liderar o povo na batalha. Ele não deveria usar a promessa como um sofá onde sua indolência pudesse se deleitar, mas, sim, como um cinto para cingir os lombos para sua atividade futura.

Como um estímulo ao dinamismo, devemos sempre nos lembrar das graciosas promessas do nosso Deus. Pecaríamos contra ele de uma forma ainda mais ingrata e detestável, se disséssemos em nosso coração: “Deus não abandonará o seu povo; portanto, vamos nos aventurar no pecado”; e somos quase tão perversos se sussurrarmos em nossa mente: “Deus certamente irá cumprir seus decretos e dar a alma dos remidos como recompensa ao seu Filho Jesus. Por isso, não vamos fazer nada; vamos nos abster completamente do serviço cristão zeloso”. Isso não é maneira de um verdadeiro filho falar. Quem fala assim são os indolentes ignorantes e os farsantes, que nada fazem senão zombar de Deus enquanto fingem reverenciar os seus decretos. Pelo juramento, pela promessa, pela aliança e pelo sangue que a sela, somos exortados continuamente a trabalhar para Cristo, visto que fomos salvos para poder servi-lo, no poder do Espírito Santo, com o coração, e alma, e força.

Josué foi especialmente exortado a continuar no caminho da obediência. Ele era o capitão, mas havia um grande comandante em chefe que lhe dava as ordens. Josué não foi deixado à mercê de seu julgamento falível ou capricho inconstante. Ele devia fazer conforme tudo o que estava escrito no Livro da Lei. O mesmo ocorre conosco, que somos crentes. Nós não estamos debaixo

da lei, mas debaixo da graça. Contudo, ainda há uma regra do evangelho que somos obrigados a obedecer, e a lei na mão de Cristo é uma deliciosa regra de vida para o crente.

“Apenas esforça-te e sê corajoso, cuidando de obedecer a toda a lei que meu servo Moisés te ordenou” (Js 1.7). Quando se ouvem estas palavras: “Apenas esforça-te e sê corajoso”, espera-se que uma grande tarefa tenha que ser realizada — e essa é uma suposição correta, porque todas as grandes façanhas estão compreendidas nesta declaração: “cuidando de obedecer a toda a lei que meu servo Moisés te ordenou”. A maior proeza da vida cristã é obedecer a Cristo. É um feito que nunca será realizado em sua totalidade por nenhum homem, a não ser que aprenda a *lei da fé*, que seja levado a descansar em Cristo e a avançar no caminho da obediência por meio de uma força que não é dele, mas sim a que recebeu da obra do Espírito Santo que reside em nós. O mundo acha que obediência é algo ruim e fala da rebelião no sentido de liberdade. Já ouvi homens dizerem: “Serei eu o meu mestre; e seguirei o meu desejo”. Viver e pensar livremente parece ser a glória mundana. Mas se o mundo tivesse senso suficiente para condenar sua loucura, considerando-se a inquestionável quantidade de provas nesse sentido, não seria difícil provar que um difamador da obediência é um tolo. Veja a própria lei marcial do mundo. Quem é considerado o mais corajoso e o melhor soldado, senão aquele que obedece fielmente às ordens do capitão?

Há uma história bastante conhecida sobre as guerras francesas do passado. Um sentinela foi escalado para guardar determinada posição e, ao anoitecer, enquanto ele andava de lá para cá, o próprio imperador passou por ali. Ele não sabia a senha. Imediatamente o soldado o deteve e disse:

— O senhor não pode passar!

— Mas eu tenho de passar! — disse o imperador.

— Não! — replicou o soldado, sem reconhecê-lo. — Ainda que o senhor fosse o próprio imperador, não passaria.

E, assim, o soberano foi impedido de passar. Após o fato esclarecido, o soldado vigilante foi generosamente recompensado, e todo mundo ficou sabendo que ele agiu como um grande herói. Desse exemplo, e há centenas de outros, aprendemos que a obediência às ordens superiores, realizada sob todos os riscos, é uma das mais altas provas de coragem que um homem pode dar; e isso o mundo reconhece.

Portanto, ser obediente ao Comandante em Chefe do Universo, ao Rei dos reis e Senhor dos senhores, certamente não é algo baixo e vil para um homem. Quem faz a coisa certa e verdadeira com tranquilidade, a despeito

da ridicularização, é mais corajoso do que aquele que se atira diante da boca do canhão por causa da fama. E, deixem-me acrescentar, persistir na obediência escrupulosa por toda a vida talvez exija mais coragem do que a do mártir que se dispõe a ser amarrado e queimado.

Josué foi completamente obediente às ordens divinas, mesmo que envolvessem inúmeras dificuldades. Ele recebera a ordem de conquistar toda a terra para as tribos favorecidas, e fez o melhor que pôde. Teve de sitiar cidades que tinham muros enormes e lutar contra monarcas cujos guerreiros vinham contra ele com carros de aço e armados com foices. Os primeiros conflitos foram horríveis. Se não tivesse sido um soldado corajoso e habilidoso, teria largado a espada e desistido da luta; mas o espírito da obediência o sustentou. Embora você e eu não tenhamos que matar heveus e jebuseus nem sitiar nenhuma cidade, ainda assim não será fácil perseverar no caminho de Cristo.

Além disso, Josué não enfrentou apenas dificuldades¸ mas fez muitos inimigos por causa de sua obediência. E não é de surpreender que fosse assim. Logo depois do relato de que Jericó havia sido tomada, que Ai havia sido destruída, lemos a respeito do início de uma confederação de reis, e depois outra, cujo objetivo era destruir o poder de Josué, uma vez que esses reis bem sabiam que Josué os aniquilaria se não o destruíssem primeiro. Ora, todo cristão está na mesma situação; pode ter certeza de que terá inimigos. Ele se esforçará para não provocar inimizades. Mas, ainda que perca todos os amigos terrenos por fazer a coisa certa, crer na verdade e ser honesto, ele considerará as perdas pequenas, pois seu grande Amigo celestial será ainda mais amistoso e se revelará a ele com mais graça do que nunca.

Josué precisou de muita coragem para obedecer, porque sua tarefa envolvia longos anos de perseverança. Depois de capturar uma cidade, ele tinha de continuar e atacar a próxima fortaleza. Os dias não eram suficientemente longos para suas batalhas. Ordenou ao Sol que parasse e à Lua que se detivesse, e, depois que aquele longo dia passou, a manhã ainda o viu com a espada em mãos. Josué era como um daqueles cavaleiros da Antiguidade que dormiam de armadura. Estava sempre lutando. Sua espada deveria estar sempre bem afiada, e sua armadura, manchada de sangue. Ele tinha diante de si uma tarefa para a vida inteira. Assim é a vida do cristão, uma batalha do começo ao fim. Assim que você é lavado no sangue de Cristo e vestido com a justiça dele, tem que começar a abrir caminho por entre uma vereda de inimigos, até chegar ao trono eterno. Cada passo desse caminho será disputado; Satanás não lhe entregará nenhum centímetro dele sem

luta. Diariamente você terá de continuar lutando. “Mas quem perseverar até o fim será salvo”; não quem começou com as próprias forças e logo enfraquece; mas, sim, aquele que, unido à graça divina e ao seu Espírito, toma a decisão de permanecer até que o último inimigo tenha sido derrotado e nunca abandona o campo de batalha até que ouça a palavra: “Muito bem, servo bom e fiel!”. Aquele que diz que a vida cristã é vil e não necessita de coragem deve aprender a sabedoria antes de abrir a boca; porque o crente que persevera é o mais valoroso. Àquele que se orgulha de si mesmo, de sua coragem em pecar, digo: você se rendeu ao inimigo; você é como um carro que range; cortejou a amizade do mundo; não teve coragem suficiente para ousar fazer o certo e o verdadeiro; submeteu-se à escravidão de Satanás e às próprias paixões, e dissimula a própria covardia chamando o bravo cristão de covarde. Maldito seja, por acrescentar a mentira a seus outros vícios!

Se quisermos seguir Cristo, teremos de ser corajosos e enfrentar as práticas do mundo. E você, jovem empreendedor, descobrirá tal fato no mundo dos negócios. E você, marido, em relação à sua esposa e filhos, se eles não forem salvos. As crianças descobrem essa verdade na escola. Enfim, o verdadeiro cristão terá de ser valente.

O dr. Adam Clarke contou uma história que mostra a coragem que um jovem cristão precisa ter. Na época em que trabalhava em uma loja na cidade de Coleraine, na Grã-Bretanha, eles estavam se preparando para uma feira anual, e alguns rolos de tecidos estavam sendo medidos. Um deles tinha uma metragem menor do que os outros, e o patrão lhe disse: “Adam, pegue uma ponta do tecido, e eu pegarei a outra. Vamos esticar o tecido ao máximo para que ele fique com a mesma metragem dos outros”. Mas Adam não se mexeu e não deu ouvidos à ordem desonesta de seu patrão. O patrão, então, lhe disse: “Você nunca será um bom negociante; não serve para nada aqui. Vá embora e arranje outra coisa para fazer”.

Talvez os homens não enganem de uma forma tão aberta hoje em dia, mas, cada vez mais, utilizam subterfúgios maldosos para realizar seus projetos. Os registros de falência em um tribunal falarão por si mesmos. Falências forjadas acontecem todos os dias. Não são os roubos à moda antiga, que levavam o ladrão ao exílio e à prisão, mas algo pior do que os furtos e roubos à beira das rodovias.

O cristão genuíno enfrentará situações em que terá de ser firme e dizer: “Não! Não posso fazer tal coisa e não sujarei minhas mãos nisso!”. Terá de dizer isso ao seu patrão, ao seu pai e ao amigo a quem respeita e deseja

ganhar, e que talvez o tenha ajudado muito na vida. Mas, se esse for o seu dever, meu querido irmão ou irmã, faça o que é certo, mesmo que o céu despenque sobre sua cabeça. Aja dessa maneira mesmo que se veja diante da pobreza. Aja dessa maneira mesmo que lhe virem as costas amanhã. No final, você nunca será um perdedor na caminhada com Deus. E, se tiver de sofrer por causa da justiça, abençoado seja!

Considere-se feliz por ter o privilégio de fazer algum sacrifício por causa da consciência, pois nestes dias não temos tido o poder de honrar a Deus como fizeram aqueles que, por amor a ele, foram aprisionados, torturados e queimados. Não deixemos passar nenhuma oportunidade de mostrar todo o nosso amor pelo Senhor e provar que desejamos servi-lo fielmente. Sejamos corajosos para fazer tudo o que o Senhor Jesus nos dá para fazer e deixemos que os homens nos julguem idiotas — seremos campeões do Senhor, verdadeiros Cavaleiros da Cruz.

O mundo diz: “Não há necessidade de que você seja uma pessoa muito meticulosa”. Que mundo hipócrita! O mundo sente prazer em não seguir as leis de Deus, mas raramente ousa dizer tal coisa claramente e se ilude, lançando mão da hipocrisia e dizendo: “Não devermos ser tão minuciosos, nem bondosos demais”. É como alguém certa vez disse a um puritano:

— Muitas pessoas já venderam metade de sua consciência. Será que você não poderia fazer uma pequena concessão?

— Não — disse ele. — Não posso, pois minha consciência pertence a Deus.

— Mas a gente precisa viver — disse o lojista, que amava o dinheiro, como se desculpando por fazer algo indefensável.

— É claro que devemos viver, mas também morreremos — replicou o Puritano —, portanto não devemos agir desse modo.

Não há nenhuma necessidade específica de que algum de nós viva. Provavelmente, seria melhor morrer, se não conseguirmos viver sem fazer o que é errado.

A essência da obediência, como já disse, reside na precisão. Provavelmente seu filho, que às vezes é desobediente, em geral faz o que você lhe diz. Será nas pequenas coisas que a obediência se revelará. Deixe que o próprio mundo julgue as coisas. Pense em um homem honesto. Será que as pessoas dizem a seu respeito: “Ele é tão honesto que não seria capaz de roubar um cavalo?”. Não; isso não provaria que ele é uma pessoa honesta. O que as pessoas dizem é: “Ele não seria capaz nem de roubar uma agulha”. Essa é a definição de honestidade do próprio mundo, e, quando nos referimos à obediência a Deus, deveria ser adotado o mesmo padrão. Um homem de

negócios teria orgulho de dizer: “Tenho um contador tão bom que você não seria capaz de encontrar um erro de um centavo, em seis meses de cálculo!”. Não seria muito, se ele tivesse dito: “Você não conseguiria encontrar um erro de dez mil reais em seis meses de cálculo”. Mas, se você é fiel nas pequenas coisas e se mostra minucioso e detalhista, o mundo o considera como preciso demais, severo demais, bitolado demais e não sei mais quantos outros adjetivos. Ao passo que sempre, e de acordo com o próprio critério do mundo, a essência da honestidade e da correção está na precisão das pequenas coisas.

7

Conforme a vossa fé

Nada é impossível ao homem que sabe como conquistar o céu por meio da intercessão tenaz. Quando vemos um, dois, dez ou vinte penitentes convertidos, e quando, por vezes, nos sentimos profundamente gratos porque uma centena deles foi acrescentada à igreja em um mês, devemos ficar satisfeitos? Será que não deveríamos pensar que a oração que foi abençoada com a conversão de cem pessoas, se tivesse sido mais fervorosa, poderia, dentro do propósito divino, ser respondida com a conversão de mil? Por que não? Eu não sei por que Londres não poderia ser sacudida de ponta a ponta com a verdade do evangelho antes de completados doze meses, a partir deste dia. Vocês dirão: "Não temos ministros suficientes". Mas Deus pode produzi-los. Ele pode encontrar ministros para pregarem sua verdade — ah, se ele quiser, em meio à própria escória da terra. Ele pode tomar o pior dos homens, o mais vil dos vis, transformar seu coração e torná-lo pregador da verdade, se assim desejar. Não devemos olhar para o que temos. O testemunho dos sentidos só confunde os que andariam pela fé.

Veja o que Deus fez pela igreja, no caso de Saulo de Tarso. Ele foi até o exército do Diabo, tirou um de seus líderes e disse-lhe: "Agora você pregará o evangelho que antes desprezava". E houve alguém que o pregasse melhor? Bem, eu não me espantaria se, dentro em breve, em resposta à oração, virmos o clero ritualístico pregando o evangelho! Quem sabe o que acontecerá? Os sacerdotes romanistas ainda podem fazê-lo e repetir a história de Lutero e Melâncton. Não foram Lutero, Melâncton, Calvino e seus camaradas trazidos das trevas papais para mostrar a luz ao povo? Se ouvimos com os nossos ouvidos, por que não podemos ver com nossos olhos as grandezas de Deus? O Senhor pode encontrar seus homens onde nós não sabemos nada sobre eles. "... até destas pedras Deus pode dar filhos a Abraão", disse o Batista, apontando para as margens do rio Jordão (Lc 3.8). E, assim como ele podia naquele tempo, pode agora. Não nos desesperemos.

Se orarmos por isso, nosso Pai celestial não negará nada a seus filhos. Venha, simplesmente venha, em simplicidade de coração, e *conforme a sua fé* lhe será feito.

Há dois homens lá adiante. Os dois estão vivos, mas um deles está na cama. Ele acorda, mas diz, como o preguiçoso: “Você me acordou muito cedo; tenho que dormir de novo”. E, quando se levanta, olha em volta com vaga admiração e estranha perplexidade. Ele não tem energia, é apático, e dizemos a seu respeito: “Que criatura mais inerte! Ele está vivo, mas não há vitalidade nele”. Agora, vemos outro homem. Seu sono é curto; ele se levanta depressa; em pouco tempo já está cuidando de seus negócios; ergue as persianas; vai para trás do balcão, à espera dos clientes. Ele é completamente ativo; não para um minuto; nada é negligenciado; seus olhos estão bem abertos, seu cérebro está ativo, suas mãos estão ocupadas, seus membros são todos ágeis. Bem, que homem diferente! Qualquer um ficaria feliz em receber esse segundo homem como seu servo; ele vale dez vezes o salário do primeiro.

Há vida em ambos, mas quanta diferença existe entre eles! Um está vivendo avidamente; o outro se arrasta em uma existência insípida. E quantos cristãos existem assim! Eles entram na igreja domingo de manhã, sentam-se, pegam o hinário, ouvem a oração sem juntar-se a ela, ouvem o sermão — mas quase como se não tivessem ouvido —, vão para casa, passam o domingo, vão para o trabalho na segunda-feira. Eles nunca fazem uma oração secreta pela conversão de almas; não tentam falar com as crianças, com os empregados ou com os amigos a respeito de Cristo; não têm zelo, ciúme santo, amor ardente; não há generosidade nem consagração de seus recursos à causa de Deus! Esse é um retrato fiel de um vasto número de cristãos professos. Gostaria que não fosse! Por outro lado, vemos outro tipo de homem — aquele que é renovado no espírito de sua mente. Embora tenha de estar no mundo, o foco de seus pensamentos está em como usar o mundo para promover a glória de Cristo. Se vai para o trabalho, quer ganhar dinheiro para poder contribuir generosamente para a propagação do evangelho. Quando se reúne com amigos, tenta encaixar uma palavra certeira, em nome de seu Mestre. E sempre que tem uma oportunidade, seja falando, seja escrevendo, estará tentando fazer algo por aquele que o comprou com seu precioso sangue.

Bem, eu poderia, se fosse certo mencionar nomes, apontar alguns aqui que estão completamente vivos, a ponto de o corpo não parecer suficientemente forte para toda a vitalidade e energia de sua alma. Oh, esses são a nata da

igreja, a melhor seleção do rebanho, homens que são verdadeiros homens, e mulheres que são verdadeiras filhas de Jerusalém.

Portanto, não é o grande homem cheio de conhecimento que vai realizar grande obra para Deus, mas, sim, o homem que, por menor que seja sua capacidade, está cheio de força e fogo, e que corre adiante, movido pela energia que o céu lhe deu. Este irá realizar o trabalho — o homem que tem a vida espiritual mais intensa, que tem vitalidade verdadeira no grau mais alto de tensão, e que vive, enquanto tiver fôlego, com toda a força de sua natureza, para a glória de Deus. Junte essas três ou quatro qualidades, e creio que terá os meios de alcançar a prosperidade.

8

O tipo de obreiro que Deus procura

Que tipo de homem o Mestre quer usar? Certamente é aquele que é um *trabalhador.*

O grande *último* dia será muito difícil para aquele que não trabalhar arduamente em seu ministério, pois terá de responder pelo seu ócio. Quem deseja uma vida fácil nunca deveria pensar em ocupar o púlpito cristão. O púlpito não é o lugar dessa pessoa, e, quando ela ali chegar, o único conselho que posso lhe dar é que saia dessa posição o mais rápido possível. Se, por acaso, tal pessoa não deixar o púlpito, lembrá-la-ei das palavras de Jeú em relação a Jezabel: "Jogai-a daí para baixo" (2Rs 9.33) — e penso que isso se aplica ao ministro preguiçoso. O preguiçoso não tem direito ao púlpito. Ele é um instrumento de Satanás para condenar a alma dos homens. Inteligente ministério exige esforço mental; o pregador deve usar a inteligência em seu ensino, ler e estudar a fim de manter sua mente saudável. Não deve aborrecer as pessoas, dizendo-lhes a verdade de um modo antiquado e inútil, sem que nada de novo e genuíno brote da sua alma para fortalecer seu ensino. Acima de tudo, ele deve colocar seu coração na pregação. Ele deve sentir o que prega; pregar a mensagem nunca deve lhe parecer uma tarefa fácil. Ele deve se sentir, ao fim de uma mensagem, como se tivesse derramado a própria vida. Sua alma deve estar na obra; todo o seu ser deve estar envolvido no esforço; toda a destreza que Deus lhe deu deve ser usada vigorosamente na obra que foi confiada às suas mãos. Esse é o homem que nós queremos. Levantar-se e pregar um sermão monótono como um ronco, para pessoas que estão meio dormindo, meio acordadas, deve ser um trabalho muito triste. Eu me pergunto que tipo de desculpa alguns darão, no final, por terem agido assim habitualmente. Proclamar um credo estéril, explicar certas doutrinas usando argumentos lógicos, mas sem jamais incomodar a consciência das pessoas, nunca condenar seus pecados nem adverti-las dos perigos que estão correndo e nunca convidá-las a se achegarem ao Salvador com lágrimas e súplicas! Que obra sem poder! O que

será de tais pregadores? Deus tenha misericórdia deles! Queremos trabalhadores, e não indolentes! Precisamos de homens que tenham o coração em chamas, e eu lhes suplico que peçam a Deus que envie tais homens. A colheita nunca será ceifada por homens que não trabalham; eles têm de arregaçar as mangas. Isso significa que eles devem deixar de lado sua dignidade e envolver-se totalmente com a obra de Cristo, como faz um verdadeiro ceifeiro. Ele deve transpirar na obra; nada no campo de colheita deve ser feito sem o suor da sua face, nem no púlpito, sem o suor da alma.

Afinal de contas, que tipo de obreiros são solicitados? Devem ser homens que *vão até o campo.* Não há como colher o trigo ficando a certa distância da plantação e acenando para ela: você tem que ir até o pé de trigo; todo ceifeiro sabe disso. E você não conseguirá mover o coração das pessoas e levá-las a Cristo imaginando-se um ser superior que faz uma concessão magnânima quando cumprimenta um pobre. Essa forma distanciada de pregação é tão ridícula quanto ceifar com uma faca de mesa com cabo de marfim e usando luvas de pelica; eu não creio que Deus abençoe esse trabalho. Embrenhem-se no campo de trigo, como homens determinados! Os servos de Deus deveriam sentir que são um com o povo; sejam quem forem as pessoas, os servos deveriam amá-las, relacionar-se com elas, sentir prazer em vê-las. Olhar para essas pessoas e dizer: “irmão”. Todo homem é meu irmão, mesmo o mau, porém eu o amarei e o levarei até Jesus. Os ceifeiros de Cristo devem descer até o trigo.

Agora, observe o que o trabalhador traz consigo: uma foice. Sua comunicação com a espiga de trigo é *rápida e afiada*. Ele a corta; corta, e a espiga cai ao chão. O homem que Deus diz ser um trabalhador da seara não pode usar de palavras suaves e delicadas, persuadir com doutrinas que falam da dignidade humana, da excelência da autoajuda, do esforço próprio para corrigir a condição pecaminosa e coisas semelhantes. Deus pode amaldiçoar tal hipócrita, pois ele é a maldição deste século. O pregador honesto chama o pecado de pecado e fala francamente: “Você está se arruinando; enquanto rejeitar Cristo, viverá nas bordas do inferno e brevemente estará perdido por toda a eternidade. Não há discussão: você tem de escapar da ira divina pela fé em Jesus, ou será tirado eternamente da presença de Deus e de toda esperança de alegria”. O sermão do pregador deve ser direto. Ele não tem de cegar a navalha da segadeira temendo machucar alguém. O evangelho pretende ferir a consciência e ir direto ao coração a fim de separar a alma do pecado e do ego, da mesma maneira que o grão é separado do solo. Nosso objetivo é cortar imediatamente o

pecado, pois toda a beleza da carne deve ser derrotada; toda a sua glória e excelência devem ser extirpadas. E o homem deve surgir como um morto para que seja salvo. Os ministros que não têm o objetivo de cortar profundamente o pecado não são sal da terra. Deus nunca enviaria homens que não têm como objetivo incomodar a consciência humana. Tal homem pode ser como um asno esmagando o trigo com os pés, mas um ceifeiro certamente ele não é. Desejamos ministros fiéis; orem para que Deus os envie.

Entretanto, ao cortar o grão, o trabalhador apenas deu início à obra; é preciso fazer muito mais. Quando ele o corta, coloca-o em seus braços, amarra as espigas e forma um grande feixe para que possa ser recolhido. O ceifeiro que Deus envia ao campo deve ser um trabalhador que une; deve ser alguém que une as pessoas ao redor de Deus, que conforta os que sofrem e recolhe da terra os que foram cortados pela foice afiada da condenação. Ele deve unir os santos e edificá-los na fé.

Lembre-se também de que a tarefa do trabalhador na época da colheita não termina até que veja o trigo recolhido — até que seja amontoado ou colocado em um celeiro. Sua labuta nunca cessa, e, se Deus verdadeiramente ungiu o ministro cristão, ele sempre se preocupará com as almas que ainda tem de ganhar. Ele é como Grande-Coração, com Cristiana e Misericórdia e as crianças; ele irá com elas da Cidade da Destruição até o rio Jordão; e, se pudesse, atravessaria com elas o rio. Seu objetivo é marchar em frente com seu escudo, e, ao encontrar dragões e gigantes, também usará sua espada para proteger os pequeninos. É carinhoso tal qual um pastor que cuida das ovelhas e uma enfermeira, de um bebê, pois anseia por apresentá-los ao seu Mestre e dizer-lhe: “Aqui estou, e os filhos que Deus me deu” (Hb 2.13).

Devemos orar *ao Senhor*, pois ele é o Senhor da obra. Apenas Deus pode nos enviar o homem certo. Ele tem a pessoa certa para enviar a quem ele deseja, pois é a sua seara, e um homem pode empregar quem ele quer no seu campo. Seria trabalho em vão apelar para outra pessoa. Não adianta apelar para os bispos encontrarem trabalhadores. Apenas Deus tem a capacidade de fazer ministros e os tornar verdadeiros trabalhadores, e, assim, enfim o pedido pode ser feito a ele: “Rogai ao Senhor da colheita” (Mt 9.38a). Há três pedidos na oração do Pai-nosso: “Pai-nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Então, será que isso não é equivalente a dizer: “Senhor, envia adiante homens que possam ensinar este

mundo a santificar teu nome; que eles, pelo poder do teu Espírito, sejam o meio de fazer que teu reino venha e, assim, a tua vontade seja feita na terra como nos céus"? Devemos orar continuamente ao grande Senhor da seara por um suprimento de trabalhadores sérios e determinados.

Você percebeu a expressão que usei "*envie adiante homens*"? No grego a expressão é mais forte, significa expelir; é a mesma palavra usada para a expulsão de demônio de um homem possesso. É preciso grande poder para expulsar um demônio; Deus precisa usar um poder igual para enviar um ministro para sua obra. Sempre digo aos jovens que me procuram a fim de que eu lhes dê conselhos a respeito do ministério: "Não seja um ministro se puder evitar; pois, se o homem pode evitar, é porque Deus não o chamou". Entretanto, se ele não for capaz de evitar, se sentir que precisa pregar ou morrerá, então é o homem que Deus quer. Que o Senhor o pressione, o aperte e o constranja a pregar o evangelho, pois, se não houver uma compulsão divina, não haverá compulsão espiritual em seu ministério sobre o coração dos que o ouvem. "Rogai ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita" (Mt 9.38).

Nosso Senhor disse: "para a *sua* colheita". Eu gosto disso, porque a colheita não é nossa. Se essa colheita perecer, é a colheita do nosso Pai celestial que perece. Isso põe um peso sobre a minha alma. Se me dissessem que a colheita de algum tirano brutal e arrogante estava morrendo, eu poderia dizer: "Que morra! Se ele a tivesse, que bem traria para ele ou qualquer outra pessoa? Ele mói o rosto dos pobres; quem quer vê-lo rico?". Mas quando é nosso Deus gracioso, nosso bendito Pai amoroso, não se pode suportar a ideia, e Jesus nos adverte de que é a colheita de Deus que está morrendo por falta de trabalhadores. Imagine que um anjo o pusesse sobre suas asas e o levasse para o alto, a algumas centenas de quilômetros acima da Terra, onde você pudesse olhar para baixo e ver o globo com reforçada acuidade visual; suponha que você ficasse lá e o globo girasse diante de seus olhos durante vinte e quatro horas, a luz solar gradualmente iluminando todas as partes dele. E imagine que, com a luz solar, se tornassem visíveis certas cores que marcam onde havia graça, onde havia idolatria, onde havia ateísmo, onde havia o papado; você iria lamentar ver apenas aqui e ali em cima nosso globo, como pequenas gotas de orvalho, marcas brilhantes da graça de Deus, mas vários tons de escuridão iriam mostrar-lhe que o mundo inteiro ainda jaz no Maligno. E se a visão mudasse, e você visse os dois hemisférios abertos como um mapa e transformados em um campo de trigo, com os grãos todos brancos para a colheita, como você

ficaria triste de ver, aqui e ali, homens colhendo suas pequenas porções, fazendo o melhor que podem, mas a grande massa do trigal ainda intocada pela foice. Você veria léguas e léguas de terras onde, até onde sabemos, nunca uma espiga foi ceifada, desde a fundação do mundo. Você ficaria triste ao pensar que o trigo de Deus está se estragando — homens que ele fez à sua imagem, e que o fez para a imortalidade, perecendo por falta do evangelho. “Rogai”, essa é a ênfase de todo o texto — “Rogai ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita” —, pois esses campos não podem apodrecer diante dos nossos olhos.

“Mas eu nunca conseguirei pregar”, dirá alguém. Se você não consegue pregar, pode servir a Deus de alguma outra forma. Você não poderia iniciar uma reunião de oração em sua casa? Alguns de vocês vivem em diferentes partes de Londres; não poderiam começar novos trabalhos? Faça algo para Jesus. Algumas de vocês, boas mulheres, não poderiam reunir mulheres jovens e conversar com elas sobre o Salvador? E talvez algum irmão tem sufocado em seu coração o desejo de ir para o campo missionário. Não extingais o Espírito. Você pode estar perdendo sua vocação ao tentar suprimir esse desejo. Eu prefiro vê-los irromper em fanatismo e agir como tolos por causa do entusiasmo a permanecerem em uma frieza morta, pouco se importando com a alma dos homens. Em que pensa o povo cristão de hoje? Se ouvirem sobre o Japão, dizem: “Vamos fazer negócios com eles”; mas será que dizem: “Quem entre nós pode ir para o Japão a fim de pregar-lhes o evangelho?”. Vocês não acham que comerciantes, soldados e marinheiros, e todas as pessoas que negociam com partes distantes do mundo, são as pessoas certas para difundir o evangelho? Será que um cristão não deveria dizer: “Vou encontrar uma profissão que me ponha em contato com uma classe de pessoas que precisam do evangelho e usarei minha profissão como um “cavalo de Troia” para Cristo. Já que os hipócritas usam a religião como um “cavalo de Troia” para obter lucro, vou fazer que minha atividade sirva à minha religião”. “Ah”, dizem outros, “podemos deixar isso a cargo da sociedade evangelística.” Deus abençoe a sociedade, e, eu diria, acabe com a sociedade, em vez de permitir que ela acabe com o esforço pessoal. Queremos que nossos piedosos comerciantes, operários, soldados e marinheiros em todos os lugares reflitam: “Eu não posso arranjar um procurador, na forma de uma sociedade, para fazer o trabalho por mim; em nome de Deus, eu vou fazer isso sozinho e ter uma participação nessa grande batalha”. Se você não pode trabalhar, a sociedade é a melhor opção possível, pois assim você pode ajudar os outros. Mas o principal chamado de

Cristo ainda é para que você mesmo saia pelas estradas e valados e traga tantos quantos vier a encontrar para o banquete do evangelho.

9

Um novo convertido e obreiro bem-sucedido

Acontece frequentemente de homens perderem oportunidades reais por ficarem horas a fio esboçando projetos imaginários. Não constroem nada porque não conseguem edificar um palácio; e então morrem de frio no inverno. Não se vestem com tecido caseiro, pois só querem linho fino e escarlate. Não se contentam em fazer pouco, por isso não fazem nada. Seria leviandade orarmos por um grande avivamento e nos confortar mutuamente nessa esperança se, enquanto isso, permitimos que nosso zelo se exalte, brilhe e seja dissipado. Nosso plano é, com grande expectativa e esperança, imitar a mulher que mereceu estas palavras: “Ela fez tudo o que pôde”, trabalhou diligentemente nas obras santas, conforme os preceitos de Salomão: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o com todas as tuas forças” (Ec 9.10). Enquanto os crentes forem zelosos em fazer o que Deus os capacita a fazer, estarão no caminho do sucesso; mas se permanecerem o dia todo desocupados, à toa, atrás de prodígios, a indigência espiritual virá sobre eles como um homem armado.

André é o retrato do que todo discípulo de Cristo deve ser. Para começar, esse primeiro missionário cristão bem-sucedido foi um sincero seguidor de Jesus. Enquanto muitos se lançarem levianamente a ocupar os cargos da igreja de Cristo, não tendo nenhuma preocupação com a glória do seu reino e nenhuma parte ou porção nele, sempre será necessário repetir este aviso: “Mas Deus diz ao ímpio: Que te adianta recitar meus estatutos e repetir minha aliança com a tua boca” (Sl 50.16). Os homens que nunca viram as belezas de Emanuel não estão aptos a descrevê-las para outras pessoas.

André, apesar de novo convertido, ansiava pela alma das pessoas. Ele parece ter visto Cristo como o Cordeiro de Deus num dia e alcançado seu irmão Pedro no outro. Longe de nós tentar impedir que você — que ontem mesmo encontrou alegria e paz — exerça seu zelo recém-nascido e ardor jovial. Não se demore, apresse-se em espalhar as boas-novas que estão agora tão frescas e cheias de entusiasmo em você. É certo que os

experientes e avançados lidem com o ardiloso e o cético, mas você, você mesmo, jovem como é, pode encontrar alguém de quem consiga dar conta: um irmão como Simão Pedro ou uma irmã querida, que ouvirá a sua história simples e dará crédito ao seu testemunho.

André era um discípulo; um discípulo simples, comum e com uma capacidade mediana. Ele não tinha o caráter brilhante que seu irmão Simão Pedro soube desenvolver. Durante toda a vida do Senhor Jesus Cristo, aparece o nome de André, porém nenhum acontecimento notável liga-se a ele. Embora após a morte de Jesus ele tenha se tornado um apóstolo muito útil e, segundo a tradição, selado seu ministério morrendo em uma cruz, André, quanto ao talento, foi um crente comum, sem nada de notável. Contudo, tornou-se um ministro útil e deixou claro que os servos de Jesus não têm desculpas por não se esforçarem para aumentar os limites do reino, dizendo: “Não tenho nenhum talento notável, nenhuma habilidade singular”.

Discordo frontalmente daqueles que depreciam publicamente ministros e que zombam deles por terem poucos dons, como se não tivessem o direito de ocupar um púlpito. Afinal de contas, nós, como servos de Deus, somos medidos pela mera capacidade de oratória? Seria isso admissível depois da época de Paulo, que renunciou à sabedoria das palavras para que a fé dos discípulos não fosse fundamentada na sabedoria do homem, e sim no poder de Deus? Se você pudesse tirar o brilho de todas as estrelas menores que há na igreja cristã e deixar apenas aquelas de primeira magnitude, as trevas deste pobre mundo aumentariam sete vezes mais. Frequentemente o célebre pregador — que é o prazer da igreja — é trazido por aqueles de menos resplendor; veja o caso de Simão Pedro, que se converteu por meio de André! O que teria acontecido com Simão Pedro, não fosse por André? Será que a igreja teria tido Pedro em seu meio se tivesse calado a boca de André? E quem apontará o dedo para um irmão, ou irmã, com menos talento e dirá: “Fique calado”. Não; se você tem só um talento, use-o com zelo ainda maior. Deus irá requerer de você tal talento. Não permita que seus irmãos impeçam que ele renda dividendos. Se sua luz for fraca como a de um vaga-lume, não a esconda, pois há um olho predestinado a enxergar com aquela luz, um coração destinado a encontrar conforto por meio daquele lânguido raio de luz. Brilhe, e o Senhor aceitará o seu resplendor.

Todo que professa a fé cristã certamente fará alguma coisa para a expansão do reino do Redentor. Gostaria que todos — não importa quais sejam seus talentos — fossem como André, no que diz respeito à presteza. Logo que se converteu, tornou-se um missionário, e logo ensinou o que havia aprendido.

Gostaria que todos fossem como André: perseverante e preparado. Primeiro encontrou Pedro — que foi seu primeiro sucesso —, mas quantos encontrou depois? Quem poderá dizer? É provável que durante toda a vida André tenha trazido muitas ovelhas desgarradas ao aprisco do Redentor. Sim, certamente Pedro foi o primeiro dentre os mais queridos do seu coração. “O primeiro que ele encontrou foi Simão, seu irmão”. Ele foi o pai espiritual de muitos filhos, porém se alegrou mais por ter sido o pai de seu irmão — seu irmão na carne, mas filho em Cristo Jesus!

O objetivo desse ganhador de almas não era trazer os homens a uma religião de mera aparência. Se você transformar um homem que não guardava o sábado em alguém que guarda esse dia, mas deixá-lo como um fariseu legalista, pouco terá feito por ele. Pouco fará por ele se persuadi-lo a deixar de ser um homem que não ora para passar a ser alguém que repete fórmulas de orações, sem que seu coração esteja ali. Isso apenas muda a forma do pecado que aquele homem comete. Você impede que ele se afogue na água salgada, mas o lança na água doce. Você troca um veneno por outro. O fato é: se quiser realmente fazer um serviço verdadeiro para Cristo, deve seguir a pessoa que se tornou objeto da sua atenção com oração e zelo, até trazê-lo junto da graça a fim de que ele aceite a vida eterna que se encontra no sacrifício reconciliador e, enfim, depositá-lo aos pés de Jesus Cristo. Qualquer coisa menos que isso pode ser útil neste mundo, mas será inútil no porvir. Levar os homens a Jesus — oh, que esse seja o seu objetivo —, e não levá-los ao batismo ou à casa de oração. Levá-los aos pés daquele que é o único que pode dizer: “Os [teus] pecados, que são muitos, [te] são perdoados; [...] vai em paz” (Lc 7.47,50).

Na maioria dos casos, para levar os homens a Jesus, você pode adotar o seguinte meio: instruí-los ou levá-los a uma situação em que possam ser informados sobre o evangelho. É espantoso que, embora para nós a luz do evangelho seja tão abundante, sua distribuição neste país seja tão limitada. Sempre que falei de minha esperança pessoal em Cristo a duas ou três pessoas em um vagão de trem, percebi que o que eu estava dizendo era uma absoluta novidade para meus ouvintes. Vi o olhar de espanto no rosto de muitos ingleses inteligentes enquanto explicava a doutrina do sacrifício vicário de Cristo; pessoas que tinham até frequentado a igreja paroquial quando jovens, ignoravam totalmente a simples verdade da justificação pela fé; e alguns que frequentaram locais de culto dissidentes não pareciam ter aprendido a verdade fundamental de que nenhum homem é salvo pelas próprias ações, mas que a salvação é obtida pela fé no sangue e na justiça

de Jesus Cristo. Esta nação está mergulhada até o pescoço na doutrina do legalismo, e o protestantismo de Martinho Lutero é geralmente desconhecido. Todos os que foram chamados pela graça de Deus conhecem a verdade, mas a grande massa que está no mundo ainda fala em fazer o seu melhor e depois esperar na misericórdia de Deus, não conhecendo nada além da autoconfiança legalista. Ao mesmo tempo, a doutrina central de que todo que crê em Jesus está salvo pela obra consumada de Jesus é vista com desprezo, como sendo mero fanatismo ou um caminho que leva à licenciosidade. Divulgue-a então. Pregue-a em toda parte. Cuide para que ninguém que esteja sob sua influência seja deixado na ignorância sobre ela. Posso dar meu testemunho pessoal de que, inúmeras vezes, a declaração do evangelho, usada por Deus, tem sido suficiente para levar uma alma à paz imediata.

Há poucos meses, conheci uma senhora que tinha traços fortíssimos de sentimentos católicos em seu coração. Conversando com ela, fiquei muito feliz de ver que o evangelho era para ela uma coisa interessante e atraente. Ela se queixou de que sua religião não lhe trazia paz de espírito e que nunca sentia que estivesse fazendo o suficiente. Aquela mulher tinha a absolvição sacerdotal em alta conta, mas, evidentemente, jamais tinha sido capaz de dar repouso ao seu espírito. A morte era temida. Deus era terrível; e mesmo Cristo era um objeto de espanto, e não de amor. Quando eu disse a ela que todo que crê em Jesus está perfeitamente perdoado e que eu sabia que estava perdoado — que estava tão certo disso quanto de minha existência; que eu não tinha medo de viver ou morrer, pois seria o mesmo para mim, porque Deus me havia concedido a vida eterna em seu Filho —, vi que um novo conjunto de pensamentos estava surpreendendo sua mente. Ela disse: “Se eu pudesse acreditar nisso, seria a pessoa mais feliz do mundo”. Eu não neguei a inferência, mas afirmei ter provado a sua veracidade, e tenho razões para crer que a breve conversa que tivemos não foi esquecida. Não fazemos ideia de quantas pessoas podem estar em cativeiro por falta da mais simples explanação a respeito das verdades mais claras do evangelho de Jesus Cristo.

Muitos, também, podem ser levados a Cristo por meio de seu exemplo. Acredite em mim: não há melhor pregação neste mundo do que a de uma vida santa. Eu me sinto envergonhado, às vezes, e enfraquecido em meu testemunho, quando me lembro de que alguns que se dizem religiosos são uma vergonha não só para sua religião, mas para com a moralidade comum. Sinto-me como se tivesse que falar com a respiração suspensa e os joelhos

trêmulos, quando me lembro da hipocrisia condenável daqueles que se intrometem na igreja de Deus e, por seus pecados abomináveis, trazem desgraça sobre a causa de Deus e destruição eterna sobre si mesmos. O poder do testemunho de uma igreja é proporcional à santidade dessa igreja. Oh! Se os santos fossem imaculados, o nosso testemunho seria como fogo entre o restolho, como o tição de fogo no meio dos feixes de trigo! Se os santos de Deus fossem menos semelhantes ao mundo, mais desinteressados, orassem mais, fossem mais semelhantes a Deus, a marcha dos exércitos de Sião sacudiria as nações, e certamente veríamos raiar o dia da vitória de Cristo.

10

“Servindo de boa vontade como se servissem ao Senhor”

EFÉSIOS 6.7

O Espírito Santo não nos manda deixar o emprego para servir ao Senhor. Ele não nos manda renunciar às relações familiares que nos fazem maridos e esposas, pais e filhos, patrões ou empregados. Ele não nos induz a usar uma roupa especial ou a viver reclusos como eremitas ou no retiro de um monastério ou convento. Nada disso é sugerido; ele espera que o servo permaneça em seu ministério — “servindo de boa vontade”. Nosso Grande Capitão não espera que você alcance a vitória deixando seu posto. Ele espera que permaneça no seu negócio, chamado ou profissão, enquanto serve ao Senhor e faz a sua vontade de todo o coração. Esta é a beleza prática que há na nossa fé: Quando o demônio é expulso de um homem, a fé envia tal pessoa de volta para casa a fim de abençoar os amigos e dizer-lhes quão grandes são as coisas que o Senhor fez por ele. A graça não transplanta a árvore, mas ordena que a sombra proteja a velha casa como fazia, e que produza bons frutos onde foi plantada.

A graça não nos tira da terra, embora nos tire do mundo. A verdadeira religião nos distingue dos outros, assim como o Senhor Jesus foi separado dos pecadores, porém isso não nos cala nem nos segrega como se fôssemos bons demais ou fracos demais para os rudes costumes do cotidiano. Ela não nos coloca em um saleiro com a tampa fechada. Ao contrário, somos escalados para ficar entre os seres humanos para o próprio bem deles. A graça nos torna servos de Deus enquanto ainda somos servos dos homens: isso nos capacita a tratar dos negócios do céu enquanto atendemos aos negócios da terra, pois santifica os deveres comuns da vida, nos mostrando a maneira de desempenhá-los à luz do céu.

O amor de Cristo torna sublimes os nossos atos mais simples. Assim como a luz solar ilumina uma paisagem e irradia beleza sobre o cenário mais comum

do Universo, assim é a presença do Senhor Jesus Cristo. O espírito de consagração faz que as tarefas da vida comum sejam tão sublimes quanto a adoração apresentada sobre o mar de vidro, diante do trono eterno, por espíritos que são familiares à corte celeste.

Sejamos pobres ou ricos, servos ou patrões, tenhamos sempre um lema: *"ao Senhor e não aos homens"* (Cl 3.23). Seja esse o nosso selo e o lema do nosso brasão, de hoje em diante; a regra constante da nossa vida e a essência da nossa motivação. Ao defender que esse seja o alvo mais sublime do nosso ser, deixe-me dizer que, se formos capacitados a adotar esse lema, ele irá, antes de tudo, influenciar nosso trabalho e, em segundo lugar, elevar nosso espírito em relação àquele trabalho. Mas deixe-me acrescentar que, se o Senhor verdadeiramente for tudo na nossa vida, será isso que ele irá esperar de nós, e teremos mil obrigações de prestar contas a ele.

Se verdadeiramente vivemos "como para o Senhor", deveríamos viver totalmente para o Senhor. O Senhor Jesus é o Mestre mais atraente. Ele disse: "Ninguém pode servir a dois senhores". Com ele é tudo ou nada. Se, na verdade, ele for nosso Senhor, tem de ser o soberano exclusivo, pois ele não tolera rivais. Portanto, cristãos, temos que viver para Jesus e somente para ele. Não podemos ter nenhum outro alvo paralelo ou secundário ou dividido; se você dividir seu coração, sua vida será um fracasso. Da mesma maneira que um cão não pode seguir duas lebres ao mesmo tempo, porque no final perderá as duas presas, nenhum homem pode seguir dois objetos e esperanças opostos, porque perderá um deles. O servo de Cristo tem que ser concentrado: seus amores devem ser transformados em um único amor, e esse único amor não se prende a coisas terrenas, mas às que são lá do alto; seu coração não deve ser dividido, ou lhe será dito o que foi dito na época de Oseias: "O seu coração está dividido, por isso serão culpados" (Os 10.2). A câmara do coração é pequena demais para acomodar o Rei dos reis, o mundo, a carne e o Diabo ao mesmo tempo.

No serviço do Senhor, devemos ter o cuidado de fazer o nosso melhor e devemos sentir um anseio profundo de agradar a Deus em todas as coisas. Existe um processo chamado papel-manchado, em que um homem joga porções de tinta no papel para formar desenhos, e rapidamente metros e mais metros de papel de parede são produzidos. Suponha que o funcionário que mancha o papel zombasse de um pintor famoso por ele pintar apenas um pequenino pedaço de tela durante o mesmo tempo em que o outro produz quilômetros de papel. Essa zombaria seria ridícula. Mas o modo como o mundo encara a religião é o mesmo modo como o manchador trabalha,

fazendo borrões; existe em grande quantidade e é feito rapidamente. Mas a maneira de Deus, a maneira detalhista, é cuidadosa — existe em pequena quantidade e exige reflexão, esforço, vigilância e atenção. Contudo, veja como é preciosa a obra de arte produzida, e quanto tempo ela dura, e ninguém se maravilha de que um homem gaste seu tempo trabalhando nela. Da mesma forma, a verdadeira santidade é aceita por Deus e dura para sempre e, portanto, recompensa o esforço diligente do homem de Deus. O pintor minucioso tem que ser cuidadoso em cada matiz e em cada retoque, porque um pequeno detalhe estraga seu trabalho. Que a nossa vida seja um pequeno quadro, feito com "temor e tremor". Estamos servindo ao Santo Deus trino, que será reverenciado por todos os que se achegam a ele. Tomemos cuidado com o que fazemos. Nosso amado Mestre nunca deu uma pincelada errada quando estava servindo a seu Pai. Ele nunca viveu uma hora despreocupada nem deixou escapar palavra impensada. Oh, ele viveu uma vida cheia de cuidado: mesmo as vigílias da noite não estavam livres de profundas ansiedades que se derramavam em oração a Deus. E, se você e eu achamos que a primeira coisa que tivermos à mão já será boa o suficiente para servir ao nosso Deus, estamos cometendo um grande erro e insultando seu nome de modo grosseiro. É preciso ter um conceito muito baixo de sua majestade infinita para achar que podemos honrá-lo fazendo seu serviço de maneira desleixada ou pela metade. Não. Se quisermos de fato servir "como ao Senhor e não aos homens", devemos prestar atenção a cada movimento do nosso coração e da nossa vida, ou falharemos no nosso propósito.

Nosso trabalho para Jesus deve brotar do solo do coração. Nosso serviço não deve ser executado como algo rotineiro: deve haver vigor, poder, frescor, realidade, anseio e calor em relação a ele, ou não servirá para nada. Nenhum peixe jamais foi posto sobre o altar de Deus, porque não podia chegar lá vivo. O Senhor não quer sua adoração morta, sem coração. Você sabe o que significa colocar o coração em tudo o que fazemos? Explique por meio de sua vida. Para que uma obra seja aceita pelo Senhor, nosso coração deve estar inteiramente nela; não alguns poucos pensamentos sobre Cristo, algumas palavras frias, alguns presentes, de vez em quando, uma cena secundária de nossa vida — mas, enquanto o coração bater, assim devemos servir a Deus: ele deve ser a nossa vida. Não devemos tratar a nossa religião como se fosse uma espécie de fazenda decadente que estamos dispostos a manter, mas não investimos muito nela; nos preocupamos mais com a fazenda principal, ou seja, o nosso ego e o mundo, com seus ganhos e prazeres. Nosso Senhor será *aut nullus Caesar aut* — ou soberano ou nada.

Meu Mestre é um marido ciumento. Ele não vai tolerar um devaneio sobre encontrar amor em outro lugar. E ele se sente desprezado quando os que se dizem seus amados amam mais aos outros do que a ele mesmo. Tal indecência de coração nunca será permitida; não vamos sonhar com isso.

Como é desprezível o homem que só faz bem o seu trabalho quando observado. Somente as crianças na escola e os mercenários deveriam precisar desse tipo de supervisão. Nunca se cogitou vigiar homens de espírito nobre. Observe um jovem aprendiz que tem a tarefa de copiar uma pintura: o mestre fica ao seu lado, observando cada traço, porque, se não houver supervisão, o jovem vigarista se tornará descuidado e estragará seu trabalho, ou fará o que lhe der na cabeça. Será que alguém pensou, algum dia, em supervisionar o trabalho de Rafael e Michelangelo para garantir que eles continuassem suas obras? Papas e imperadores visitavam os grandes pintores em seus estúdios, mas será que eles pintavam bem só porque os nobres senhores olhavam seu trabalho? Certamente que não; talvez até pintassem pior por causa da agitação ou da preocupação com os visitantes. Eles se preocupavam com algo mais importante do que os olhos de personagens pomposos. Da mesma maneira, o verdadeiro cristão não quer ser vigiado pelo olho de ninguém.

Talvez haja pastores e pregadores que são melhores quando observados por bispos e presbíteros; mas imagine um bispo supervisionando o trabalho de Martinho Lutero e tentando estimular o seu zelo. Ou imagine um presbítero cuidando de Calvino a fim de mantê-lo na fé. Não, mentes bondosas superam o governo e o estímulo que vem da supervisão do homem mortal. O Espírito de Deus habita em nós, e servimos ao Senhor do nosso interior — que não se alimenta do que é exterior. Todo cristão tem a noção de que Deus o vê, e ele não se importa que qualquer outra pessoa o observe. Deus está ali, e isso é o suficiente. Ele respeita o olhar humano, mas não o corteja, nem o teme. Deixe que as suas boas obras permaneçam em segredo, pois Deus as vê, e isso basta; ou deixe que suas obras sejam exibidas à luz do dia, a fim de serem criticadas, pois pouco lhe importa quem sejam esses críticos, uma vez que Deus as aprova. Este é o verdadeiro servo de Cristo: deixar de ser um servo observado pelo olhar humano para tornar-se um servo que deseja ser visto no sentido mais sublime da palavra; sim, aquele servo que deseja que seu trabalho seja visto não pelo homem, mas pelos olhos divinos.

Recompensa? É essa a motivação do cristão? Sim, no sentido mais amplo e nobre da palavra, pois os maiores santos, como Moisés, “reconheceram a

recompensa” e, se a desprezassem, seria como menosprezar a promessa que Deus fez ao seu povo. Reconhecer a recompensa divina acaba com o egoísmo, que sempre espera a recompensa humana. Podemos adiar a recompensa e nos alegrar, em vez de receber o elogio presente que pode ser mal entendido e deturpado. Podemos adiar a recompensa, em vez de ficar desapontados, e, quando sua hora chegar, como será gloriosa essa recompensa! Uma hora com Jesus superará uma vida toda de opressão! Um sorriso dele recompensará mil vezes mais todos os momentos em que fomos desapontados e desestimulados.

11

Um grande líder e bons soldados

Grandes maravilhas o homem pode fazer quando é influenciado por um grande amor a um líder! As tropas de Alexandre marcharam milhares de quilômetros a pé deixando os homens extremamente cansados. Tudo isso fizeram por causa de seu zelo por Alexandre. Ele as levou a conquistar e vencer. A presença de Alexandre era a essência da sua coragem e a glória da sua força. Uma coisa seus soldados sabiam ao enfrentar um dia longo de marcha sobre as areias quentes: Alexandre marcharia com eles; se estivessem sedentos, sabiam que ele também estaria, pois, quando lhe trouxeram um copo de água, ele recusou — não se importou com o tamanho da sua sede — e mandou que aquele copo de água fosse dado ao soldado doente. Um dia, cansados pelo peso do despojo que levavam, pelos vistosos vestuários que usavam e por carregarem cunhas de ouro, começaram a andar lentamente, e o rei temeu que talvez não conseguissem vencer o inimigo. Alexandre tomou a parte do despojo que lhe cabia e a queimou diante dos olhos de seus soldados. Ordenou que todos fizessem o mesmo, pois dessa forma poderiam perseguir o inimigo e ganhar muito mais. “A porção de Alexandre está mais à frente”, gritou ele. Vendo o carregamento do rei em chamas, seus soldados alegremente fizeram o mesmo. Ele fez o que ordenava que os outros fizessem: na negação de si mesmo e na privação, ele foi parceiro de seus companheiros de guerra. Nosso Senhor e Mestre age conosco da mesma maneira. Ele diz: “Renuncie aos prazeres pelo bem do próximo. Negue-se a si mesmo e tome a sua cruz. Sofra, embora essa provação possa ser evitada; trabalhe, embora possa descansar, mas a glória de Deus demanda sofrimento e labuta. Não lhe foi dado um exemplo?”.

Quem, “sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que fôsseis enriquecidos por sua pobreza”? Ele se despiu de todas as coisas para que pudesse nos vestir com sua glória. Quando servimos a um líder como esse em sinceridade de coração, somos inspirados pelo seu espírito, e a

murmuração, a reclamação, o cansaço e a fadiga desaparecem; e uma paixão divina nos leva para além de nós mesmos.

Creio que um grande número de trabalhadores — não gostaria de julgá-los por isso — sempre procura descobrir qual é o mínimo que precisa fazer para receber seu salário, e não se pergunta: “Quanto posso dar em troca do meu salário?”, mas sim: “Qual é o mínimo que posso dar? Qual é o trabalho mínimo a ser feito para que eu não seja demitido por preguiça?”. Alguns dirão: “Não podemos fazer tudo hoje, pois nada restará para ser feito amanhã. Nosso patrão não nos dará mais do que consegue pagar, portanto não faremos mais do que somos obrigados”. Esse é o espírito comum, e seremos arruinados como nação porque esse espírito está entre nós, pois cada vez mais seremos abatidos pela competição externa. Entre os cristãos, no serviço ao Senhor Jesus, esse conceito não pode ser tolerado. Nunca deve um ministro dizer: “Se pregar três vezes na semana, farei mais do que alguém poderia esperar de mim, portanto não farei tal coisa”. Nunca será certo dizer: “Sou professor da escola dominical, e, se chegar na classe na hora certa — alguns de vocês não chegarão — e terminar a aula exatamente na hora, não precisarei procurar nenhum aluno durante a semana. Não quero ser incomodado, e farei exatamente o que se espera de mim, nada mais”.

Contaram-me que, em determinada cidade, havia uma mulher, esposa de um comerciante, que cortava a ameixa ao meio porque temia que um pacote pesasse mais que outro. Então o povo do lugar começou a chamá-la de d. Ameixa Partida. Há muitas donas Ameixas Partidas na religião. Não querem fazer mais que o necessário por Jesus. Gostam de dar a quantidade certa, mas ficam entristecidas se tiverem que dar mais. Ora, quando percebemos que estamos servindo ao Senhor Jesus Cristo, adotamos uma escala muito mais liberal e jamais calculamos quanto unguento será suficiente para seus pés, mas damos a ele tudo que o nosso frasco contém. É isto que você diz: “Por favor, traga-me a balança porque este unguento é caro demais e devemos ser econômicos. Cuidado com cada centavo, cada miligrama e cada pingo, pois o nardo é muito precioso”? Se essa é a sua maneira de calcular a sua oferta, ela não vale um figo podre. Observe o caso da filha amorosa, narrado nos Evangelhos. Ela quebrou o frasco e derramou tudo o que tinha sobre o Senhor. Parafraseando Judas, ele teria dito: “Seu gesto foi um ato de desperdício” (Jo 12.5). Foi Judas quem falou, de modo que você pode perceber o valor da observação. Os servos de Cristo têm prazer em dar muito, a ponto de outros acharem que aquilo que fazem é um

grande desperdício. Eles, porém, acreditam que, no momento em que os outros julgam seus atos por Cristo extravagantes, é porque começaram a mostrar o amor que sentem por seu Senhor. Esse é o poder do espírito da consagração que nos torna superiores à miserável avareza da mera formalidade.

“O trabalho está bom o suficiente?”, disse um de seus servos. O homem replicou: “Está suficiente para o preço e de bom tamanho para o homem que vai recebê-lo”. É assim que funciona quando servimos aos homens. Talvez julguemos de forma correta. Mas, quando o serviço diz respeito a Cristo, eu lhe pergunto: “Há algo bom o suficiente para ele?”. Poderíamos ser zelosos continuamente, nossa oração poderia não cessar, nossos esforços não saberem o que vem a ser descanso; poderíamos dar todo o nosso tempo, riqueza, talento, oportunidade; poderíamos morrer como um mártir milhares de vezes, pois o Amado de nossa alma não mereceria muito mais? É claro que sim! Portanto, a autocongratulação foi banida para sempre. Depois que tivermos feito tudo, ainda sentiremos que nada é comparável ao mérito de Jesus, e seremos humilhados só em pensar no assunto. Fazer tudo por Jesus estimula o zelo e provoca a humildade — uma mistura agradável que tem efeitos profícuos.

Fazer tudo para Cristo produz um resultado incrível: você será imune à busca pelo reconhecimento, que é a doença de muitos. Um sério problema do cristão é não conseguir fazer algo, a não ser que o mundo todo comente a seu respeito. Ele é como a galinha da fazenda que se sente tão orgulhosa de chocar os ovos que cacareja até que todos comentem a novidade. É assim com alguns professores: seu trabalho tem de ser publicado, ou não o fazem nunca mais. Certa vez, um desses professores disse: “Trabalho aqui nesta escola há anos, e ninguém jamais me cumprimentou por isso. Creio que alguns de nós fazemos muito, porém somos pouco notados, e isso é uma vergonha”. Se você estiver fazendo o serviço para o Senhor, não deve comentar a respeito; seu objetivo tem de ser outro. O verdadeiro servo do Senhor dirá: “Não quero ser a manchete do dia. Fiz para o meu Mestre e estou contente porque ele me vê. Tentei agradá-lo, sei o que fiz, portanto não preciso de mais nada, já recebi o que buscava. Não procuro o louvor dos homens, pois creio que ele embaçará a prata pura das minhas obras”.

Se você procurar a glória dos homens, com toda a probabilidade irá falhar no presente e, certamente, vai perdê-la no futuro, mais cedo ou mais tarde. Muitos homens estão mais dispostos a criticar do que elogiar; e esperar pelo louvor deles é como procurar açúcar em uma raiz de absinto. O homem julga

de modo injusto, e parece que faz isso de propósito, para condenar todos nós, de uma forma ou de outra. Se um irmão tem voz de baixo, os críticos dizem: “Oh, sim, uma bela voz de baixo, mas ele não consegue cantar os agudos”. Outro se destaca como barítono, e eles dizem: “Sim, sim. Mas preferimos um tenor”. Quando encontram um tenor, criticam-no porque ele não consegue cantar o baixo. Ninguém pode ser sinceramente elogiado, mas todos devem ser barbaramente censurados. O que o grande Mestre dirá sobre isso? Por acaso ele não vai julgar assim: “Eu dei a este homem uma voz de baixo, e ele canta baixo, e foi isso que eu quis que ele fizesse. Eu dei a este outro homem uma voz de tenor, e ele canta como tenor, e foi isso que eu quis que ele fizesse. Eu dei àquele outro uma voz de barítono, e ele canta como barítono, e assim assume a parte que eu queria que ele assumisse. Todas as partes misturadas compõem uma música doce para os meus ouvidos”? A sabedoria justifica seus filhos, mas a loucura culpa-os todos. As opiniões e críticas dos nossos companheiros perdem a importância quando nos lembramos de que aquele que nos fez do jeito que somos — e que nos ajuda, por sua graça, para que façamos nossa parte — não nos julgará do mesmo modo que os homens criticam ou elogiam, mas nos aceitará de acordo com a sinceridade do nosso coração. Se pensamos “Eu não estava trabalhando para você; estava trabalhando para Deus”, não ficaremos muito magoados por observações dos nossos vizinhos. O rouxinol encanta os ouvidos da noite. Um tolo passa e diz que odeia aquele barulho desagradável. O rouxinol continua cantando, pois jamais entrou na cabeça ou no coração do pequeno menestrel que ele pudesse estar cantando para os críticos: ele canta porque aquele que o criou lhe deu essa doce faculdade. Então, podemos responder àqueles que nos condenam: “Não vivemos para vocês; vivemos para nosso Senhor”. Desse modo, evitamos o desânimo causado pelas críticas negativas e pela censura dos invejosos.

Se aqueles que procuramos alcançar não forem salvos, não significa que tenhamos falhado completamente, pois não ensinamos ou pregamos tendo a conquista de almas como *ultimatum* absoluto do nosso trabalho. Fizemos isso com o objetivo de agradar Jesus, e ele se agrada com a fidelidade, mesmo quando não é acompanhada de sucesso. A obediência sincera é o seu prazer, mesmo que não conduza a nenhum resultado aparente. Se o Senhor designasse seu servo para arar o mar ou semear na areia, ele aceitaria o seu serviço. Se tivermos que testemunhar à madeira e à pedra sobre o nome de Cristo, e os nossos ouvintes forem ainda piores do que blocos de mármore, e se voltarem contra nós e nos despedaçarem, ainda

assim podemos nos encher de contentamento, porque teremos feito a vontade do nosso Senhor; e o que mais desejamos além disso? Avançar penosamente sob o peso do aparente fracasso é uma das mais aceitáveis obras da fé, e quem consegue fazê-lo ano após ano está certamente agradando a Deus.

Vamos ter que nos afastar de nosso trabalho em breve, assim nos dizem, e tendemos a nos preocupar com isso. A verdade é que vamos continuar com o nosso trabalho para sempre, se nosso serviço for agradável ao Senhor. Vamos agradá-lo lá em cima de uma forma ainda melhor do que fazemos aqui. E mesmo que a nossa tarefa aqui pareça ter chegado ao fim, aos olhos dos homens, nós a realizamos para o Senhor, e o nosso registro está no céu; portanto, não está perdido. Nada do que é feito para Jesus será destruído: a flor pode murchar, mas seu perfume permanece; a árvore pode cair, mas seu fruto é armazenado; o cacho pode ser esmagado, mas o vinho é preservado; a obra e seu lugar podem desaparecer, mas a glória que trouxeram a Jesus brilha como as estrelas, para todo o sempre.

O senso de estar servindo ao Senhor deve enobrecer todo o nosso serviço muito além do que podemos imaginar. Pense em trabalhar *para ele* — para ele, o melhor dos Mestres, diante do qual os anjos consideram uma glória poderem se curvar. O trabalho feito para ele é o melhor trabalho que existe, pois tudo o que lhe agrada deve ser puro e bonito, honesto e de boa fama. Trabalhar para o Pai eterno e trabalhar para Jesus são obras exclusivamente boas. Viver para Jesus é ser arrebatado pelo mais nobre dos motivos. Viver para o Deus encarnado é unir o amor a Deus e o amor à humanidade em uma única paixão. Viver para o Cristo eterno é elevar a alma, pois os seus resultados serão mais duradouros. Quando todas as outras obras se dissolverem, essa permanecerá. Há aqueles que anseiam em criar pinturas eternas, mas nós, de fato, produzimos uma obra eterna.

Em breve, todos os mundos contemplarão a nobreza do serviço de Cristo, pois ele trará consigo a mais abençoada de todas as recompensas. Quando os homens olharem para trás e virem o que fizeram por seus semelhantes, como será pequena a recompensa de uma vida patriótica! O mundo logo se esquece de seus benfeitores. Quantos nascem em meio à riqueza e sob os aplausos dos homens, mas, no fim da vida, se veem abandonados, morrendo de fome a caminho do túmulo. Aquele que espalhou ouro no início, implora por uma moeda no fim: o mundo o chamava de generoso, enquanto ele tinha algo para dar. Mas, depois de haver doado tudo, é criticado por sua imprudência. Quem vive para Jesus nunca terá o que reclamar de seu

Senhor, pois ele não desampara os seus santos. Nunca homem algum lamentou o que fez para Jesus, exceto, talvez, não ter feito dez vezes mais. O Senhor jamais abandonará seus antigos servos. “Ó Deus, tu me ensinaste desde a minha mocidade, e até aqui tenho anunciado tuas maravilhas. Agora, que estou velho e de cabelos brancos, não me desampares” (Sl 71.17,18). Essa era a oração de Davi, e ele estava confiante seria ouvido. Todo servo de Cristo pode ter essa mesma certeza. Ele pode ir imperturbável para o túmulo; pode, sem medo, subir e entrar pelas portas assombrosas e solenes do mundo eterno, pois o serviço de Cristo cria heróis que desconhecem o medo.

12

Na escola dominical

Trabalho na escola dominical é *beneficência*. E como poderia ser de outra forma, se é um ato de obediência? Creio que você começou a fazer esse trabalho porque chama Jesus de seu Mestre e Senhor e deseja cumprir o grande mandamento: “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15). Você vê as crianças como criaturas, criaturas decaídas, mas ainda coisinhas adoráveis, cheias de vigor, vida e alegria. Você as vê como parte da humanidade e conclui, imediatamente, que a ordem de seu Mestre se aplica a elas. Você não é como os discípulos que queriam afastá-las, pois aprendeu com o erro deles e se lembra das palavras do Mestre: “Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais” (Mt 19.14). Você sabe, também, que ele conferiu força à boca de bebês e crianças de peito, por causa do inimigo; de modo que tem certeza de que ele incluiu os pequeninos na Grande Comissão, quando disse: “Pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15).

Você está duplamente convicto de estar obedecendo à vontade dele, porque há certos preceitos especiais que se relacionam com os pequenos, como “cuida dos meus cordeiros” (Jo 21.15) e “Instrui a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando envelhecer não se desviará dele” (Pv 22.6). Você sabe que é nosso dever manter vivo o testemunho no mundo, portanto está ansioso por ensinar a Palavra a seus filhos para que eles possam ensiná-la aos filhos deles, e assim, de geração em geração, a Palavra do Senhor possa ser conhecida. Seja a tarefa agradável a você, seja cansativa, não deve hesitar, mas, sim, obedecer. O amor que o redimiu também o constrange. Você sente o toque da mão sagrada em seu ombro, a mão que foi transpassada, e ouve seu Redentor dizer: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20.21), e, por causa desse envio, você vai aos pequeninos em obediência à vontade do Senhor. Quem obedece está agindo bem, e, nesse sentido, o seu serviço entre os pequeninos é beneficência.

É beneficência, também, porque *traz glória a Deus*. Devemos sempre continuar a receber de Deus, que é a grande fonte de bondade e bênção, mas ainda assim, em infinita condescendência, ele nos permite dar-lhe algum retorno. Assim como a gota de orvalho reflete o raio com que o grande Sol a adorna, possamos nós também, dentro de nossa limitação, fazer a luz do nosso grande Pai brilhar diante dos olhos dos homens. Nossa vida pode ser como os rios que correm para o mar, de onde vieram originariamente. Sempre que intentamos algo que irá claramente promover a glória divina, estamos fazendo bem. Quando tornamos conhecida a graça de Iavé, quando trabalhamos de acordo com seus propósitos amorosos, quando proclamamos a verdade que honra seu amado Filho; de fato, sempre que o Espírito Santo dá testemunho das verdades eternas do evangelho por meio de nós, há beneficência para com Deus. Não podemos aumentar sua glória intrínseca, mas, por intermédio de seu Espírito, podemos tornar sua glória conhecida por um maior número de pessoas, e uma das melhores formas de fazer isso é ensinando o temor do Senhor às crianças, a fim de que elas possam ser uma semente para servi-lo e de que se alegrem com a sua salvação.

E quem duvidará de que o trabalho na escola dominical é *beneficência para com os homens*? A mais elevada forma de caridade é ensinar o evangelho de Jesus Cristo ao nosso semelhante. Você pode dar pão ao seu próximo, mas, depois que ele tiver comido, o pão acabará. Mas, se você lhe der o pão da vida, ficará com ele para sempre. Pode dar-lhe pão em abundância, mas, no devido tempo, ele vai morrer, como seus pais morreram antes dele. Mas, se você lhe der o pão do céu, e ele comer, viverá para sempre. Deus o capacitou a dar-lhe comida imortal: Jesus, que é o "pão do céu" (Jo 6.32). Que bênção será para um homem se você for o instrumento usado para mudar seu coração e livrá-lo do vício, libertando-o para a santificação! Levar uma alma a Cristo é levá-la para o céu. Entregar o evangelho aos filhos dos homens é, certamente, um nobre ato de benevolência. E, como se fosse possível, essa benevolência é ainda maior quando se entrega a verdade de Deus para crianças, pois é melhor prevenir do que remediar e, portanto, é melhor evitar que alguém tenha uma vida de vícios do que ter de resgatar a pessoa mais tarde. E quanto mais cedo uma alma for para a luz, mais curta será sua noite de trevas, de modo que, quanto mais cedo na vida chegar a salvação ao coração, melhor e maior será a bênção. Receber o orvalho da graça enquanto estamos ainda no orvalho da juventude é um benefício duplo.

Você faz um trabalho de beneficência do tipo mais profundo e radical, pois ataca a raiz do pecado na criança, buscando sua regeneração. Você deseja, pela graça de Deus, conquistar o coração para Cristo no início da vida, e essa é a melhor das bênçãos. Espero que você não seja daqueles que esperam ver seus filhos convertidos apenas quando estiverem crescidos e se sentem satisfeitos em deixá-los permanecer em seus pecados enquanto são crianças. Espero que você ore pela conversão das crianças enquanto são crianças e esteja trabalhando para alcançar esse objetivo com a ajuda graciosa do Espírito. Se você estiver fazendo isso, não conheço nenhum serviço que fosse mais digno de ser realizado pelos anjos do céu, se pudessem ser autorizados a realizá-lo. Certamente, se eles pudessem ensinar o evangelho à humanidade, e pudessem escolher seus alunos, talvez deixassem passar os que já estão endurecidos no pecado, e que só podem dar sua idade avançada a Cristo, e colheriam para o Senhor os jovens, cujo dia está apenas amanhecendo. Nós não podemos escolher um trabalho em detrimento do outro, mas, de qualquer forma, podemos nos considerar felizes se nossa esfera de atuação é entre os jovens.

Vamos reunir os botões de rosa para Jesus. Vamos trazer a ele a virgem no frescor de sua beleza e o jovem em seu primeiro vigor, antes que o pecado e a idade os tenham quase despojado de seus encantos. Vamos encontrar para o Senhor aqueles que podem dedicar-lhe uma vida inteira e honrá-lo desde o amanhecer até a noite. Oh, como é glorioso fazer esse trabalho para Jesus! Prossigam nos seus encargos jovens, regozijando-se com o trabalho que têm a fazer, pois isso implica fazer o bem.

Eu tinha um jardinzinho e, um dia, plantei mostarda e agrião. Na manhã seguinte, fui ver se já estava brotando e não fiquei satisfeito de ter que esperar a época devida. Revolvi a terra do canteiro e ouso dizer que impedi o crescimento da semente por causa da minha pressa. É bem possível que os professores cometam a mesma tolice de querer apressar o não crente, com a expectativa de colher amanhã o que semearam hoje. O fruto imediato pode vir, porque Deus opera maravilhosamente, mas, quer ele venha quer não, o seu dever é simplesmente semear. Você vai colher, mas, enquanto isso não acontece, você deve se alegrar em continuar semeando, semeando, semeando até o fim. A colheita é sua *recompensa*, mas a semeadura é seu trabalho. Semear, semear, semear sempre, até que a mão seja paralisada na morte e o cesto com as sementes seja carregado por outro braço. Seu trabalho é fazer o bem, semeando a semente.

Você será tentado a sentir-se desgastado. Ensinar crianças é trabalho duro. Algumas boas almas parecem ter nascido para isso; fazem um trabalho esplêndido e gostam do que fazem. Para outros, é uma tarefa árdua. Alguns são, por natureza, extremamente inaptos para ele, mas não acho que deveriam usar isso como desculpa, e sim aprender a amar o trabalho. Há pessoas extremamente ineptas em qualquer coisa que as faça transpirar, mas nós as chamamos de preguiçosas, e as criticamos. Não é novidade que alguns homens tentam escapar do Exército fingindo algum problema de saúde, mas não devemos ter esse fingimento covarde no exército de Cristo; temos de estar prontos para qualquer coisa e para tudo. Temos de nos compelir à tarefa quando vai contra a maré. Quando é um dever claro, a obediência deve dominar nossa aversão. Não tenho nenhuma dúvida de que, para alguns, o ensino é um trabalho árduo demais; mas ele precisa ser feito, de uma forma ou de outra. Agrada-me ouvi-los falar com santo entusiasmo sobre o privilégio de ensinar as crianças, e creio na sua sinceridade. Mas sei também que esse trabalho requer de vocês um grau considerável de abnegação — pelo qual a igreja nem sempre lhes dá o devido crédito. Perseverar, de *shabat* a *shabat*, semeando alguns parcos conhecimentos bíblicos naqueles meninos barulhentos e tentando abrir os olhos daquelas meninas inquietas, não é nenhuma diversão leve nem agradável passatempo. Deve ser um trabalho pesado, e, portanto, não é difícil sentir-se cansado.

Os professores podem se cansar mais porque seu trabalho é constante, ano após ano. Admiro os veteranos do seu exército. Deveria haver uma velha guarda, bem como novos regimentos. Por que deixar esse trabalho para os jovens iniciantes? Não disse Davi: “Vinde, meninos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do SENHOR” (Sl 34.11, ACRF), quando estava no auge da vida? Por que, então, muitos deixam de ensinar quando estão mais bem qualificados para fazê-lo? Não é verdade que muitas pessoas de idade têm uma gentileza e uma imponência que curiosamente atraem a atenção dos jovens? Como eles sabem mais, por experiência, do que a maioria de nós, não deveriam estar mais prontos a ministrar a instrução? Quando eu me sentava aos pés do meu avô, e ele contava sua experiência a respeito da graça de Deus, eu sempre sentia grande alegria. Quando ele já estava com oitenta anos de idade ou mais, valia a pena percorrer muitos quilômetros para ouvir seu testemunho sobre a fidelidade de Deus.

Há dezenas de homens e mulheres de idade cuja história de vida deveria ser contada muitas vezes entre as crianças. Com seu jeito amoroso e alegre,

essas pessoas seriam elementos preciosos para o bem das crianças em qualquer escola, enquanto, para os outros professores, seu valor e sabedoria seriam um benefício incalculável. Morra no arreio, se o seu vigor físico e mental permitir.

Trabalhe até o fim dos seus dias, se o seu vigor físico e mental permitir. No entanto, o longo trabalho de muitos anos tende a deixar o trabalhador cansado, tanto mais se o trabalho se tornar monótono, e, em algumas escolas, certamente é. Você vai para a mesma sala sombria e se senta na mesma cadeira, diante da mesma classe de meninos. É verdade que os meninos não são sempre os mesmos. Embora o provérbio diga: “Garotos serão sempre garotos”, eles *não* vão ser meninos para sempre, mas se tornarão homens. Contudo, um menino é tão parecido com outro que a classe é sempre a mesma. As aulas variam, mas a verdade é a mesma, e o trabalho de ensinar é como plantar sementes — praticamente a mesma coisa, vez após vez. Os amantes da mudança dificilmente encontrarão no trabalho regular da escola dominical um campo para a sua inconstância. O texto diz: “E não nos cansemos de fazer o bem” (Gl 6.9). Você está cansado? Há quanto tempo está no ensino? Mil anos? Vocês riem. Eu sorrio também e digo: não se cansem com um período de serviço tão curto assim. Nosso Senhor merece toda uma eternidade em seu louvor, e nós esperamos gastá-la desse modo. Portanto, não nos cansemos durante os poucos anos que constituem a vida comum do homem.

13

O trabalho árduo e sua recompensa

Você não acha que às vezes nossa negligência com o trabalho cristão decorre de alguma deficiência em relação à graça? Em geral, não se pode tirar de dentro de um homem algo que não esteja nele. Você não pode ir para sua classe e ensinar vigorosamente se perdeu o vigor interior. Não pode ministrar diante do Senhor com a unção do Santo Espírito se essa unção não estiver sobre você. Se não estiver vivendo perto de Deus e no poder dele, esse poder não fluirá por seu intermédio para os filhos que estão sob seus cuidados. Por isso, creio que devemos pensar que, quando nos sentimos descontentes e desanimados, é porque estamos mal espiritualmente. Devemos dizer a nós mesmos: “Anima-te, minha alma! O que te aflige? Esse ânimo debilitado é uma evidência de que estás doente. Procura o Médico dos médicos, e ele te dará um tônico que te fortalecerá. Vamos! Coragem! O tempo da colheita chegará. Então, pega firme no arado”.

Será que a indiferença e a frieza de nossos companheiros cristãos não são outro motivo que nos deixa desanimados? Vemos os outros fazendo o trabalho do Senhor relaxadamente, e, quando estamos cheios do ardor, eles estão frios como o gelo. Vivemos no meio de pessoas na igreja que parecem não se importar se as almas das crianças estão salvas ou não, e consequentemente ficamos desapontados. A indolência dos outros deveria ser um argumento para nos tornamos mais diligentes. Se o trabalho do nosso Mestre está sofrendo nas mãos de nossos companheiros cristãos, não deveríamos fazer o trabalho em dobro a fim de sanar as suas deficiências? Os preguiçosos não deveriam nos servir de alerta para que não sejamos mornos como eles? Argumentar que temos de ser indolentes porque os outros também não fazem nada é usar uma lógica distorcida.

Às vezes, também — sinto vergonha de dizer isso — ouço falar de professores que estão desanimados porque não são reconhecidos. Seu trabalho não tem sido notado pelo pastor e elogiado pelo superintendente, e

seus colegas não comentam a respeito de suas aulas e seus alunos. Não falarei muito a esse respeito porque é um assunto indigno. Valorização? Você espera tal coisa neste mundo? A nação judaica desprezou e rejeitou seu Rei, e mesmo que fôssemos tão santos quanto o Senhor Jesus poderíamos ainda ser julgados e estimados inadequadamente. O que importa? Se Deus nos aceita, não devemos desanimar, mesmo que todos nos ignorem.

Talvez o trabalho em si nos proporcione desculpas ao cansaço. É muito difícil semear pelo caminho e entre os espinhos — é cansativo lançar boas sementes em terreno rochoso, ano após ano. Se tivesse feito isso por anos a fio, e fosse capacitado pelo Espírito Santo, diria a mim mesmo: "Não desistirei do meu trabalho porque ainda não recebi nenhuma recompensa, pois compreendi, por meio da parábola do Senhor, que três sementes não prosperaram, e apenas uma floresceu em boa terra e se multiplicou. Pode ser que já tenha passado a época das minhas três sementes sem sucesso e agora tenha chegado o momento de desfrutar a quarta que caiu em boa terra". É uma pena que, após anos de trabalho árduo, você queira *agora* desistir de tudo. Por que *agora*? *Agora* é tempo de desfrutar as alegrias do trabalho árduo. Seria uma pena desistir depois de ter ministrado e preparado o caminho da bênção, justo agora que haveria poucas dificuldades a serem superadas em relação a tudo que já passou. Quem já percorreu tanto nesta dura viagem não deveria percorrer tudo novamente: não permita que alguém pense em voltar. Na verdade, retroceder nesta peregrinação seria vergonhoso: como não temos permissão para voltar, o retrocesso torna-se muito perigoso. Colocar a mão no arado e olhar para trás provará que não somos dignos do reino. Se houver centenas de motivos que nos levem a desistir da obra da fé, haverá cinco mil outros que nos levam a prosseguir. Embora haja muitos argumentos para o desânimo, há muitos mais para perseverar. Embora estejamos cansados — e muitas vezes nos sentimos assim —, esperemos no Senhor, renovemos as nossas forças e voaremos como águias, esqueceremos nosso cansaço e seremos fortalecidos no Senhor e em seu poder.

Temos um grande estímulo na esperança da recompensa. "Pois, se não desistirmos, colheremos no tempo certo."

O tempo da colheita chegará. Nosso principal trabalho é glorificar a Deus por meio do ensino da verdade; sejam as almas salvas ou não. Contudo, ainda duvido da afirmação de que podemos pregar o evangelho ano após ano — talvez por toda a vida — sem obter nenhum resultado. Eles dizem: "Paulo

pode plantar e Apolo *pode* regar, mas Deus é quem fez crescer". Gostaria que eles encontrassem essa passagem na Bíblia. Na minha, está escrito: "Eu [Paulo] plantei; Apolo regou; mas foi Deus quem deu o crescimento" (1Co 3.6). Não há a mínima possibilidade de o texto nos ensinar que, quando Paulo plantou e Apolo regou, Deus arbitrariamente poderia ter se recusado a dar o crescimento. Toda a glória é atribuída ao Senhor, mas o trabalho honesto não é menosprezado. Não estou dizendo que exista uma reação de causa e efeito entre o ensino da verdade e a conversão, de modo que estejam invariavelmente conectados. Eu diria que, pela regra do reino, as duas coisas deveriam ser conectadas pelo poder do Espírito Santo. Algumas causas não produzirão efeitos por causa da interferência de determinados obstáculos que causam impedimento.

Uma pessoa pode ministrar o evangelho parcialmente e trocar o certo pelo errado. Deus pode, de algum modo, abençoar a ministração, mas o homem bom pode acabar retardando a bênção pela maneira errônea como ministra a verdade. Tome como regra: a verdade de Deus que recebeu oração e foi falada no temor do Senhor, por um homem que é habitado pelo Espírito Santo, produzirá o efeito natural e esperado. Da mesma maneira que a chuva não cai sobre o céu e os flocos de neve nunca voltam para o céu, a Palavra de Deus não voltará vazia, mas realizará o que agrada a Deus. Nunca gastaremos nossa força em vão, nada ficará sem resultado ou deixará de glorificar o Senhor; nem um versículo ensinado àquela menininha, nem um texto ministrado àquele garoto desinteressado, nem o conselho dado àquele jovem pecador teimoso, nem a despedida carinhosa a uma daquelas senhoras. E somando tudo, embora uma mão cheia de sementes possa ser comida pelos pássaros e outras morram no terreno rochoso, sempre brotará semente em abundância e recompensará plenamente o semeador e o doador da semente.

Sabemos que no Senhor o nosso trabalho não é vão. Sigam para as suas salas de aula com esta convicção: Não trabalharei à toa, nem gastarei as minhas forças em vão e inutilmente (cf. Is 49.4). "Seja feito conforme a vossa fé". Pegue uma vasilha pequena, e ela ficará cheia do maná do sucesso; mas tome um grande ômer, e ele se encherá, e você terá abundância. Creia no poder da verdade que ensina. Creia no poder do Cristo que prega. Creia na onipotência do Espírito Santo, cuja ajuda invoca na oração sincera. Semeie e avalie a sua colheita.

"E não nos cansemos de fazer o bem, pois, se não desistirmos, colheremos no tempo certo" (Gl 6.9). Nós colheremos. O texto não diz: "Trabalhem, e

seus sucessores colherão”. Devemos nos alegrar com o que diz o texto e não duvidar dele. Colheremos também. Sim, terei os meus feixes, e você, os seus. O terreno que cuidei dará lucros. E a colheita resultará em feixes, e pessoalmente os ajuntarei. Eu ceifarei. “Nunca me considerei um Mestre”, disse alguém. “Sempre achava que não tinha competência e percebia que o superintendente confiava-me apenas as crianças pequeninas; mas sou grato por ouvir que ceifarei. Colherei. Terei a minha pequenina colheita, guardada no Senhor para ser a minha porção”. Oro para que você comece a ter esperança, se nunca colheu. Comece a esperar. Falarei aos professores que são sempre pontuais — claro que, se você não é pontual, não se preocupa com a colheita — e falarei também aos zelosos — se não é zeloso, nunca ceifará. Professores pontuais, zelosos e fiéis na oração: vocês, sim, ceifarão. Alguns professores não procuram a colheita, por isso não se alegrarão. Mas estou falando aos zelosos e diligentes professores da escola dominical que põem o coração na obra e ainda não viram resultados. De acordo com o texto, vocês ceifarão. Meus amigos perseverantes, não desanimemos: “colheremos no tempo certo”, nós mesmos. Cada um de vocês terá sua parte. Embora sinta vontade de desistir, você ceifará.

Depois de semear, não cesse de trabalhar, porque o tempo da colheita está próximo. Se eu fosse um fazendeiro e se tivesse de desistir da minha fazenda, teria de ser antes da semeadura do trigo; mas, se eu já tivesse arado a terra e semeado, não diria: “Daqui a seis meses será a época da colheita, e quero que outro ocupe a terra”. Não. Eu gostaria de ver a colheita e o trigo sendo levado ao mercado. Gostaria de receber a recompensa pelo trabalho. Espere por sua recompensa, especialmente você que está desanimado. “Se não desistirmos, colheremos no tempo certo.” Nós que consideramos que fizemos o mínimo, e talvez tenhamos exercitado o mínimo da fé e tolerado as buscas do coração, sofrido e chorado diante do Senhor, nós também “se não desistirmos, colheremos no tempo certo”.

Que recompensa pode ser tão grande quanto a conversão das crianças? Por acaso, a maior felicidade que podemos ter na terra, ao lado da comunhão com nosso Senhor, não é ver que esses pequeninos estão salvos? Entretanto, olhando a escola dominical de uma forma mais ampla, penso que grande parte da sua recompensa reside em educar uma geração de pessoas que gostam de adorar. Nós não podemos alcançar toda a grande massa de pessoas de Londres, não importa o que façamos. Basta ir a uma reunião evangelística qualquer para perceber, pela maneira como as pessoas cantam, que a maioria delas está acostumada com os cânticos religiosos.

Nós não sabemos como alcançar dezenas de milhares de pessoas, mas vocês, professores da escola dominical, sabem. Vocês alcançam as pessoas enquanto são pequenas, e elas voltam para casa e cantam hinos para seus pais, que não virão aqui para cantar. Os pequeninos vão e contam a suas mães tudo que aprenderam sobre Jesus, de modo que as crianças de Londres são os missionários da nossa cidade. Elas são os arautos de Cristo para as famílias a que os ministros não têm acesso. Vocês as estão ensinando, e, se fizerem bem esse trabalho (e eu os encarrego de cuidar bem da ligação entre suas classes de jovens e a igreja), repito, se fizerem bem esse trabalho, vamos precisar de mais locais de culto e de mais ministros dedicados, pois as pessoas começarão a vir para a casa de oração. Quando esse dia chegar, será um momento glorioso para os pregadores da Palavra. Em algumas cidades do interior da Inglaterra, e principalmente na Escócia, é difícil encontrar uma única pessoa ausente quando a casa de Deus está aberta! Todos vão para a *Kirk*, ou para a igreja. Infelizmente, isso não acontece em Londres. Temos centenas de milhares de pessoas que se esquecem de santificar o sábado. Temos, lamentavelmente, mais de 1 milhão de londrinos que vão tão raramente a um culto que pode-se dizer que estão habitualmente ausentes. Será um grande feito se vocês, professores da escola dominical, puderem mudar isso, dando à igreja milhões de frequentadores.

Acredito que haverá outra recompensa para vocês: a de saturar toda a população com a verdade religiosa. Todas as crianças agora precisam aprender a ler. E para que devem aprender a ler? Para se transformarem em ladrões que atacam as pessoas nas estradas ou em batedores de carteira? Ou devem aprender a ler para se tornarem servos do Deus vivo?

Isso vai depender muito de vocês. Além de ensinarem todos os outros assuntos,[1] vocês devem ter o cuidado de apresentar às suas crianças uma literatura saudável. Seus meninos precisam ler, e, se você é professor de um menino que lê “Jack Sheppard”,[2] será, infelizmente, responsável, se ele continuar a se deliciar com tal abominação. Tenho confiança de que seu bom fermento irá levedar toda a massa do nosso país; que vocês serão os instrumentos para o aperfeiçoamento moral da sociedade, e, como as gerações se sucedem, tenho plena confiança de que veremos uma nação cheia de conhecimento bíblico, devota aos pensamentos religiosos e exaltada em todas as coisas pela justiça e a verdade.

[1]As escolas dominicais surgiram por volta de 1780 para dar instrução (principalmente a leitura e a escrita) às crianças das classes trabalhadoras durante o único dia em que não estavam trabalhando nas fábricas. (N. da E.)

[2]Famoso ladrão inglês do início do século 18. Teve uma curta carreira de dois anos, que terminou com sua morte na forca. Ficou famoso por suas inúmeras prisões e fugas. Após sua morte, foi publicada uma biografia, atribuída a Daniel Defoe, que romantizava sua vida e suas célebres fugas. (N. da E.)

14

Uma leitura proveitosa

Temo que esta seja uma era em que se lê muita revista, muito jornal e muito periódico, mas, ao contrário do que deveria acontecer, não se lê muito a Bíblia. Na época dos puritanos, se tinha um suprimento escasso de literatura, mas, na Bíblia, eles encontravam uma biblioteca. E como a liam! Há pouco das Escrituras nos sermões atuais, se comparado com os sermões dos mestres de teologia puritanos. Quase toda sentença que elaboravam parecia lançar luz sobre uma passagem do texto sagrado; não somente sobre aquele que era a base da pregação, mas sobre muitos outros, à medida que a mensagem prosseguia. Eles enchiam o sermão de luz, encadeando passagens paralelas, e assim ensinavam os leitores a comparar coisas espirituais com coisas espirituais. Peço a Deus que nós, ministros, permaneçamos mais perto do grande e antigo Livro!

Seríamos pregadores que educam, se fizéssemos isso, mesmo que ignorássemos o "pensamento moderno" e não "acompanhássemos os tempos". Garanto que estaríamos quilômetros à frente da nossa era se permanecêssemos mais perto da Palavra de Deus. Para vocês que não têm que pregar, o melhor alimento é a Palavra de Deus. Livros e sermões são adequados, mas podem conter tendências que se distanciam das Escrituras e gradualmente perdem o frescor da fonte que os originou. A verdade é mais doce onde ela brota da Pedra que foi golpeada, pois seu primeiro fluxo não perde nada da sua vitalidade e divindade. Sempre é melhor beber do poço do que da caixa de água. Você descobrirá que ler a Palavra de Deus — ler *a* Palavra, e não notas *sobre* ela — é o caminho certo para o crescimento na graça. Beba do leite puro da Palavra de Deus, e não do leite desnatado ou do leite aguado da palavra do homem.

Leitura superficial da Bíblia não é leitura bíblica. Os olhos passam pelos versículos e as sentenças voam pela mente, mas não há verdadeira leitura. Um velho pregador costumava dizer que a Palavra hoje em dia tem um curso livre e poderoso entre muitas pessoas, pois entra por um ouvido e sai pelo

outro. Algumas pessoas conseguem ler muito porque, na verdade, não estão lendo nada. Elas passam os olhos rapidamente pelo texto, mas a mente nunca se demora em nada. A alma não capta a verdade, nem ali permanece. Voa rapidamente sobre a paisagem como um pássaro, mas não constrói ninho nem encontra descanso para os pés. Isso não é leitura. Compreender o significado é a essência da verdadeira leitura. A leitura tem um âmago, e a simples aparência nada vale. O mesmo acontece com a oração. Há um louvor na música, um fogo interior de intensa devoção que é a vida do "Aleluia". Assim é também com o jejum. Há um jejum que não é jejum, e há um jejum interior; um jejum da alma, que é a alma do jejum. E assim é com a leitura das Escrituras. Há uma leitura interior, uma leitura do âmago — uma leitura viva e verdadeira da Palavra. Essa é a alma da leitura, e, se ela não existir, será um exercício mecânico que não serve para nada.
Certamente, o benefício da leitura deve vir à alma pela compreensão. Quando o sumo sacerdote entrava no lugar santo, sempre acendia o castiçal de ouro antes de pôr o incenso no altar de bronze, demonstrando que a mente deve ser iluminada antes que os sentimentos se manifestem em direção ao objeto divino. Deve haver conhecimento de Deus antes que surja amor a Deus. Deve haver um conhecimento das coisas divinas, como elas foram reveladas, antes que sejam um prazer. Devemos tentar compreender, até onde nossa limitada mente consegue alcançar, o que Deus quer dizer com *isto* e o que ele quer dizer com *aquilo*; caso contrário, podemos beijar o Livro e não amar o seu conteúdo; podemos reverenciar a Carta, e nem mesmo ter devoção ao Senhor que fala a nós por suas palavras. Sua alma nunca será confortada, se não houver entendimento; nem encontrará direção, se não houver compreensão da vida; nem mesmo conseguirá dar um propósito prático ao seu caráter, se não houver entendimento.

Quando estudamos as Escrituras, devemos estimular nossa mente a fim de que esteja alerta à situação de estudo. Nem sempre estamos em condições, penso eu, de ler a Bíblia. Às vezes, seria bom se parássemos antes de abrir o livro. "Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que estás é terra santa (Êx 3.5). Você está envolvido em seus pensamentos e ansioso a respeito dos negócios do mundo e não pode imediatamente pegar o livro e entrar nos mistérios celestiais. Da mesma maneira que você ora pela refeição antes de comer, seria uma boa regra pedir a bênção sobre a leitura da Palavra antes de tomar a refeição celestial.

Ore para que o Senhor fortaleça seus olhos antes que você ouse olhar para a luz eterna das Escrituras. Da mesma forma que os sacerdotes lavavam os pés no lavatório antes do serviço sagrado, seria bom se lavássemos os olhos da alma que leem a Palavra de Deus, se lavássemos até mesmo os dedos — se me permitem usar essa imagem —, os *dedos mentais* que viram cada página do Livro, para podermos lidar com o Livro Santo de uma forma santa. Diga à sua alma: "Acorda, minha alma, não é hora de ler os jornais nem de buscar as poesias humanas que encantam por seu brilho poético. Aproxime-se de Deus, que detém a Palavra tal qual um monarca em seu trono. Acorda, tudo que há em mim, acorda. Embora agora talvez nem esteja louvando e glorificando a Deus, estou prestes a considerar que a devoção é o que deveria me levar a fazer tal ato. Minha alma, levante-se; anime-se e dobre-se diante do tremendo trono do Eterno".

A leitura das Escrituras é a nossa refeição espiritual. Soe o gongo e chame cada faculdade à mesa do Senhor, a fim de festejar a preciosa refeição que agora é compartilhada. Ou, em vez disso, toque o sino da igreja para a adoração, pois o estudo das Santas Escrituras deve ser um ato solene quando entoamos hinos em nossos cultos ao Senhor.

Para compreender o que se lê, será preciso meditar no texto. Algumas passagens das Escrituras são muito claras — abençoado vaus onde as ovelhas conseguem atravessar o rio. Mas há profundezas em que nossa mente poderia até se afogar, em vez de nadar prazerosamente, se entrasse ali desprevenida. Há textos das Escrituras que são feitos e construídos com o propósito de nos fazer pensar. Esse é um dos meios que nosso Pai celestial usa para nos instruir e preparar para o céu, fazendo-nos pensar de uma maneira que entendamos os mistérios divinos. Ele coloca a Palavra de um modo que nos obriga a meditar nela antes que alcancemos a sua doçura. Ele poderia ter nos explicado tudo de um modo que seríamos capazes de compreender em minutos. Mas não foi essa a sua vontade. Muito do véu que cobre as Escrituras não tem o propósito de esconder o significado daquele que é diligente, mas sim estimular a mente a ser produtiva, pois a diligência do coração na busca por conhecer a mente divina faz que ele seja aperfeiçoado, e isso é muito melhor que o conhecimento em si.

A meditação cuidadosa nos exercita e fortalece a alma quanto ao aprendizado das verdades mais grandiosas. Ouvi que, antigamente, as mães das ilhas Baleares, quando queriam que seus filhos se tornassem bons atiradores de funda, colocavam o jantar deles em um lugar alto, onde não podiam alcançar. A única maneira de alcançá-lo era atirando uma pedra e

fazendo que caísse. Nosso Senhor deseja que sejamos bons atiradores e coloca algumas verdades em um lugar alto, de difícil acesso; um lugar que só pode ser alcançado por meio de um arremesso. Finalmente, acertamos o ponto e encontramos comida para a nossa alma. E assim recebemos o dobro do benefício: aprendemos a arte da meditação e a compartilhar essa doce verdade que foi trazida ao nosso alcance.

Temos de meditar. Essas uvas não produzirão vinho até que pisemos nelas. Essas azeitonas devem ser manufaturadas; devem ser pressionadas repetidamente para que o azeite seja extraído. Em uma cesta de nozes, temos que descobrir quais estão bichadas, porque existe um pequeno buraquinho na casca de algumas delas. Através desses orifícios minúsculos, um inseto perfurou a casca — só um buraquinho foi o suficiente para que no interior da casca exista algo vivo comendo a semente. Bem, é uma grande coisa perfurar a casca da carta e assim viver dentro dela, sendo alimentado pelo cerne. Gostaria de ser esse pequeno verme que vive dentro e sobre a Palavra de Deus, tendo perfurado a casca e alcançado o mistério mais secreto do evangelho. A Palavra de Deus sempre é mais preciosa para o homem que vive de acordo com ela. Quando me assentava embaixo de uma frondosa faia, ficava feliz ao observar com curiosidade os hábitos singulares daquela maravilhosa árvore — que parecia ter uma inteligência que as outras não tinham. Eu me surpreendia com ela e a admirava muito, porém eu pensava comigo mesmo: meu conhecimento sobre esta árvore não é nem metade do conhecimento daquele esquilo. Eu o vejo pulando de um galho para o outro e tenho certeza de que ele a tem em alta estima, porque, em algum lugar, em uma cavidade destes galhos, está a casa dele, e os frutos da faia são o seu alimento. De fato, aquela árvore é tudo para ele, mas não é para mim, pois meu descanso e minha comida estão em outro lugar. Quanto à Palavra de Deus, devemos ser como os esquilos, vivendo nela e dentro dela. Exercitemos nossa mente pulando de galho em galho da Palavra e encontremos nela nosso descanso e alimento, tornando-a nosso tudo. Há esconderijos nela, conforto e proteção. Somos o povo que pode se beneficiar dela, se fizermos dela nosso alimento, nosso remédio, nosso tesouro, nossa armadura, nosso descanso e nosso prazer. O Espírito Santo pode nos levar a fazer isso e tornar a Palavra de Deus preciosa para a nossa alma.

Utilize-se de todos os meios e auxílios a fim de compreender as Escrituras. Quando Filipe perguntou ao eunuco etíope se ele havia entendido a profecia de Isaías, ele replicou: “Como poderei entender, a não ser que alguém me ensine?” (At 8.31). Então Filipe foi até ele e abriu a Palavra do Senhor.

Alguns, sob o pretexto de serem ensinados pelo Espírito de Deus, se recusam a ser instruídos por livros ou por homens. Isso não é honrar o Espírito de Deus, é um desrespeito, pois ele dá a alguns de seus servos mais luz do que a outros — e isso está claro. E estes devem transmitir a luz a outros e usar essa luz para o bem da igreja. Entretanto, se outra parte da igreja recusa-se a receber tal luz, para que finalidade o Espírito de Deus a deu? Isso implica um erro na administração dos dons e da graça — que é administrada pelo Espírito Santo. E algo assim não pode acontecer, não faz sentido. O Senhor Jesus se agrada em dar mais conhecimento da sua Palavra e mais discernimento dela a alguns de seus servos do que a outros. E aceitamos alegremente a escolha do Senhor. Seria impiedade dizer: “Não receberemos o tesouro celeste contido em vasos de barro. Se Deus nos der o tesouro celestial de suas mãos, e não dos vasos de barro, nós o receberemos; mas nos consideramos sábios demais, pessoas de mente elevada demais e espirituais demais para nos importar com joias colocadas em vasos de barro. Não ouviremos ninguém, nem leremos nada, exceto *o Livro*. Não aceitaremos qualquer luz, exceto aquela que vem através de uma fenda do nosso telhado. Não enxergaremos por meio da vela de outro homem; preferimos ficar no escuro”. Não caiamos em tal insensatez. Que venha a luz divina! E mesmo que seja trazida por uma criança, nós a aceitaremos com alegria.

Na leitura, devemos buscar o ensino espiritual da Palavra. Nosso Senhor diz: “Acaso não lestes?”. E, mais adiante, pergunta novamente: “Ou não lestes?”. Finalmente, ele diz: “Se, porém, soubésseis o que significa...”, e o significado é algo profundamente espiritual. O texto que ele citou foi: “Quero misericórdia, e não sacrifícios” — um texto do profeta Oseias. Ora, os escribas e fariseus conheciam a letra muito bem — o sacrifício, a morte do boi etc. Mas eles negligenciavam o sentido espiritual da passagem: “Quero misericórdia, e não sacrifícios” — isto é, Deus prefere que cuidemos do nosso próximo a observarmos qualquer cerimonial da Lei que cause fome, sede e morte de suas criaturas. Eles deveriam passar do exterior para o espiritual, e o mesmo deve acontecer com a nossa leitura.

Deveria ser assim ao lermos passagens históricas: “Acaso nunca lestes o que Davi fez quando ele e seus companheiros estavam em necessidade e com fome? Como ele entrou na casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu dos pães consagrados, dos quais apenas os sacerdotes tinham permissão para comer, e deu também aos companheiros?” (Mc 2.25,26). Aquela passagem narrava um fato histórico, e eles deveriam ter

lido para extrair dela uma lição espiritual. Já encontrei maior grandeza espiritual nas narrativas históricas do que no livro de Salmos. Quando você alcança o âmago do significado espiritual de uma história, se surpreende diante da extraordinária clareza — da força realística — com que o ensinamento vem à sua alma. Alguns dos mistérios mais maravilhosos da revelação são mais bem compreendidos por estarem diante dos nossos olhos nas histórias do que em sua declaração verbal. Quando temos uma ilustração para explicar a declaração, a ilustração expande e vivifica o que foi declarado. Por exemplo, quando nosso Senhor nos explicou o que era a fé, ele nos contou a história da serpente de bronze (Jo 3.14; Nm 21.8). E qual de nós, que já tenha lido a história da serpente, não percebeu que é muito mais fácil entender o que é a fé por meio daquela narrativa em que pessoas estavam morrendo por causa da picada da cobra e, quando olhavam para a serpente de bronze eram salvas, do que por meio de qualquer descrição que Paulo nos deu?

A mesma coisa é verdadeira em relação a todos os preceitos cerimoniais, porque o Salvador continua a dizer: “Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo infringem o sábado e ficam sem culpa?” (Mt 12.5). Não há um único preceito na antiga Lei que não tenha um sentido e significado interior, portanto não rejeite Levítico ou diga: “Não consigo ler os livros de Êxodo e Números. Eles só falam a respeito das tribos e de seus padrões de vida, das paradas no deserto, das instruções da marcha, do tabernáculo e utensílios, ou a respeito das mesas, vasos e ornamentos de ouro, pedras preciosas e do linho puro, azul e escarlate”. Busque o significado profundo. Pesquise; pois, como em um tesouro real, onde a joia mais preciosa está trancada e é a mais difícil de ser alcançada, assim é com as Sagradas Escrituras”.

Você já visitou a Biblioteca do Museu Britânico? Há muitos livros de referência que o leitor, por si só, tem permissão de tirar quando o agradam. Há outros livros, entretanto, que ele tem de pedir uma senha para consultar, pois, sem ela, não poderá pegá-los. E há outros que não podem ser vistos sem uma permissão especial e estão trancados em um lugar separado. Quando há permissão, as portas dos armários são abertas, e você pode pesquisá-los, mas sempre com a presença de um vigia ao seu lado. Você mal consegue ler o manuscrito por temer destruir uma letra do livro apenas com seu olhar. Não existem cópias desses tesouros preciosos em todo o mundo, e não é fácil aproximar-se deles. Da mesma maneira, há preciosas doutrinas na Palavra de Deus que estão trancadas, e algumas delas podem ser

encontradas no livro de Levítico ou em Cantares de Salomão. Você não conseguirá alcançar tais tesouros sem destrancar as portas, e o próprio Espírito Santo deve estar com você, ou nunca desfrutará desse tesouro de valor inestimável.

As maiores verdades estão escondidas e protegidas como as regalias dos príncipes. Portanto, não *leia* apenas; *busque* enquanto lê. Não se satisfaça com os preceitos cerimoniais até que alcance seu significado espiritual, pois essa é a verdadeira leitura. Você ainda não leu se não compreendeu o espírito da questão.

Esse livro maravilhoso o ajudará de milhares de maneiras se você o ler, pois, quanto melhor compreender o que está escrito, mais você o apreciará. E, à medida que os anos se passarem, o Livro crescerá com você e se transformará no manual de devoção das barbas grisalhas, assim como antigamente, na infância, era o seu doce livro de histórias. Contudo, a Bíblia sempre será um *Livro Novo* — como se tivesse sido impresso ontem e ninguém conhecesse uma só palavra do seu conteúdo. E ela se tornará ainda mais preciosa por causa das lembranças que a cercam. À medida que virarmos suas páginas, quão doces serão as lembranças da nossa história; fatos que jamais serão esquecidos e permanecerão por toda a eternidade entrelaçados com suas graciosas promessas. O Senhor nos ensina a ler seu livro da vida, que ele mesmo abriu diante de nós aqui na terra, para que possamos ler claramente os nossos nomes naquele outro livro do amor, que até agora não vimos, mas que será aberto no último grande dia.

15

“A colheita é grande”

MATEUS 9

Nosso Salvador considerava as pessoas entre as quais andou de uma forma digna de ser imitada por nós. Ele era um homem de grande sensibilidade, “movido por compaixão” (Mc 1.41). Sua empatia estava sempre alerta. Não era capaz de olhar para uma multidão com um semblante indiferente; o íntimo de sua alma se agitava. Mas, ao mesmo tempo, ele não era um simples entusiasta; era tranquilo e prático, como um calculista frio. Se suspirava, certamente fazia mais do que simplesmente suspirar; ele ajudava aqueles de quem se compadecia. Tinha uma compaixão prática em relação à multidão, por isso voltou-se para seus discípulos e disse: “Rogai ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita” (Mt 9.38). Ele não andava no meio do povo com um senso irrefletido de admiração pelas pessoas. Não o ouço enaltecendo-as como “a nata da classe rural” ou “a força da nação”, como fazem alguns; mas também não vemos nele qualquer traço de aversão a elas, como se ele se sentisse deslocado em sua sociedade. Ele se entristecia muitas vezes por suas tolices e se angustiava por causa de seus pecados, mas nunca as odiou ou falou delas com desprezo.

As pessoas comuns ouviam-no com prazer, porque viam que ele tinha empatia por elas. Embora, em caráter, fosse grandiosamente aristocrático, em forma e modo de vida era profundamente democrático. Ele era um Rei, contudo “um escolhido dentre o povo” (Sl 89.19), que os amava de todo o coração. Fica evidente também que ele nunca ficou desanimado ao trabalhar para o bem das pessoas; não o ouvimos jamais dizer que é inútil pregar à multidão, que ela é muito depravada, muito dominada pelos sacerdotes ou muito ignorante. Nenhum desânimo diminui jamais o seu fervor. Ele perseverou até que sua obra estivesse consumada. Um bravo e glorioso coração era o de Jesus, sempre chegando à ternura, mas, ao mesmo tempo, sempre prático. Nunca se deixava influenciar pela admiração, ou pela

aversão, ou pelo desânimo, de modo a deixar de usar meios práticos para melhorar a condição das pessoas com as quais conviveu.

A ideia de *multidão* surge naturalmente quando contemplamos um campo de colheita; e, quando a colheita é abundante, essa ideia se impõe sobre nós imediatamente. Não se pode contar as espigas de milho, nem seremos capazes de contar os filhos dos homens. Suponho que o nosso Salvador tenha se referido, antes de tudo, às multidões que estavam à sua volta. Mas, sendo sua mente muito mais poderosa que a nossa, ele se lembrou de todos os milhares de Israel. Não só isso; me parece que ele não poderia restringir seu coração ao pequeno país de Israel. Ele olhou por sobre os mares e as montanhas e viu as miríades de seres humanos movendo-se sobre este globo. Não conseguimos imaginar os milhões de seres da nossa espécie. Até hoje, ninguém foi capaz de fazer uma ideia da vasta extensão desta cidade de Londres; podemos atravessá-la de ponta a ponta, quanto quisermos, e estudar suas estatísticas, mas não conseguiremos chegar a uma concepção do que é a população de Londres e nunca conseguiremos — a multidão é muito grande. Mas o que é Londres em comparação com a nossa nação e com os milhões que falam a nossa língua materna em todo o mundo? No entanto, mesmo estes são apenas uma pequena porção da incalculável população do globo. Nunca seremos capazes de ter uma pálida concepção da China, com os seus muitos milhões de pessoas, ou daquela outra nação populosa que está debaixo do nosso cetro, o Hindustão.[1] Multidões estão no vale da existência, como as gotas das nuvens de chuva e como as folhas das árvores da floresta; tais são os filhos dos homens.

Quando, porém, o Senhor se referiu a eles como uma colheita, tinha em sua mente a ideia de que há *perigo* para eles. Suponha que o dono de uma grande propriedade percorresse seus muitos hectares e dissesse: “Tenho uma grande colheita — veja esses campos que se estendem até onde a vista alcança. Mas o país está despovoado, as pessoas emigraram, e eu não tenho trabalhadores. Há um ou dois lá adiante. Eles estão colhendo com todas as suas forças, colhem durante muitas horas e trabalham até desmaiar; mas lá longe há vastas faixas de minha fazenda que não foram ceifadas, e eu não tenho uma foice para enviar. O trigo está sendo desperdiçado, e isso me entristece terrivelmente. Veja como os pássaros estão se reunindo em bandos para roubar as espigas preciosas! Enquanto isso, a época da colheita está muito avançada, o orvalho do outono já está sobre nós e as noites geladas que são a vanguarda do inverno estão a caminho. O míldio está

estragando o grão, e o que ainda está bom vai cair no chão ou inchar com a umidade, e não prestará para nada".

Essa é uma imagem do Redentor. Ele olha para o mundo de hoje e diz a si mesmo: "Todas essas multidões de almas preciosas serão perdidas, pois há tão poucos ceifeiros para as reunir. Aqui e ali encontram-se homens que, com prodigiosa energia, estão colhendo tudo que podem, e já quase desfalecem enquanto colhem — e eu estou com eles —, e feixes abençoados são levados para casa. Mas o que representa isso diante da multidão?".

Olhem! Seus olhos conseguem ver os campos? Pode até mesmo uma asa de águia voar sobre os vastos campos, planícies prontas para a colheita, sem se cansar durante o voo? Lá estão as preciosas espigas. Elas se deterioram, apodrecem, perecem, estão estragadas, trazendo perda a Deus e a ruína eterna a si próprias. E entristece o Grande Lavrador que isso seja assim. O mesmo ainda acontece hoje, e deveria nos entristecer por amor a ele, por amor aos nossos semelhantes. Uma multidão de almas preciosas estava morrendo, e o Salvador lamentou isso.

O Salvador tinha ainda outro pensamento: o de que as massas eram *acessíveis*, pois ele usou a mesma expressão quando o povo de Samaria saiu em bando e foi até o poço para ouvi-lo, atraído pela curiosidade despertada pela história contada pela mulher. Ele disse aos seus discípulos: "Levantai os olhos e vede os campos já prontos para a colheita" (Jo 4.35). Ora, quando as pessoas estão prontas para ouvir a Palavra, é aí que os campos estão maduros. E nosso Senhor quis dizer que, assim como as espigas de trigo não se opõem à foice, mas ficam lá, e um homem só tem de entrar no campo e usar a foice, e o resultado certamente virá, assim também há momentos em que não é preciso mais nada, além de pregar o evangelho, e as almas que de outra forma pereceriam certamente serão colhidas.

Eu não acredito que tenha havido alguma época em que o mundo estivesse insensível ao evangelho. Quem reuniu as multidões? Homens como Agostinho e Crisóstomo. E qual foi a sua pregação, senão o evangelho de Jesus Cristo? Quem as reuniu? Homens como Jan Huss, Jerônimo, Lutero, Calvino e semelhantes, sobre os quais sempre houve um cheiro suave de Cristo. Quem reuniu as multidões neste país? Quem, senão o nosso Wycliffe e nosso Knox? Quem as reuniu em épocas posteriores, senão nosso Whitefield e nosso Wesley, homens que falavam a linguagem do povo e que não tinham outro tema, senão Jesus crucificado. Elas não ouvirão suas filosofias, deixarão vocês e suas filosofias para as aranhas e a podridão dos

fungos; mas preguem Jesus e seu sangue precioso, e digam aos homens que todo que crer em Cristo será salvo, e eles os ouvirão de bom grado.

Um missionário que passa as noites trabalhando para o Senhor em tavernas e nos lugares mais reles onde o povo se diverte disse-me que praticamente nunca ouviu um insulto; as pessoas recebem seus folhetos e lhe agradecem as palavras gentis. Nossos missionários urbanos e aqueles que visitam pontos de táxi ou terminais de ônibus, ou ainda os que trabalham entre outros funcionários públicos, afirmam que, em geral, há boa vontade em relação ao evangelho. Os campos nos pedem para colhê-los, mas não há ceifeiros suficientes. Os grãos perecem por falta de trabalhadores. As pessoas *são* acessíveis. Há algum país onde o evangelho não possa ser pregado? A China era muito fechada, mas você pode andar por todo o seu território falando de Cristo, se quiser. O Japão está aberto para você, e a África desnudou os seus segredos; a Espanha, antes completamente fechada, como se tivesse um selo, hoje está aberta, e a Itália se regozija com a mesma liberdade. O mundo todo está diante dos ceifeiros do Altíssimo, mas onde estão eles? “Na verdade, a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9.37).

A ideia de necessidade *imediata* está contida na figura, pois, para o agricultor, a segadura da colheita é praticamente uma questão de agora ou nunca. Ele diz: “Ah, se eu pudesse adiar a colheita, se eu pudesse deixá-la ser feita a passos lentos, se pudéssemos trabalhar até depois da Lua da Colheita, pelos meses de novembro e dezembro, até que o inverno fechasse o ano, então a escassez de trabalhadores não seria tão ruim. Mas há um tempo limitado para que o trigo seja alojado com segurança, e isso tem que acontecer antes que o inverno comece, ou ele está perdido para nós”.

Não há tempo a perder na salvação dos filhos dos homens. Eles não vão viver para sempre. Aquela cabeça grisalha não ficará esperando até que você lhe fale do evangelho, se adiar a boa notícia pelos próximos dez anos. Falamos do que esperamos fazer por nossa raça em meio século, mas esta geração será enterrada antes disso. Você precisa ceifar sua colheita imediatamente, ou ela vai ser destruída; deve ser reunida rapidamente, ou vai perecer. Hoje, hoje — as necessidades imperiosas da humanidade apelam à benevolência dos cristãos. Hoje a destruição certa do incrédulo fala com voz suplicante à humanidade de cada coração desperto: “Estamos morrendo. Vocês vão nos deixar perecer? A única maneira de nos ajudar é trazendo-nos o evangelho *agora*. Vocês ainda vão demorar?”.

[1]Antiga denominação do subcontinente indiano, região peninsular do sul da Ásia onde se situam a Índia, o Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão. (N. da T.)

16

Salve as crianças

Espero que vocês não tenham se esquecido completamente da escola dominical, mas temo que um grande número de cristãos mal a conheça. Talvez a conheça de ouvir dizer, e não por observação. Provavelmente, em vinte anos de vida, nunca foram à escola ou se importaram com esse assunto. Ficariam encantados de ouvir sobre algum sucesso dessa escola; entretanto, embora nunca tenham ouvido nada a respeito, estão contentes. Na maioria das igrejas, você encontrará muitos jovens de espírito ardente se dedicando ao trabalho da escola dominical; mas há inúmeros outros que poderiam fortalecer muito esse trabalho, mas nunca experimentaram qualquer coisa desse tipo. Poderiam ser desculpados, se tivessem outro trabalho a fazer, mas infelizmente não se ocupam das coisas divinas e só gastam tempo, enquanto esse trabalho — que está acessível e requer sua ajuda — é totalmente negligenciado. Não digo que aqui exista esse tipo de preguiçoso, mas não consigo acreditar que estejamos livres deles e pedirei à consciência que faça seu trabalho com as partes culpadas.

As crianças precisam ser salvas; as crianças podem ser salvas; as crianças têm de ser salvas pela instrumentalidade. As crianças podem ser salvas enquanto são crianças. Aquele que disse: “Deixai as crianças virem a mim e não as impeçais, porque o reino de Deus é dos que são como elas” (Mc 10.14), jamais quis que sua igreja dissesse: “Não nos preocuparemos agora com as crianças, e sim quando forem mulheres e homens adultos”. Ele queria que elas fossem objeto de oração, que merecessem um esforço honesto e que, nessa fase da vida, fossem convertidas a Deus. A conversão de uma criança envolve o mesmo trabalho da graça divina e resulta nas mesmas bênçãos que a conversão de um adulto. No caso da criança, a alma é salva da morte, e uma multidão de pecados é perdoada, entretanto há uma alegria adicional, pois um grande trabalho preventivo é realizado quando um jovem se converte. A conversão salva uma criança de uma

multidão de pecados. Se a misericórdia eterna de Deus abençoar o seu ensino ao pequeno tagarela, como será feliz a vida daquele garoto, comparada com o que teria sido se vivesse de modo insensato, desgraçado e vergonhoso e apenas se convertesse bem mais tarde. Essa é a mais alta sabedoria e a mais verdadeira prudência que podemos ter para com nossas crianças enquanto são jovens e podem entregar o coração ao Salvador. Reivindicar o pródigo é bom, mas salvá-lo de ser um pródigo é ainda melhor. Trazer o ladrão e o bêbado de volta é uma ação louvável e que vale a pena, mas agir a fim de que um menino nunca se transforme em um ladrão nem em um bêbado é, de longe, melhor ainda: daí a importância da escola dominical e a razão pela qual ela está no topo das listas dos empreendimentos filantrópicos. Os cristãos devem ser mais determinados quanto a este assunto. Aquele que converte uma criança do erro impede que ela cometa uma multidão de pecados. E, além disso, dá à igreja a esperança de ser equipada com mulheres e homens melhores.

Os *Samuéis* e *Salomões* da igreja adquirem sabedoria na juventude; Davi e Josias eram tenros de coração quando ainda em tenra idade. Leia a vida dos ministros importantes e descobrirá que a sua história cristã começou bem cedo. Embora não seja absolutamente necessário, é muito oportuno ao bom desenvolvimento de um caráter cristão que seu fundamento seja deitado nas bases da piedade da juventude. Se queremos cristãos fortes, devemos olhar para aqueles que foram crentes na mocidade; as árvores devem ser plantadas nos campos do Senhor enquanto são jovens e florescerem bem.

Atualmente, o trabalho de ensinar os jovens é mais importante do que jamais foi no passado, pois hoje há no exterior pessoas que estão invadindo nossas casas e iludindo homens e mulheres com sua falsa doutrina. Tomara que as escolas dominicais da Inglaterra ensinem bem as crianças. Que elas não apenas ocupem o tempo com frases piedosas, mas que ensinem aos jovens todo o evangelho e as doutrinas da graça de forma inteligente, e que orem pelas crianças, e nunca estejam satisfeitas, a menos que as crianças se voltem para o Senhor Jesus Cristo e sejam acrescentadas à igreja, e então eu não terei medo do papado. Sacerdotes papistas de antigamente afirmaram que teriam conseguido reconquistar a Inglaterra para Roma, não fosse pela catequese das crianças. Nós abandonamos os catecismos — penso eu que com muito pouca razão —, mas, de qualquer forma, se não usamos catecismos piedosos, devemos trazer de volta o ensino diligente, simples e direto, junto com súplicas e orações pela conversão das crianças, a conversão imediata das crianças ao Senhor Jesus Cristo. O Espírito de Deus

espera para nos ajudar nesse empreendimento. Ele estará conosco, se estivermos com ele. Ele está pronto para abençoar o professor mais humilde, e até as classes dos pequeninos não ficarão sem a graça divina. Ele pode nos dar palavras e pensamentos adequados ao nosso pequeno auditório. Ele pode nos abençoar para que saibamos falar apropriadamente ao ouvido do jovem. Se isso não acontecer, se professores não forem encontrados ou forem infiéis, veremos as crianças que frequentaram nossas escolas de volta ao mundo, como seus pais, envergonhando-se da religião por causa do tédio das horas gastas na escola dominical. E, assim, produziremos uma raça de infiéis ou uma geração de pessoas supersticiosas. A oportunidade dourada será perdida, e a maior responsabilidade cairá sobre nós. Oro pela igreja de Deus a fim de que ela pense mais na escola dominical. Suplico a todos que amam a nação que orem pela escola dominical; suplico a todos que amam a Jesus Cristo e querem ver seu reino que sejam gentis com todos os jovens e orem para que o coração de cada um deles seja ganho para Jesus.

Este tema domina o meu coração. É um assunto que deveria pesar sobre todas as consciências. Deus precisa conduzir todos os nossos pensamentos a esta questão. Vou encerrar o assunto, mas não sem antes fazer estas perguntas: o que cada um de vocês tem feito pela conversão das crianças, pela conversão de cada uma delas? O que tem feito pela conversão de seus filhos? Isso está claro para você? Você já abraçou seu filho e orou por ele e com ele? Pai, esse ato terá grande influência sobre seu filho. Mãe, você já conversou com sua filhinha a respeito de Cristo e de sua crucificação? Debaixo da mão de Deus, você pode ser tanto a mãe espiritual quanto a biológica de seus amados filhos. O que vocês têm feito, vocês que são tutores e professores dos jovens? Está claro o que acontecerá com a alma deles? Vocês que são professores durante a semana, e vocês que trabalham no domingo, estão fazendo tudo o que podem a fim de que seus meninos e meninas sejam levados o mais cedo possível a confessar o Senhor? Deixarei que pensem no assunto. Vocês receberão uma grande recompensa se, quando entrarem no céu, como creio que irão, encontrarem lá muitas queridas crianças esperando para recebê-los. Isso lhes proporcionará outro céu além do céu: encontrar seres celestiais que os saudarão como os professores (ou professoras) que os trouxeram a Jesus. Eu não gostaria de receber uma coroa no céu sem uma estrela por não ter ganhado nenhuma alma. Você gostaria?

E lá vão elas, o rebanho sagrado das ovelhas compradas por sangue, conduzidas pelo grande Pastor. Muitas delas foram seguidas por suas irmãs

gêmeas, e outras têm seus cordeirinhos. Você gostaria de ser uma ovelha estéril no rebanho do grande Pastor? A cena muda. Escuto o ruído de uma grande multidão. Ouço a música de guerra, e meus ouvidos se enchem com as músicas de vitória. Os guerreiros estão voltando para casa, e cada um está trazendo seu troféu no ombro, para honrar o Capitão. Adentram o portão de pérola, marcham em triunfo rumo ao capitólio celestial, pelas ruas de ouro, e cada soldado carrega sua porção dos despojos da guerra. Você estará lá? Estando lá, marchará sem troféu e não acrescentará nada à pompa do triunfo? Não levará nada que tenha conquistado na batalha? Não ganhou nada para Jesus com sua espada e seu arco?

Novamente outra cena está diante de mim. Ouço gritos, é a canção da colheita, e vejo os ceifeiros trazendo seus feixes. Alguns deles estão curvados por causa da quantidade de feixes que carregam sobre os ombros: estes foram chorando, mas voltaram regozijando e trazendo seus feixes. Ao longe vem uma pessoa que traz só um punhado de grãos, mas seu grão é rico; ele tinha um pequeno pedaço de terra, e uma pequena semente de trigo lhe foi confiada, e ela se multiplicou conforme a regra da proporção. Você estará lá sem nunca ter semeado nem plantado e, consequentemente, sem ter ceifado? Se assim acontecer, cada grito de um ceifeiro será uma angústia ao seu coração, porque se lembrará que não plantou e, portanto, não pôde colher. Se não ama meu Mestre, não pode professá-lo também. Se ele não o comprou com seu sangue, não permaneça com ele, não coma da sua mesa nem diga que é seu servo. Contudo, se suas feridas o compraram, entregue-se a ele; e se você o ama, alimente suas ovelhas. Ele permanece aqui, despercebido aos olhos, mas reconhecido pela fé; ele lhe mostra as marcas das feridas nas mãos e nos pés e diz: “Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20.21); “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15). E lembre-se disto: “aquele que fizer um pecador retornar do erro do seu caminho salvará da morte uma vida e cobrirá uma multidão de pecados”.

17

Salve uma alma da morte

TIAGO 5

Se algum de vocês foi usado como meio para trazer de volta um apóstata, a Bíblia diz: “Sabei” (Tg 5.20). Ou seja, deixe que ele saiba disso, tenha certeza disso, seja confortado e inspirado por isso. Não ouça meramente; deixe que penetre no fundo do seu coração. Quando um apóstolo inspirado pelo Espírito Santo diz: “Sabei”, não permita que a indolência do espírito proíba a averiguação do peso da verdade. O que você tem de saber? Deve saber que aquele que converteu uma pessoa do erro do seu caminho salvará a alma dessa pessoa da morte. Isso é algo que vale a pena saber, e não é um assunto de pouca importância. Por que honramos homens entre nós e olhamos para eles todo o tempo? Porque são homens que salvaram vidas preciosas, entraram no bote salva-vidas, mergulharam no rio, a fim de resgatar aquele que estava se afogando. Estavam prontos a correr riscos e passar por entre as chamas para salvar do incêndio uma alma. São verdadeiros heróis, merecedores de renome, mais do que os homens sujos de sangue que chegam da guerra. Deus abençoe esses bravos corações! Que nunca faltem à nossa nação homens valiosos que sirvam de inspiração para a humanidade!

Quando vemos uma criatura em perigo, nosso pulso bate rapidamente, e temos o desejo de salvá-la. Não é assim que acontece? Mas a salvação de uma alma da morte é muito maior do que isso. Pensemos no que é essa morte! Não é apenas parar de existir; não sei se levantaria um dedo para salvar meu semelhante da mera não existência. Não vejo grande dano na aniquilação. Certamente, não seria nada que me alarmasse como castigo pelo pecado. Assim como não vejo grande alegria na mera existência eterna — se isso é tudo que significa vida eterna —, não percebo grande terror em deixar de existir. Para mim, tanto faz existir como não existir, se tudo se resume a uma existência ou inexistência insípidas. Entretanto, nas Escrituras, vida eterna significa uma coisa muito diferente de existência

eterna. Significa existir com todas as faculdades desenvolvidas na plenitude de alegria; existir não como uma erva seca no feno, mas como uma flor em toda a sua beleza. Morrer, nas Escrituras e na linguagem comum, não é cessar a existência. A diferença entre morrer e ser aniquilado é enorme. Morrer a primeira morte é fazer a separação entre o corpo e a alma; é a resolução da nossa natureza em seus elementos componentes. E morrer a segunda morte é fazer a separação entre o homem — alma e corpo — e seu Deus, que é a vida e alegria da nossa humanidade. Essa é a destruição eterna da presença do Senhor e da glória do seu poder. Isso é ter o palácio da humanidade destruído e transformado em uma ruína desoladora para herança eterna do dragão do remorso e da coruja do desespero.

Agora, lembre-se que seu Salvador veio ao mundo com dois objetivos: destruir a morte e afastar o pecado. Se você converter um pecador dos erros de seu caminho, será semelhante a ele nessas duas obras, à sua maneira, no poder do Espírito Santo: vencerá a morte, arrebatando uma alma da segunda morte, e também afastará o pecado dos olhos divinos, escondendo uma multidão de pecados debaixo da propiciação do Senhor Jesus.

O apóstolo não diz que, se você converter um pecador do erro de seus caminhos será honrado. A verdadeira filantropia rejeita tal motivação. Ele não diz que, se você converter um pecador do erro de seus caminhos terá o respeito da igreja e o amor das pessoas. Isso pode acontecer, mas somos movidos por motivos mais nobres. A alegria de fazer o bem está no bem em si. A recompensa de um ato de amor é encontrada no seu resultado. Se salvarmos uma alma da morte, e se ela for perdoada de uma multidão de pecados, o pagamento é suficiente, embora nenhum ouvido jamais ouça a respeito do que fizemos e nenhuma caneta jamais registre tal coisa. Esqueçamos de que fomos instrumentos, se o resultado for bom; isso deve nos alegrar, mesmo se não recebermos apreciação e formos deixados na sombra fria do esquecimento. E se outros forem honrados pelas boas obras que o Senhor fez por nosso intermédio, não murmuremos. Já será alegria suficiente se soubermos que uma alma foi salva da morte e uma multidão de pecados foi perdoada.

Lembremos de que a salvação de uma alma da morte honra a Jesus, porque não há salvação de almas a não ser por seu sangue. Quanto a você e a mim, o que podemos fazer para salvar uma alma da morte? De nós mesmos, nada, da mesma forma que uma caneta pousada sobre a mesa não poderia ter escrito sozinha *O peregrino*. No entanto, bastaria um Bunyan pegar a

caneta para a obra magistral ser escrita. Assim, você e eu nada podemos fazer para converter almas, a não ser que o Espírito eterno de Deus nos pegue em suas mãos e faça maravilhas por nós, e seja glorificado por meio de nós. E para nós será suficiente saber que Jesus é honrado, e o Espírito, magnificado. Ninguém fala a respeito da caneta de Homero, ninguém a revestiu de ouro ou publicou suas realizações; nem nós desejamos a glória entre os homens. A nós é suficiente ser a caneta nas mãos do Salvador que escreveu a aliança da sua graça sobre as tábuas de carne dos corações humanos. Esta é a recompensa dourada para um homem que realmente ama seu Mestre: Jesus glorificado e pecadores salvos.

Tudo o que o apóstolo disse refere-se à conversão de uma pessoa. “Se algum de vós se desviar da verdade e alguém o reconduzir a ela, sabei que aquele que fizer um pecador retornar do erro do seu caminho salvará da morte uma vida e cobrirá uma multidão de pecados” (Tg 5.19,20). Você já desejou ser um Whitefield? Já aspirou, no seu íntimo, a ser outro McCheyne ou Brainerd ou Moffat? Cultive essa aspiração, entretanto, e ao mesmo tempo alegre-se por ter levado um pecador a Jesus, porque aquele que converte um pecador deve saber que não foi feita coisa pequena; ele salvou uma alma da morte e cobriu uma multidão de pecados.

O versículo nada diz sobre *a pessoa* que é usada para a obra. O versículo não diz: “Se um ministro converter um homem ou se um sacerdote eloquente e notável realizar tal feito”. Se esse feito for realizado até mesmo por uma criancinha de Israel, se a criancinha contar a história de Jesus a seu pai, se uma pequena serva distribuir folhetos e alguém por intermédio disso encontrar a salvação, se o pastor mais humilde na esquina falar ao ladrão ou à meretriz, e, por causa disso, se salvarem, lembrem-se de que aquele que converte um pecador do erro do seu caminho, não importa quem seja ele, salvará a alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados.

Ansiemos por ser usados na conversão dos pecadores. Nessa passagem, Tiago não falou a respeito do Espírito Santo nem do Senhor Jesus Cristo, pois estava escrevendo àqueles que se lembrariam das verdades importantes concernentes tanto ao Espírito quanto ao Filho de Deus. Entretanto, não podemos fazer nenhum bem espiritual às pessoas sem o Espírito de Deus, nem podemos abençoá-las se não pregarmos a elas sobre Jesus Cristo e a crucificação. Deus tem de nos usar; oremos e anelemos ser usados; purifiquemo-nos de todas as coisas que podem nos impedir de ser usados pelo Senhor. Se houver algo que estejamos fazendo ou deixando de fazer, algum mal que estamos acolhendo, alguma graça que estamos

negligenciando, que nos desqualifica de ser usados por Deus, oremos ao Senhor a fim de que nos limpe, repare e purifique até que sejamos vasos próprios para o uso do Mestre. Então, observemos as oportunidades que serão proveitosas; estejamos no mundo com ouvidos e olhos abertos, prontos para avaliar cada ocasião em que o bem possa ser feito. Não nos contentemos até que sejamos úteis e façamos disso o principal desígnio e ambição da vida.

18

Restaurando aqueles que erraram

Meus irmãos, se algum de vós se desviar da verdade e alguém o reconduzir a ela, sabei que aquele que fizer um pecador retornar do erro do seu caminho salvará da morte uma vida e cobrirá uma multidão de pecados (Tg 5.19,20).

Tiago é fundamentalmente prático. Se, de fato, ele foi aquele chamado o Justo, posso compreender o porquê desse título — porque esse traço de seu caráter é bem aparente na epístola. E, se foi o "irmão do Senhor", fez muito bem em mostrar tamanha semelhança com seu grande parente e Mestre, que iniciou seu ministério com o prático Sermão do Monte. Deveríamos ser gratos pelas Santas Escrituras por termos alimento para todos os tipos de crentes e serviço para todo talento dos santos.

O contemplativo foi suprido com diversos temas para reflexão: Paulo o supriu. O apóstolo deu-nos uma doutrina perfeita, ordenou-a em uma simetria exata, ministrou-nos ensinos profundos e nos abriu os segredos divinos mais profundos. Nenhum homem que seja inclinado à reflexão ficará sem alimento enquanto as epístolas de Paulo existirem, pois elas alimentam a alma com o maná sagrado.

Para aqueles em quem a emoção e a imaginação predominam e que tendem a temas misteriosos, João escreveu epístolas cheias de devoção, amor e ardor. Temos suas epístolas, simples, porém sublimes — que parecem, à primeira vista, adequadas às crianças; entretanto quando cuidadosamente examinadas, vemos que seu sentido é sublime demais para ser totalmente absorvido pelo mais maduro dos homens. Do mesmo apóstolo com olhos e asas de águia temos a extraordinária visão do Apocalipse, em que temor, devoção e imaginação encontram escopo para seu pleno exercício.

Sempre haverá, no entanto, um tipo de pessoa que é mais prática do que contemplativa, mais ativa que criativa. Para ela, a sabedoria determinou que houvesse um Tiago, cujo ponto principal é incitar a mente pura dos crentes por meio da lembrança e ajudar a perseverança deles na graça do Espírito Santo.

Na passagem citada, temos um caso especial: um apóstata da igreja visível. A expressão "se algum de vós" deve referir-se a um cristão professo. Aquele

que errou, foi chamado pelo nome de Jesus e durante algum tempo seguiu a verdade. Mas, na hora da desgraça, foi seduzido por um erro doutrinário e transgrediu as normas da verdade. Ele não caiu meramente em um erro sobre uma questão de menor importância, um detalhe do evangelho, mas errou em uma doutrina vital; ou seja, apartou-se dos fundamentos da fé. Há algumas verdades que devem ser cridas e são essenciais à salvação. Se não forem aceitas de coração, a alma está arruinada. Aquele homem tinha sido um ortodoxo professo, entretanto desviou-se da verdade em um ponto essencial. Naquela época, os santos não diziam: “Temos de ser tolerantes com esse irmão e deixá-lo com o próprio ponto de vista; ele vê a verdade de uma maneira diferente da nossa e tem um modo peculiar de explicá-la, mas sua opinião é tão boa quanto a nossa; não devemos dizer que ele está em erro”. Essa é a maneira moderna de brincar com a verdade divina e fazer que todas as coisas ao redor se tornem agradáveis. E assim o evangelho é corrompido, e vai sendo propagado outro evangelho. Eu gostaria de perguntar aos líderes liberais da igreja moderna se existe alguma doutrina pela qual valeria a pena um homem ir para a fogueira ou ser lançado na prisão. Não acredito que eles poderiam me dar uma resposta, pois, se a sua liberdade dentro do arianismo estiver correta, os mártires foram tolos de primeira magnitude. Pelo que vejo dos seus escritos e ensinamentos, parece-me que os pensadores modernos tratam todo o espectro da verdade revelada com total indiferença; e embora talvez lamentem que espíritos mais rebeldes vão longe demais no livre-pensamento, e preferissem que eles fossem mais moderados, de modo geral sua liberalidade é tão grande que eles não têm certeza de coisa alguma para serem capazes de dizer que o oposto é um erro fatal. Para eles, preto e branco são termos que podem ser aplicados à mesma cor, dependendo do ponto de vista de quem olha. Sim e não são igualmente verdadeiros na opinião deles. Sua teologia é tão mutante quanto as Areias de Goodwin, e eles consideram toda firmeza como intolerância. Erros e verdades são igualmente compreensíveis dentro do círculo de sua tolerância. Não era dessa maneira que os apóstolos viam o erro. Eles não aconselhavam que se tivesse tolerância e bom coração para com a falsidade, nem consideravam o que defendia o erro como um profundo pensador cujas opiniões eram “revigorantes e originais”; muito menos diziam disparates perversos sobre a probabilidade de terem mais fé na dúvida sincera do que na metade dos credos. Eles não acreditavam na justificação pela dúvida, como os nossos neologistas. Eles concordavam sobre a necessidade de conversão do irmão que erra; eles o tratavam como

uma pessoa que precisava de conversão e o viam como alguém que, se não se convertesse, sofreria a morte da alma e seria coberto com uma multidão de pecados. Eles não eram pessoas despreocupadas como nossos amigos cultos da escola do “pensamento moderno”, que aprenderam finalmente que a divindade de Cristo pode ser negada, a obra do Espírito Santo ignorada, a inspiração das Escrituras rejeitada, a expiação desacreditada e a regeneração dispensada, e ainda o homem que faz tudo isso pode ser tão bom cristão quanto o crente mais devoto! Ó Deus, liberta-nos da infidelidade enganosa que, embora cause dano àquele que erra e frequentemente o impeça de ser restaurado, prejudica ainda mais o nosso coração, pois nos ensina que a verdade não é importante e a falsidade é insignificante, destruindo assim a nossa submissão ao Deus da verdade e nos transformando em traidores, em vez de em leais súditos do Reis dos reis.

Parece que aquele homem, tendo se desviado da verdade, seguiu a consequência lógica natural do erro doutrinário e se desviou na vida também, pois o versículo 20 — que, é claro, deve ser lido junto com o 19 — fala em fazer o pecador “retornar do erro do seu caminho”. Optou pelo caminho errado após ter optado pelo pensamento errado. Não é possível desviar-se da verdade sem, em pouco tempo, de alguma forma, desviar-se da justiça prática. Aquele homem passou a agir errado porque se desviou da crença certa. Suponha que um homem passa a crer em uma doutrina que o leve a ter uma opinião menos elevada a respeito de Cristo. Em pouco tempo, ele terá menos fé em Cristo, e se tornará menos obediente a ele, e assim cairá na justiça própria ou na licenciosidade. Se ele começar a achar que o castigo do pecado não é muito grande, é natural que cometa pecados com menor remorso e transgrida todas as restrições. Se ele negar a necessidade de expiação, o resultado será o mesmo. Todo erro tem consequência. Seria absurdo imaginarmos que a santidade possa ser produzida tanto pela doutrina errônea quanto pela verdadeira. Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos cardos? Os fatos provam o inverso. Quando a verdade é dominante, a moralidade e a santidade são abundantes; mas, quando o erro domina, a vida piedosa se retira envergonhada.

O alvo da igreja para aquele pecador era sua conversão — fazê-lo retornar, trazê-lo de volta ao pensamento e às ações corretas. Que tristeza! Temo que muitos não vejam os apóstatas dessa maneira, nem os considerem como passíveis de conversão. Conheci uma pessoa que errou e que foi perseguida como se fosse um lobo. Ele estava errado até certo ponto, mas aquele erro se agravou e se prolongou, até que o homem assumiu uma atitude

desafiadora. A falta foi aumentada e transformada em algo duas vezes maior pelos ataques ferozes de que ele foi alvo. Sua masculinidade saiu em defesa do erro por causa da maneira violenta com que foi tratado. Aquele homem foi compelido — pecaminosamente, admito — a adotar uma atitude extrema, porque não conseguiu tolerar que o acusassem publicamente, em vez de procurar arrazoar com ele. Quando um homem comete um erro na vida, geralmente acontece que sua falta é anunciada a todo mundo, comentado de boca em boca e aumentada até que aquele que errou se sente degradado, perde o amor-próprio e comete pecados ainda mais terríveis. O objetivo de alguns crentes parece ser a amputação do membro, em vez da cura. A justiça reinou, em vez da misericórdia! Fora com ele! Ele está sujo demais para ser lavado, doente demais para ser curado. Esse procedimento não está de acordo com a mente de Cristo nem com o modelo das igrejas apostólicas.

Nos dias de Tiago, se alguém se desviasse da verdade e da santidade, havia irmãos que buscavam sua restauração e cuja alegria era salvar uma alma da morte e cobrir uma multidão de pecados. Há algo muito significativo nesta expressão: “Meus irmãos, se algum de vós se desviar da verdade...” (Tg 5.19). Esse versículo assemelha-se a outro: “E cuida de ti mesmo, para que não sejas tentado também” (Gl 6.1); que também é similar a esta exortação: “Assim, aquele que pensa estar em pé, cuidado para que não caia” (1Co 10.12). Quem errou foi um de vocês; sentava-se à mesa da comunhão; dava conselhos a vocês. Ele foi enganado e, por meio da perspicácia de Satanás, foi seduzido. Entretanto, não o julguem severamente e, acima de tudo, não deixem que ele pereça sem clemência.

Se algum dia ele foi salvo, ele é seu irmão, e é seu dever trazer de volta o pródigo e fazer que o coração do Pai se alegre. Apesar de todos os seus erros, ele é um filho de Deus. Vá atrás dele e não descanse até trazê-lo de volta para casa. E, se ele não for um filho de Deus, se a conversão que ele professou foi um erro ou um fingimento, se ele apenas confessou, mas nunca teve a santidade vital, mesmo assim persiga-o com um amor que importuna; um amor que lembra como será terrível o seu julgamento por ter tido a ousadia de portar-se como hipócrita e profanar as coisas santas com mãos impuras. Chore por ele, principalmente se o considerar um obstinado impostor, pois então haverá sete vezes mais motivos para o choro. Se não conseguir resistir à ideia de que ele nunca foi sincero, mas se infiltrou na igreja sob a capa de uma falsa profissão de fé, digo: entristeça-se ainda mais por ele, porque sua ruína será ainda mais terrível. E lembre-se das palavras:

“... se algum de vós se desviar da verdade e *alguém* o reconduzir a ela”. Alguém quem? Um ministro? Não, um dos irmãos. Se o ministro for o meio usado para a restauração do apóstata, ele será um homem feliz e terá feito uma boa obra. Mas nada é dito aqui concernente aos pregadores ou pastores, nem mesmo uma alusão é feita — é deixado em aberto para qualquer membro da igreja. E a inferência que se pode fazer, creio eu, é esta: todo membro de igreja que vir seu irmão desviando-se da verdade ou errando na prática, deve se dispor, no poder do Santo Espírito, a converter esse pecador especial e tirá-lo do erro do seu caminho.

Certamente você deve cuidar dos que não são da fé, porém jamais negligencie seus irmãos. É dever de cada membro do corpo de Jesus Cristo, e não só de determinados oficiais eleitos pelo voto da igreja, buscar o bem de todos os membros do corpo. Há certos casos em que esse dever é ainda mais imperativo. Por exemplo, no caso de um jovem crente que se desviou, seus pais, se forem crentes, têm sete vezes mais obrigação de buscar a conversão do filho apóstata.

No caso de um marido, ninguém ganhará mais com a restauração do que sua esposa, e a mesma norma se aplica à esposa. Da mesma forma, no caso de uma amizade, aquele que for mais próximo do apóstata, acima de todos, deveria pastorear o pródigo com um zelo cordial. Você deve agir dessa maneira com todos os cristãos, mas principalmente com aqueles sobre os quais exerce influência, adquirida por intimidade, relacionamento ou por outro meio qualquer.

Suplico que cuidem uns dos outros no Senhor, e, quando virem um irmão cair em alguma falta, “vós, que sois espirituais, deveis restaurar essa pessoa com espírito de humildade”. É seu dever não negligenciar esta ordem.

Devemos nos alegrar por saber que a tentativa de converter um homem que se desviou da verdade é um esforço em que podemos ter esperança; podemos esperar ter sucesso. E, quando o sucesso vier, será motivo de muita alegria. Realmente, é uma grande alegria salvar um pecador que anda perdido pelo mundo, mas a maior das alegrias é encontrar uma ovelha perdida que pertencia ao aprisco e tristemente havia se desviado. É uma grande coisa transformar um pedaço de latão em prata, mas para a mulher pobre foi alegria suficiente encontrar uma moeda de prata, que antes também era prata e que tinha o selo do rei; a moeda que havia sido perdida e fora achada.

É uma grande festa trazer um estrangeiro e adotá-lo como um filho, mas o banquete mais festivo e a música mais alta são para o filho que sempre foi

filho, mas durante um tempo foi um filho pródigo, e depois de ter sido considerado perdido, e depois de ter sido considerado morto, foi achado vivo. Por isso, digo: repiquem os sinos pela volta do apóstata; repiquem até que o campanário trema e balance. Alegrem-se duplamente por aquele que se desviou e estava prestes a perecer, mas agora foi restaurado. João alegrou-se quando encontrou o apóstata, mas amargurado, Pedro — que havia negado seu Mestre. João o animou e consolou e ficou ao lado dele até que o Senhor lhe dissesse: “Simão, filho de Jonas, tu me amas?”.

Trazer de volta um apóstata pode não parecer algo tão esplendoroso quanto salvar uma meretriz ou um bêbado. Mas, aos olhos de Deus, esse não é um milagre menor da graça divina, nem um conforto pequeno para quem foi usado como instrumento. Busque, então, aqueles dentre nós que se desviaram, busque aqueles que permanecem na congregação, mas desgraçaram a igreja e estão postos à parte — e com razão — por não tolerarmos sua impureza; busque-os com orações, com lágrimas e súplicas, para que, porventura, Deus lhes conceda arrependimento para que possam ser salvos.

19

Os que semeiam em lágrimas

SALMOS 126

Chorando. O que essa palavra significa? Assim como na primeira parte do versículo, “aquele que sai” (Sl 126.6), vemos a forma de serviço do homem, aqui percebemos um pouco a respeito de seu modo de ser. Ele sai chorando. O homem que tem probabilidade de sucesso é alguém com paixões semelhantes às nossas; não um anjo, mas um ser humano, porque ele chora. De fato, ele é um homem de verdade; é um homem de fortes paixões, que chora porque seu coração é sensível. O homem que dorme, que se contenta em não fazer nada e se satisfaz em não obter nenhum resultado, não é aquele que trará os feixes.

Os homens que Deus escolhe geralmente não são os que têm grande capacidade de raciocínio e vasta inteligência, mas sim os de coração sincero, de natureza profunda, com alma capaz de desejar, arfar, ansiar, ofegar e palpitar. O que faz que um homem de verdade possa chorar é algo muito grande. As lágrimas não brotam com tanta facilidade para a maioria de nós. Mas o homem que não consegue chorar não pode pregar — pelo menos, se ele não sente as lágrimas brotarem em seu íntimo, ainda que não se mostrem exteriormente, dificilmente será capaz de lidar com os temas que Deus encarregou seu povo de tratar.

Se você quer ser útil, deve cultivar as paixões santas; deve refletir muito sobre as realidades divinas, até que elas comovam e inflamem sua alma — o fato de que as pessoas estão morrendo, de que Cristo é desonrado, de que almas não são convertidas, de que o Espírito Santo está contristado, de que o reino de Deus ainda não se estabeleceu totalmente e que Satanás ainda domina e reina, tudo isso deve ser objeto de profunda reflexão. Nosso coração deve ser agitado até que possamos dizer como o profeta: “Ah, se a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, numa fonte de lágrimas” (Jr 9.1).

O obreiro útil para Cristo é um homem terno, e não um estoico; não alguém que não se importa se as almas são salvas ou não; não alguém tão devotado à soberania divina que se torne absolutamente petrificado; mas sim alguém que sente a morte e a ruína dos pecadores como se fossem a própria morte e a própria ruína; como se somente pudesse ser feliz se eles forem felizes, ou encontrar o paraíso somente quando eles são levados para o céu. O choro, então, nos mostra que tipo de homem o Senhor da seara mais usa: um homem de coração sincero, um homem terno, um homem apaixonado pelas almas, dedicado ao seu chamado, um homem cheio de compaixão, que sofre pelos pecadores — em suma, um homem semelhante a Cristo. Não uma pedra, mas um homem que possa sentir as nossas enfermidades, um homem com coração, um homem pronto para chorar porque os pecadores não vão chorar. Mas alguém poderia perguntar: “Por que ele chora? Ele tem uma tarefa honrosa, e terá uma gloriosa recompensa!”. Ele sai chorando porque sente a própria insuficiência. Ele não sabia que era uma criatura tão fraca, até entrar em contato com o coração de outros homens. Muitas vezes, ele suspira, esmagado: “Quem é forte o suficiente para essas coisas?”. Ele achava que servir a Deus era tarefa fácil; mas, agora, seu pensamento é como o que está escrito em Josué: “Não podereis servir ao SENHOR” (Js 24.19, ARA). Todo esforço que faz revela-lhe sua falta de força natural. Ele faz bem em chorar. Ele nunca dá aulas na escola dominical, nunca ora à cabeceira dos doentes, mas aquilo de que se envergonha, depois de haver feito seu trabalho, é de não tê-lo feito melhor. Ele nunca leva uma criança pequena aos joelhos para lhe falar de Jesus, mas gostaria de ter falado de uma forma mais terna a respeito da doçura daquele que ama as criancinhas. Ele nunca está satisfeito consigo mesmo, pois se tem em alta conta, e chora ao pensar que seja um instrumento tão ruim para um Mestre tão bom.

Além disso, ele chora por causa da dureza do coração dos homens. No início, ele pensou que bastaria proclamar essas grandes verdades, e os homens saltariam de alegria. Vocês já não viram belas imagens, na capa de nossas revistas missionárias, mostrando homens respeitáveis, vestidos com terno preto, desembarcando de navios conduzidos por marinheiros devotos, trazendo Bíblias em suas mãos? E esses evangelistas bem-vestidos são cercados por turcos e chineses, por negros e povos de pele acobreada, que correm em direção à praia e pegam essas preciosas Bíblias e olham para elas como se tivessem encontrado um tesouro de valor incalculável? Ah, isso só existe naquelas imagens e em nenhum outro lugar — essas coisas não acontecem. Os nativos das ilhas bárbaras e reinos pagãos não recebem o

evangelho dessa maneira. Os arautos da cruz têm que trabalhar duro e com grande esforço, pois o evangelho que deveria ser recebido com alegria é rejeitado. Assim como não havia lugar para Cristo na estalagem quando ele veio ao mundo, não há lugar para Cristo no coração do ser humano. Sim, e isso nos faz chorar, porque onde deveria haver prontidão para aceitar, há tanta obstinação e rebeldia.

O obreiro cristão chora porque, quando vê alguns sinais de sucesso, geralmente se desaponta. As flores não se tornam frutos, ou os frutos, meio maduros, caem da árvore. Ele tem que chorar diante de Deus frequentemente, porque teme que esses fracassos possam ser o resultado de sua falta de tato ou de graça. O que me deixa espantado não é o fato de que um obreiro de Deus regue a semente com suas lágrimas; o espantoso é que ele não lamente muito mais do que lamenta. Talvez todos chorássemos mais se fôssemos mais semelhantes a Cristo, mais como deveríamos ser; e talvez o nosso trabalho tivesse resultados mais divinos, se brotasse mais da nossa alma, se *brincássemos* menos de salvar almas e nos empenhássemos mais; se nos lançássemos ao trabalho com toda a alma, força e energia do nosso ser, talvez Deus nos recompensasse muito mais.

"*... a plantar a semente*" (v. 6). Os obreiros de Deus devem proclamar o evangelho e se ater a ele. É preciso enfatizar continuamente a verdade, do modo como se apresenta na Palavra de Deus, pois nada, senão ela, irá ganhar almas. Ora, para fazer isso, os obreiros de Cristo precisam conhecer a verdade de Deus. Precisamos conhecê-la por experiência de seu poder, tanto quanto em teoria. Precisamos conhecê-la como uma verdade preciosa. Ela precisa ser para nós a preciosa semente pela qual estamos dispostos a morrer, se preciso for. Precisamos entendê-la como algo precioso, porque ela vem de Deus. Ela é preciosa porque traz a melhor das notícias para a humanidade; preciosa porque o sangue de Jesus foi aspergido sobre ela; preciosa porque Cristo a valoriza, e todos os homens santos a estimam em algo de valor incalculável. Não devemos proclamá-la com irreverência, falar de temas solenes com leviandade, proclamar o evangelho como se estivéssemos narrando um simples conto das Mil e Uma Noites ou um romance escrito para divertimento ou como passatempo. Nós, que semeamos para Deus, precisamos semear com zelo, porque a semente é muito mais preciosa do que jamais poderemos imaginar.

Trabalhe para Deus como quem sabe que a verdade é uma semente. Não fale sobre ela e depois esqueça. Não proclame o evangelho como se fosse uma pedra que permanece imóvel na terra e nunca brota. Conte a verdade

com a firme convicção de que há vida nela e que alguma coisa será gerada dela. Esteja alerta para ver isso acontecer, e você será o homem que obterá resultados.

O valor que damos à semente tem muito a ver com o resultado que obtemos. Se não amo completamente, de todo o coração, o evangelho que ensino, e se, por isso, não o ensino com zelo, não posso esperar colher meus feixes. Mas se eu, valorizando o evangelho, proclamo que ele é mais precioso que qualquer coisa e, portanto, o anuncio com a vivacidade apropriada e com uma sinceridade que me leva às lágrimas, eu sou aquele homem que voltará com cânticos de júbilo, trazendo seus feixes.

"... *voltará*" (v. 6). Qual o significado disso, senão o de que ele voltará para o seu Deus? E isso o obreiro deverá fazer depois de haver trabalhado. Você buscou uma bênção; vá e diga ao seu Deus o que fez e, se você fez por merecer a bênção, dê graças a ele. Os que saíram de Deus com sua semente, sempre voltam para ele trazendo seus feixes. Alguns homens podem ver almas se converterem e pegar a honra para si, mas não aquele que semeou em lágrimas; ele aprendeu a respeito de sua fraqueza na escola do sofrimento, e agora, ao ver os resultados, ele volta a Deus e percebe que o fato de uma única alma ter sido convertida ou convencida por meio de suas palavras tão frágeis é algo verdadeiramente maravilhoso.

"... *voltará*". Será que isso não significa, em sentido mais amplo, que Jesus voltará para o céu? De certo modo, ele saiu do céu. Seu corpo nunca havia estado lá, mas sua alma, sim. Ele teve comunhão com Deus. O céu era a sua porção e a sua herança, mas foi necessário que, durante um tempo, ele permanecesse aqui pelo bem de outros. Assim, em certo sentido, ele deixa o céu do seu repouso para ir para o campo das lágrimas, entre os filhos dos homens. Mas ele voltará. Oh, bendito seja Deus! Não somos banidos em razão do nosso serviço; somos mantidos do lado de fora dos portões de pérola durante um breve período — graças a Deus pela honra de nos ter sido permitido nos afastar das nossas alegrias por um tempo. Mas não estamos trancados do lado de fora, não fomos banidos, sem dúvida voltaremos. E este é o seu consolo: você irá, talvez, para o campo missionário, numa jornada até os pontos mais remotos da terra para servir a Deus; mas você voltará. Há uma estrada reta para o céu, que sai do mais remoto campo missionário, e nisso você pode se regozijar.

"*... voltará com cânticos de júbilo*" (v. 6). Por que ele voltará jubiloso? Creio que, finalmente, quando o serviço cristão estiver terminado e a recompensa for entregue, o trabalho árduo que experimentamos na obra de Deus, os

desapontamentos e a tristeza do coração, tudo isso será matéria-prima de um cântico eterno. Oh, como bendiremos a Deus por nos ter considerado dignos de fazer algo por Cristo! Eu fui alistado no exército que suportou o embate da batalha? O Mestre concedeu que eu segurasse o estandarte que ondulou bem alto, orgulhoso, em meio à fumaça da batalha? Ele me permitiu pular na trincheira ou escalar o barranco da fortaleza, em meio à esperança perdida? Ou me permitiu ao menos tomar conta do acampamento, enquanto a batalha era travada ao longe? Então sou grato por ele ter me permitido, de algum modo, compartilhar da glória desse conflito triunfante. E, assim como o velho soldado mostra suas cicatrizes, e os guerreiros que lutaram em muitas batalhas têm prazer em contar que estiveram com a vida por um fio, mas escaparam do risco iminente e de perigos medonhos e assustadores, nós também nos regozijamos quando voltamos a Deus para contar sobre como trabalhamos e como choramos, enquanto levávamos a preciosa semente.

Voltará com cânticos de júbilo, "*trazendo consigo seus feixes*" (v. 6). Não creio que o ceifeiro levará todos seus feixes para casa carregando-os nas costas, mas, como diz um antigo expositor, ele virá com as carroças atrás de si, com os carroções em seus calcanhares, trazendo seus feixes. Sim, são *seus* feixes. "Como assim? Todas as almas salvas pertencem a Cristo; elas são de Deus". Sim, mas apesar disso elas pertencem ao ceifeiro. Existe uma espécie de propriedade sagrada, e que Deus reconhece, no caso dos homens e mulheres que levam almas a Cristo.

O verdadeiro obreiro será um ceifeiro. Temo ter me expressado de um modo que talvez tenha dado a entender que falo apenas a pastores, mas isso não é verdade. Se você é um verdadeiro obreiro, sem dúvida participará da colheita. Por quê? Em primeiro lugar, porque a promessa de Deus diz isso. "A palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me agrada e cumprirá com êxito o propósito da sua missão" (Is 55.11). Em segundo lugar, porque a honra de Deus no evangelho exige isso. Se não houver resultados ou frutos e você tiver pregado o evangelho corretamente, a responsabilidade recairá sobre o evangelho, e os atributos de Deus estão inextricavelmente envolvidos no evangelho, que é a sabedoria de Deus e o poder de Deus. E, por acaso, pode a sabedoria de Deus ser confundida e o poder de Deus ser contido?

Além disso, a analogia com a natureza também assegura que você não pode deixar de colher. O pobre camponês cujo pequeno suprimento de grão está quase no fim, pega um pouco de trigo, que é muito precioso para ele, e, com

muitas lágrimas, lança-o ao solo nos meses de inverno. Mas Deus dá a ele uma colheita. No tempo certo, nos suaves dias de outono, ele recolhe seus feixes como recompensa por seu sacrifício. Assim será com você. Deus não zomba do agricultor. Ele indica o tempo de semear e faz chegar a época da colheita.

Lembre-se daqueles que semearam antes de você e que provaram a veracidade desse fato. Pense nos que você conheceu, que não foram infrutíferos quando gastaram sua vida na obra do Senhor, com o coração quebrantado e ferido. Lembre-se de Judson e dos milhares de Karens que hoje cantam louvores ao Salvador, a respeito de quem ele lhes ensinou. Pense em Moffat, nos *kraals* dos tswanas, que não ficou sem selos gloriosos para o seu ministério. Pense em nossas missões na Jamaica, nas maravilhas e troféus de graça nas ilhas dos mares do Sul, nas multidões que foram levadas a Cristo nas reuniões de avivamento em nossa terra e nos Estados Unidos, e você terá provas de que aqueles que sabem como ceifar e semear, e que são enviados por Deus para a semeadura, voltarão, sem dúvida, com cânticos de júbilo, trazendo os seus feixes.